



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE –  
PROFLETRAS  
UNIDADE DE ITABAIANA**



**ANA CÉLIA SANTANA MORAIS**

**RELAÇÕES DIALÓGICAS NO CONTO NEOFANTÁSTICO *O HOMEM  
DA CABEÇA DE PAPELÃO*, DE JOÃO DO RIO**

Itabaiana - SE

2024

ANA CÉLIA SANTANA MORAIS

**RELAÇÕES DIALÓGICAS NO CONTO NEOFANTÁSTICO *O HOMEM  
DA CABEÇA DE PAPELÃO*, DE JOÃO DO RIO**

Dissertação do Trabalho de Conclusão Final (TCF) apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS) – Unidade de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaiana/SE, como requisito necessário para a obtenção de título de Mestre em Letras.

**Linha de pesquisa:** Estudos da linguagem e práticas sociais.

**Orientador:** Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva.

Itabaiana - SE

2024

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

M827r Morais, Ana Célia Santana

Relações dialógicas no conto neofantástico o homem da cabeça de papelão, de João do Rio / Ana Célia Santana Morais; orientação: José Ricardo Carvalho da Silva. – Itabaiana, 2024.

169 f.; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2024.

1. Leitura. 2. Leitores. 3. Contos. 4. Crítica. Relações dialógicas. I. Silva, José Ricardo Carvalho. (orient.). II. Título.

CDU 82.09

CRB5/1882

ANA CÉLIA SANTANA MORAIS

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre no Mestrado Profissional de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho.

Aprovada em: 31/07/2024

BANCA EXAMINADORA

---

José Ricardo Carvalho da Silva

Presidente da Banca

---

Cleide Emília Faye Pedrosa

Examinadora interna ao PROFLETRAS – UFS

---

Adriana Delmira Mendes Polato

Examinadora externa à instituição

Itabaiana - SE

2024

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado saúde, coragem, fé, disposição e a oportunidade de vivenciar e concluir mais uma experiência acadêmica.

Agradeço ao meu pai José e a minha mãe Lindalva pelo amor incondicional e incentivo aos estudos.

Ao meu irmão Pedro Roberto, por me encorajar a ir em busca da concretização dos meus objetivos.

Ao meu esposo Adílio, por estar sempre me apoiando em minhas decisões e incentivando-me a realizar os meus sonhos.

A minha prima Maria Gorete, por ter compartilhado o edital do PROFLETRAS 2021 e incentivar-me a participar da seleção.

A minha amiga Valdeny, por ter me apresentado o PROFLETRAS e pela parceria na turma 2022.1.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva, pela orientação, incentivo e paciência durante o processo de construção desse trabalho.

Ao Prof. Dr. Carlos Magno, por todo o apoio durante o curso.

A secretária do PROFLETRAS-ITA, Carmen, pela atenção e prontidão nos atendimentos.

A todos os colegas de curso, pelo companheirismo, especialmente, as *Bakhtinianas* Graça e Mari, que, por meio de uma rede social, nos fortalecemos no processo de construção de nossas pesquisas.

Ao Prof. Dr. Lucas Maciel e seu canal *Saber linguagem* na plataforma do *Youtube* por tornar a compreensão à cerca dos estudos do Círculo Bakhtiniano mais acessível e compreensível.

Aos alunos do 7º ano do ensino fundamental, pela participação na pesquisa.

A CAPES pelo incentivo à pesquisa.

A todos vocês, GRATIDÃO!

*“Um país se faz com homens e livros”.*

Monteiro Lobato

## RESUMO

A formação do leitor crítico é um dos maiores desafios docente, especialmente, no campo artístico-literário, quando se assume uma abordagem interacional, explorando atividades com o gênero discursivo do conto realista fantástico. Dessa forma, a partir da organização de práticas de leitura por meio do conto fantástico de João do Rio, *O homem da cabeça de papelão*, esta pesquisa tem como objetivo investigar as possibilidades de realização de uma proposta de trabalho de leitura, explorando o posicionamento ético-valorativo do autor-pessoa, autor-criador, narrador, personagens, leitor e vozes sociais nas relações dialógicas. Para tanto, a pesquisa propõe uma análise sobre as contribuições dos estudos de Bakhtin (2011, 2016, 2020) e Volóchinov (2017, 2019) que explore as capacidades de linguagem de ressignificação valorada de acordo com Carvalho (2021). No campo da leitura do gênero discursivo, discutimos a abordagem do modo fantástico, nos aprofundamos nos estudos literários de Todorov (2007) que se dedica a compreensão da caracterização e efeito do fantástico com base na hesitação entre real e irreal, bem como os estudos de Alazraki (2001) e de Roas (2014) que evocam a compreensão do gênero neofantástico. Nesse contexto, desenvolvemos uma oficina de leitura adotando os princípios das relações dialógicas e da ressignificação valorada dos enunciados expressos pelas vozes no interior do texto e discursos externos presentes na esfera social junto ao leitor. Sob a evidência de um estudo de caso – voltado para leitura com ressignificação valorada baseada em carvalho (2021, 2023) - que explora as categorias do círculo no processo de transposição didática da leitura do texto literário, a pesquisa apresenta atividades de leitura com uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Monte Santo-BA. O trabalho tem como produto um caderno pedagógico-literário visando a compreensão ativa, ético-discursiva e valorada, contidos no conto de João do Rio. Os resultados indicam que o trabalho embasado na teoria da análise das relações dialógicas do Círculo de Bakhtin contribuiu para uma leitura ativa, responsiva e significativa auxiliando a formação crítica de um leitor.

**Palavras-chave:** conto neofantástico; relações dialógicas; capacidade de ressignificação valorada.

## ABSTRACT

The formation of a critical reader is one of the greatest challenges for teachers, especially in the artistic-literary field, when an interactional approach is taken, exploring activities with the discursive genre of the fantastic realist tale. Thus, based on the organization of reading practices through João do Rio's fantastic short story, *The Man with the Cardboard Head*, this research aims to investigate the possibilities of carrying out a reading work proposal exploring the ethical-valorative positioning of the author-person, author-creator, narrator, characters, reader and social voices in dialogical relationships. To this end, the research proposes an analysis of the contributions of Bakhtin's (2011, 2016, 2020) and Volóchinov's (2017, 2019) studies that explores the language capacities of valued re-signification according to Carvalho (2021). In the field of reading the discursive genre, we discussed the approach of the fantastic mode, delving into the literary studies of Todorov (2007) who is dedicated to understanding the characterization and effect of the fantastic based on the hesitation between real and unreal, as well as the studies of Alazraki (2001) and Roas (2014) that evoke the understanding of the neofantastic genre. In this context, we developed a reading workshop adopting the principles of dialogic relations and the valued re-signification of the statements expressed by the voices within the text and external discourses present in the social sphere with the reader. Under the evidence of a case study - focused on reading with valued re-signification based on Carvalho (2021, 2023) - which explores the categories of the circle in the process of didactic transposition of literary text reading, the research presents reading activities with a 7th grade elementary school class from a public school in the municipality of Monte Santo-BA. The product of this work is a pedagogical-literary notebook aimed at the active, ethical-discursive and valued understanding contained in João do Rio's short story. Os resultados indicam que o trabalho baseado na teoria de análise das relações dialógicas de Bakhtin contribuiu para uma leitura ativa, responsiva e significativa, auxiliando na formação de um leitor crítico.

**Keywords:** neo-fantastic short story; dialogic relations; capacity for valued re-signification.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Autor João do Rio.....	51
Figura 2- Ilustração da página do conto retirado do livro de João do Rio .....	55
Figura 3- Filme Cabeça de papelão .....	70
Figura 4- Produção inicial - Estudante 1 .....	11
Figura 5- Produção inicial - Estudante 2 .....	12
Figura 6- Produção final de conto neofantástico - Estudante 1- parte 1.....	13
Figura 7- Produção final - Estudante 1 - parte 2.....	14
Figura 8- Produção final Estudante 1 - parte 3 .....	15
Figura 9- Produção final de conto neofantástico - Estudante 2 - parte 1.....	16
Figura 10- Produção final - Estudante 2 - parte 2.....	17
Figura 11- Produção final - Estudante 2 - parte 3 .....	18

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Baseado no conto <i>O homem da cabeça de papelão</i> , de João do Rio .....	26
Quadro 2- Adaptação do quadro de TODOROV, 2007, p. 50. ....	31
Quadro 3- Relação com o conto <i>O homem da cabeça de papelão</i> , de João do Rio .....	35
Quadro 4- Baseado na teoria de Todorov (2007) e Roas (2014) sobre o Fantástico .....	43
Quadro 5- Explicação como ocorre o processo de ressignificação valorada com base em CARVALHO (2023).....	60
Quadro 6- Diálogo sobre expressões do dia a dia.....	65
Quadro 7- Produções diagnósticas dos alunos.....	67
Quadro 8- Compreensão da canção <i>Marcha soldado</i> .....	68
Quadro 9- Relação da expressão “cabeça de papelão” com a canção “Marcha soldado” .....	69
Quadro 10- Compreensão sobre a repetição da palavra “acode” .....	69
Quadro 11- Diálogo sobre o filme <i>O homem da cabeça de papelão</i> . ....	70
Quadro 12- Associação do país descrito no conto com o Brasil.....	71
Quadro 13- Julgamento da família sobre o comportamento do protagonista Antenor .....	73
Quadro 14- Análise da cabeça de Antenor .....	73
Quadro 15- Visão sobre a nova cabeça de Antenor .....	74
Quadro 16- Retorno de Antenor a relojoaria após o sucesso e aceitação social.....	76
Quadro 17- Decisão final de Antenor .....	77
Quadro 18- A mediação da professora com a turma durante a leitura do conto.....	79
Quadro 19- Dialogando sobre as reportagens pesquisadas .....	83
Quadro 20- Explorando as informações elencadas nas reportagens .....	84
Quadro 21- Dialogando se os temas das reportagens são recorrentes ou ocasionais.....	85
Quadro 22- Produção final de conto neofantástico – aluno 1 .....	86
Quadro 23- Análise dos elementos presentes na produção final do aluno 1 .....	88
Quadro 24- Produção final de conto neofantástico – aluno 2 .....	89
Quadro 25- Análise dos elementos presentes na produção final do aluno 2 .....	91
Quadro 26- Análise dos contos neofantásticos produzidos pelos alunos .....	92

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	17
2.1. RELAÇÕES DIALÓGICAS E OS ENUNCIADOS NO ÂMBITO DO GÊNERO DISCURSIVO.....	17
2.1.2. O valor das palavras e as temáticas dos enunciados na compreensão ativa .....	21
2.2. GÊNEROS DISCURSIVOS: DO FANTÁSTICO AO NEOFANTÁSTICO .....	28
2.2.1. A compreensão do conto fantástico para Todorov .....	29
2.2.2. As fronteiras do fantástico .....	30
2.2.3. O modo fantástico em Ceserani .....	31
2.2.4. O Realismo Fantástico .....	33
2.2.5. A concepção de David Roas sobre o fantástico.....	35
2.2.6. O Neofantástico em Jaime Alazraki.....	44
2.3. AUTOR-PESSOA E AUTOR-CRIADOR.....	49
2.3.1. João do Rio .....	51
2.3.2. A análise do conto .....	53
2.3.3. Conto <i>O homem da cabeça de papelão</i> .....	55
<b>3. QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA</b> .....	59
<b>4. ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	63
4.1. OFICINA DE LEITURA – ETAPA 01 – ATIVIDADE DIAGNÓSTICA.....	64
4.1.1. Análise da cantiga Marcha soldado .....	68
4.2. OFICINA DE LEITURA – ETAPA 02 – LEITURA DA ANIMAÇÃO E DA ESCRITA DO CONTO <i>O HOMEM DA CABEÇA DE PAPELÃO</i> .....	69
4.2.1. A leitura do conto <i>O homem da cabeça de Papelão</i> .....	71
4.2.2. A mediação da professora na atividade de leitura.....	78
4.3. OFICINA DE LEITURA – ETAPA 03 – PESQUISAS DE REPORTAGENS.....	82
4.4. OFICINA DE LEITURA – ETAPA 04 – PRODUÇÃO DE CONTO NEOFANTÁSTICO MEDIANTE APRENDIZAGEM NO DECORRER DAS ATIVIDADES.....	86
4.5. OFICINA DE LEITURA – ETAPA 05 – REFLEXÃO METALITERÁRIA DOS ALUNOS ..	92
4.5.1. Avaliação das atividades de realizadas .....	93
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	96
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	99
<b>ANEXOS</b> .....	102

## 1. INTRODUÇÃO

A formação do leitor crítico-reflexivo-responsivo representa um desafio significativo na prática docente, sobretudo no âmbito artístico-literário, em que se adota uma abordagem interacional dialógica. Tal abordagem discursiva não apenas estimula a interação ativa com o texto, mas também encoraja a reflexão crítica sobretudo a temas de cunho ético-axiológico. Entretanto, no ensino da leitura, podemos identificar, pelo menos, dois focos distintos: o da compreensão passiva e o da compreensão ativa. O primeiro foco, adotado pelo ensino tradicional, tem como bússola a compreensão passiva, caracterizada por uma interação superficial com o texto, na qual o leitor se limita a identificar elementos explícitos, tais como fatos, enredos e descrições, sem mergulhar nas camadas axiológicas e ideológicas manifestadas nas relações dialógicas. Essa abordagem centra-se na simples recepção do conteúdo mais abstrato, sem um engajamento crítico ou reflexivo da criação estético-literária com o mundo da vida.

Em contraste a esse tipo de interação, a compreensão ativa, foco deste trabalho, propõe uma abordagem de leitura centrada nas relações dialógicas entre os diferentes agentes que atuam em uma situação comunicativa no universo literário no qual participam: autor-pessoa, autor-criador, narrador, personagens, leitor, vozes sociais. Aqui, o leitor é incentivado a adotar uma atitude responsiva e responsável diante dos enunciados proferidos pelas diferentes entidades discursivas, engajando-se ativamente no diálogo e se posicionando axiologicamente. Essa abordagem interacional dialógica vai além da mera absorção do conteúdo, estimulando o leitor a questionar, interpretar e refletir sobre os temas apresentados, estabelecendo uma conexão estética, cognitiva e discursiva com a criação artístico-literária.

Por esse caminho, este estudo propõe a investigação de uma proposta de trabalho de leitura apoiada nas contribuições teóricas de Bakhtin (2011, 2016, 2020) e Volóchinov (2017, 2019), com especial atenção às noções de gênero discursivo e às relações dialógicas. O foco recai sobre a maneira como estas teorias podem auxiliar na construção de procedimentos didáticos voltados para a compreensão ativa a partir da transposição didática das categorias analítico-teórico-metodológicas que medeiam a prática de leitura literária no espaço escolar. Assim, busca-se implementar práticas pedagógicas que não somente ampliem a capacidade interpretativa dos alunos, como também procedimentos que ajudem a planejar percursos didáticos de leitura literária com base nas investigações de Carvalho (2021, 2023).

Ao mergulharmos na leitura de um texto literário, engajamo-nos em um processo ativo de interpretação intrinsecamente vinculado a avaliações e julgamentos sobre os atos dos agentes e seus enunciados no contexto de interação. A compreensão dessa dinâmica das relações dialógicas aponta não apenas o conteúdo temático do texto, mas também a maneira como este conteúdo é expresso, ou seja, a sua manifestação linguístico-estilística-discursiva. A escolha de palavras, a construção de frases, o ritmo e o tom – todos esses elementos estilísticos contribuem para a forma como interpretamos o texto e nos relacionamos com ele. Eles servem como pontes entre o autor e o leitor, facilitando ou desafiando a compreensão e a aceitação das ideias apresentadas.

Além disso, a forma como os temas são abordados no texto – sejam eles sociais, políticos, culturais ou filosóficos – reflete as intenções do autor e seu próprio posicionamento ético-discursivo. Esse tratamento temático convida o leitor a uma interlocução ativa, na qual o leitor não apenas absorve o conteúdo, mas também dialoga com ele, questionando, refletindo e, em muitos casos, reavaliando suas próprias percepções e valores.

Ao apreciar as várias vozes presentes na narrativa que assumem posicionamento ético-axiológico, analisamos os acentos apreciativos e marcas que apontam para atos emotivo-volitivo dos agentes em relação aos conteúdos temáticos e as ações desenvolvidas no plano das relações dialógicas. Essa apreciação não apenas proporciona uma oportunidade de se conectar com as vozes que refletem aspectos do “mundo da vida” atrelados as formas socioideológicas construídas socialmente, mas impulsiona o leitor a assumir posicionamento de compreensão responsável e responsiva diante dos atos manifestados por meio dos enunciados. Neste contexto, toda compreensão está ancorada na dinâmica social que permite a atualização dos sentidos do texto, pois, cada sujeito compreenderá e se posicionará diante do que leu a partir do seu modo de vivenciar a vida, da sua consciência individual. Assim, de acordo com Carvalho (2021),

no trabalho de leitura visa-se apreciar e refletir as tensões entre as visões de mundo diversificadas presentes no texto, através dos jogos de vozes, e através dos acentos apreciativos dado pelos interlocutores sobre os conteúdos temáticos manifestados no texto, apontando a direção argumentativa assumida na escrita e o posicionamento do leitor e da comunidade leitora sobre os agires languageiros analisados (Carvalho, 2021, p. 92).

Tomando como critério de exploração do trabalho de formação leitora para o domínio da capacidade de ressignificação valorada que aponta para um conjunto de atividades visando explorar o domínio ético-discursivo na leitura do texto literário, Carvalho (2021, p.74) observa como “as transformações humanas decorrem da participação da vida coletiva mediada pela

linguagem”, isto é, o indivíduo ocupa a posição de interlocutor, fazendo escolhas e assumindo posicionamentos sobre os enunciados. Assim, de acordo com Volóchinov (2017),

Compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas. Quanto maior for seu número, quanto mais essenciais elas forem, tanto mais profunda e essencial será a compreensão (Volóchinov, 2017, p. 232).

Ao elaborarmos procedimentos de leitura que estimule a criticidade consideramos que a ressignificação valorada aponta para o estabelecimento de juízo de valor dos enunciados pelo leitor que assume posicionamentos sobre os conteúdos e a forma como são ditas nas relações, pois, é de extrema importância buscar o reconhecimento sobre a maneira como as vozes estão organizadas no texto e como também, a percepção de propósito comunicativo do autor.

Para fazermos o trabalho de análise das relações dialógicas, escolhemos o conto neofantástico *O homem da cabeça de papelão*, de João do Rio, visto que tal texto aponta críticas sociais e, o leitor, ao acompanhar a dinâmica ético-discursiva na trajetória dos personagens vai ampliando sua consciência referente às temáticas representadas nas relações dialógicas.

Este conto, com sua estrutura neofantástica, serve como um rico campo de estudo para explorar como as interações entre personagens, enunciados e o contexto sociocultural ampliam a consciência do leitor sobre as temáticas abordadas. Nesse sentido, a escolha deste texto não é arbitrária, mas intencional, dada sua capacidade de provocar reflexões profundas sobre a sociedade e a condição humana por meio de suas relações dialógicas intrincadas. Integrando as perspectivas de pensadores como Tzvetan Todorov, David Roas e Jaime Alazraki ao nosso estudo, buscamos enriquecer nossa análise com a compreensão teórica do fantástico e do neofantástico. Todorov (2007), em seu tratamento do fantástico, destaca a hesitação experimentada pelos personagens e leitores diante do inexplicável, um aspecto fundamental que *O homem da cabeça de papelão* aborda. David Roas (2014), por sua vez, aprofunda-se nos mecanismos através dos quais o neofantástico desestabiliza a realidade, uma estratégia literária que João do Rio emprega para questionar as normas e valores sociais. Jaime Alazraki (2001), conhecido por seu trabalho sobre a narrativa do neofantástico, contribui para nossa análise ao elucidar como esse gênero explora e transgredir os limites da realidade, permitindo uma crítica social de forma alegórica.

Ao desenvolver nossa análise, observamos a presença dos traços estilísticos do gênero fantástico e neofantástico. Sendo assim, pretendemos não apenas desvendar as camadas de significados presentes no conto de João do Rio, mas também situar a moldura que permite

analisar os enunciados no âmbito da criação estética literária. Isso nos permite não só compreender as particularidades da obra em questão, como também apreciar como ela se insere e dialoga com tradições literárias mais amplas. Dessa maneira, esperamos fornecer elementos para a construção de percurso didático para a leitura com ressignificação valorada do conto em questão, destacando o poder do fantástico e do neofantástico de provocar reflexões e questionamentos ético-estético-discursivos.

O conto problematiza grandes temas humanos e atuais, como a questão da autenticidade do ser, a partir da demanda do outro e do uso de determinadas máscaras sociais para ser aceito e inserido na sociedade. Um exemplo disso é o protagonista Antenor, de *O homem da cabeça de papelão*, que passa a ser aceito e respeitado socialmente quando assume a cabeça de papelão. Consideramos o texto extremamente adequado para a fase da adolescência, público-alvo do nosso trabalho, visto que os participantes da oficina estão no processo de formação. Realizamos nossa pesquisa em uma turma do 7º ano, etapa final do Ensino Fundamental, em uma escola municipal do município de Monte Santo, Bahia.

Adotamos como metodologia de pesquisa o estudo de caso, testando a nova abordagem metodológica de leitura de ressignificação valorada proposta por Carvalho (2021-2023). Essa abordagem realiza a transposição didática das categorias analítica-discursivas do círculo de Bakhtin, com o objetivo de explorar possibilidades de práticas de ensino da leitura focadas na compreensão ativa e em uma abordagem dialógica.

Dessa forma, nossa pesquisa apresenta como objetivo investigar as possibilidades de realização de uma proposta de trabalho de leitura, explorando o posicionamento ético-valorativo do autor-pessoa, autor-criador, narrador, personagens, leitor e vozes sociais nas relações dialógicas. Para alcançar este objetivo geral, delineamos os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar a aplicabilidade da proposta de leitura com ressignificação valorada das categorias analítico-discursivas de Bakhtin no contexto da leitura literária em sala de aula, determinando como estas podem enriquecer a compreensão e a interação dos estudantes com o texto literário.
2. Implementar uma oficina de leitura que utilize *O homem da cabeça de papelão* como texto central, com o objetivo de promover uma experiência de leitura que engaje os alunos em uma interpretação ativa, refletindo sobre os aspectos valorativos e ideológicos envolvidos na atividade leitora;

3. Observar a interação dos alunos com o texto e a discussão em grupo, contribuindo para a formação de leitores críticos, reflexivos e responsivos;
4. Analisar as relações dialógicas entre os agentes ético-discursivos no conto, relacionando-os com outros textos e contextos;
5. Avaliar o processo de transposição didática das teorias do Círculo de Bakhtin para o ensino da leitura literária, considerando os desafios na experiência realizada em uma classe de 7º ano;
6. Propor práticas pedagógicas de ensino da leitura literária com ressignificação valorada, apresentando uma experiência de oficina em um caderno pedagógico.

A presente dissertação se estrutura em quatro capítulos, sendo que o segundo e o quarto capítulos apresentam subseções em sua composição. No primeiro capítulo, intitulado **Introdução**, o contexto e os objetivos da pesquisa são estabelecidos.

O segundo capítulo dedica-se à construção da **Fundamentação teórica**, *explorando as relações dialógicas e os enunciados no âmbito do gênero discursivo*. O foco recai sobre o valor das palavras e das temáticas dos enunciados para a ativação da compreensão. A seguir, o capítulo aborda os gêneros discursivos sob a ótica do fantástico e do neofantástico, com base em autores como Todorov (2007), Cesarani (2006), Roas (2014) e Alazraki (2001). Por fim, discute-se a distinção entre autor-pessoa e autor-criador, com ênfase na obra de João do Rio e análise específica do conto *O homem da cabeça de papelão*.

O terceiro capítulo, **Questões teórico-metodológicas da pesquisa**, detalha o caminho seguido pela pesquisa, explicando o estudo de caso do tipo exploratório, realização de um estudo piloto que fundamenta etapas de uma oficina literária e procedimentos utilizados para a obtenção e análise dos dados da pesquisa aplicada com alunos do 7º ano de uma escola pública rural em Monte Santo, Bahia.

Finalmente, a **Análise dos dados** é apresentada no quarto capítulo, seção em que são detalhados os resultados das oficinas de leitura e as percepções dos alunos. As **Considerações finais** sintetizam as principais conclusões do estudo, destacando a importância das relações dialógicas na formação de leitores críticos e criativos. A dissertação inclui também referências bibliográficas, anexos e apêndices que complementam a pesquisa, fornecendo um panorama do processo investigativo e dos resultados alcançados.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. RELAÇÕES DIALÓGICAS E OS ENUNCIADOS NO ÂMBITO DO GÊNERO DISCURSIVO

O Círculo de Bakhtin apresenta categorias fundamentais para a teoria da comunicação discursiva, com ênfase nas relações dialógicas. Essas relações se referem às interações entre as vozes de diferentes interlocutores na construção do discurso. Em sua essência, o dialogismo transcende os limites da linguagem e da lógica formal, envolvendo-se na produção de sentidos. Nessa perspectiva, dois enunciados, mesmo distantes no tempo ou no espaço, podem convergir ou divergir em seus significados ao abordarem um tema comum no plano das relações dialógicas.

As relações dialógicas são interações discursivas constitutivas da linguagem emitidas pelo autor-pessoa, autor-criador, narrador, personagens, leitor e vozes sociais por meio de enunciados. Cada enunciado tem sua própria individualidade e traz consigo uma carga de significados, valores e intenções do sujeito que o emite de maneira única. De acordo com Bakhtin (2016, p. 92), “as relações dialógicas são relações (de sentidos) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados no plano do sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica”. Tal visão aponta para as determinações do gênero na construção dos enunciados.

Gêneros discursivos enquanto categorias que englobam tipos relativamente estáveis de enunciados, sejam eles orais ou escritos, refletem as especificidades e finalidades de diferentes campos da atividade humana. Esses gêneros do discurso são regulados não apenas pelo conteúdo temático, mas também pelo estilo da linguagem e pela construção composicional dos enunciados. De acordo com Bakhtin (2016), a relação entre conteúdo, estilo e construção composicional é indissolúvel, delineando uma unidade complexa ao enunciado.

Nesse contexto, o conceito de enunciado se estende desde breves réplicas do diálogo cotidiano até formas mais complexas como romances, pesquisas científicas e documentos oficiais. Essa heterogeneidade resulta da multiplicidade de possibilidades na atividade humana e da constante evolução dos modos de discurso à medida que a sociedade se desenvolve. Diante dessa amplitude, Bakhtin propõe:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades das multifacetadas atividades humanas e porque em

cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade. Cabe salientar em especial a extrema *heterogeneidade* dos gêneros do discurso (orais e escritos) (Bakhtin, 2016, p.12).

Segundo Bakhtin (2016), os gêneros discursivos desempenham um papel fundamental na compreensão da linguagem e da interação verbal, destacando a relação intrínseca entre os diferentes campos da atividade humana e os gêneros do discurso. Nesse sentido, o teórico afirma que:

O estudo da natureza dos enunciados e dos gêneros discursivos é, segundo nos parece, de importância fundamental para superar as concepções simplificadas da vida do discurso, do chamado "fluxo discursivo, da comunicação, etc., daquelas concepções que ainda dominam a nossa linguística. Além do mais, o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) as palavras e orações (Bakhtin, 2016, p. 22).

Bakhtin (2016) destaca a distinção entre gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos). Os gêneros secundários, como romances, dramas e pesquisas científicas, surgem em condições de convívio cultural mais complexo e organizado. Eles incorporam e reprocessam gêneros primários que se formaram nas condições da interação discursiva imediata. Nesta formulação, o enunciado, para Bakhtin (2016), é uma unidade da comunicação discursiva que se diferencia da frase linguística tradicional. Enquanto a frase é uma unidade estática e isolada, o enunciado é uma unidade dinâmica e relacional, que se constitui na interação entre sujeitos do discurso. Ele é marcado por sua orientação ao outro, pela intencionalidade comunicativa e ainda por sua capacidade de evocar uma resposta do interlocutor, carregando consigo uma intenção comunicativa, uma mensagem destinada a um ouvinte, que é parte integrante do gênero discursivo.

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos (Bakhtin, 2016, p.20).

Bakhtin (2016) enfatiza que os gêneros discursivos funcionam como mediadores entre a evolução social e as transformações linguísticas, sugerindo que os enunciados não apenas refletem, mas também influenciam as mudanças na sociedade e na linguagem. Assim, o falante se relaciona no espaço e no tempo por meio de enunciados concretos em gêneros discursivos específicos. Dessa maneira, quando se exerce o diálogo ocorre a participação de um ato ético e

de responsabilidade. Isso significa que, ao dialogar, os interlocutores não apenas trocam ideias, mas também assumem responsabilidades sobre o que dizem e como influenciam o outro e a situação.

Para Bakhtin (2016), a compreensão não é um processo passivo de decodificação de mensagens, mas uma atividade ativa e dialógica que envolve a interação entre o enunciado proferido pelo falante, o interlocutor e o contexto histórico-cultural-social e experiencial.

Em outras palavras, quando nos engajamos na compreensão de um texto, seja ele oral ou escrito, estamos na verdade participando de uma troca viva, na qual o significado não é transmitido de forma linear do emissor para o receptor, mas é co-construído através das interações. Essas interações são influenciadas pelas experiências anteriores, pelas expectativas e pelo mundo vivencial tanto do produtor quanto do receptor do texto.

Observamos essa alternância dos sujeitos do discurso de modo mais simples e evidente no diálogo real, em que se alternam os enunciados dos interlocutores (parceiros do diálogo), aqui denominados réplicas. Por sua precisão e simplicidade, o diálogo e a forma clássica de comunicação discursiva. Cada réplica, por mais breve e fragmentaria que seja, tem uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação a qual se pode assumir uma posição responsiva (Bakhtin, 2016, p.29).

Bakhtin (2016) destaca que cada enunciado é um elo da comunicação, refletindo e sendo influenciado por outros enunciados. Essa inter-relação dialógica confere ao discurso uma natureza dinâmica e interativa, onde a compreensão é ativamente responsiva e prehe de resposta, pois, a relação dialógica com o outro é essencial para a compreensão e interpretação plena das vozes alheias e sua inserção na comunicação discursiva, refletindo a complexidade e a riqueza dos gêneros discursivos.

Nesse contexto, para que haja o entendimento dos enunciados é preciso que se acompanhe as relações dialógicas entre os agentes de linguagem, observando o processo de significação a partir da alternância dos indivíduos do discurso emoldurando os enunciados na comunicação discursiva.

No que concerne à compreensão passiva, segundo Bakhtin (2016), esse processo ocorre quando o interlocutor apenas absorve o enunciado, sem questioná-lo ou dialogar com ele. Nesse sistema, o enunciado é recebido de forma unilateral, sem uma interação significativa com o contexto ou com outros enunciados. Essa ação está voltada ao reconhecimento das informações, as estruturas do texto, em que o indivíduo é capaz de resumir a história.

Bakhtin ressalta que a compreensão passiva não é desprovida de valor, pois todo enunciado, mesmo quando recebido de forma passiva, traz consigo uma carga de significados

culturais, históricos e sociais que podem influenciar a percepção e a interpretação do interlocutor. No entanto, essa forma de compreensão tende a ser limitada, pois não aproveita o potencial dialógico e interativo da linguagem.

Em contrapartida, a compreensão ativa se configura como uma forma de participação engajada no diálogo. Ela permite ao interlocutor contribuir ativamente na construção de significados, enriquecendo e complexificando o processo de interação. Essa contribuição se dá por meio dos posicionamentos axiológicos que os agentes de linguagem assumem nas situações de conversação, diante de um tema expresso por enunciados que revelam ações ético-discursivas. Nesse processo, a análise dos valores nas relações subjacentes é percebida pelo leitor/ouvinte, que, por sua vez, toma um posicionamento avaliativo. Tal posicionamento pode, inclusive, levar a uma mudança de visão da realidade e do comportamento.

Os enunciados estão intrinsecamente ligados às relações dialógicas, por meio das interações significativas entre diferentes sujeitos do discurso. Cada enunciado, para Bakhtin (2016), é único e irreprodutível, refletindo a singularidade de cada situação comunicativa e de cada sujeito do discurso. Esta singularidade é fundamental para a constituição dos gêneros discursivos, pois cada enunciado carrega consigo as marcas das relações dialógicas.

Os enunciados que compõem os gêneros discursivos são sempre orientados ao outro, carregando uma intencionalidade comunicativa específica. Esta orientação é fundamental para a constituição dos gêneros discursivos, pois determina a forma como as vozes alheias se relacionam e interagem dentro de um mesmo gênero.

Assim sendo, os gêneros discursivos se dão por meio da interação humana entre os sujeitos, sendo que esses indivíduos estão sempre criando estabelecidos padrões de fala e de escrita relativamente estáveis auxiliando a comunicação. Seja pela oralidade ou pela escrita, toda vez que falamos ou escrevemos, nós produzimos enunciados, contudo, eles estão sempre sob a forma típica de um gênero discursivo específico. Para Bakhtin (2016, p.20).

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos.

Os gêneros discursivos são como exemplares que estruturam a fala, dando forma e direção ao que se quer dizer. Eles também desempenham um papel importante na compreensão mútua. Mesmo quando se expressa a individualidade por meio do discurso, os gêneros discursivos fornecem uma estrutura flexível e adaptável a comunicação, permitindo ajustar a

linguagem de acordo com o contexto e a situação de interação. Isso significa que se pode adaptar a linguagem de acordo com a situação e o público, escolhendo o gênero mais apropriado para a ocasião.

### 2.1.2. O valor das palavras e as temáticas dos enunciados na compreensão ativa

As palavras estão presentes em todo ato de compreensão e de interpretação, constituindo um conjunto de valores. A noção de valoração é de base ideológica, isto é, ideias interligadas através das relações dialógicas cotidianas a partir da realidade concreta que por meio da interação verbal, assume um significado ideológico em forma de discurso carregando consigo uma expressividade entonativa e valorativa.

Segundo Volóchinov (2017, p. 100) “a palavra é o material mais usado da comunicação cotidiana”. Nesse sentido, cada enunciação ocorre sempre e necessariamente dentro de um contexto cultural imbuído de significados e valores, e é sempre um ato de resposta, de tomada de posição. Quando interagimos, refletimos por meio de nossas ideologias uma carga valorativa constituída através dos nossos enunciados correlacionando a outras posições discursivas.

Conforme Volóchinov (2019, p. 4), o discurso é formado dentro de um contexto social específico e, por isso, é influenciado por ideologias e valores, manifestando-se através de enunciados. Em outras palavras, a linguagem sustenta e evidencia o caráter social do discurso, que é moldado pela ideologia e pelos valores resultantes dela.

A partir da maneira pela qual fazemos a entonação dos enunciados, passamos por um processo de avaliação social contida através das palavras transmitidas que estão imbuídas de uma carga enfaticamente valorativa, isto é, a mesma palavra dita por diferentes sujeitos pode expressar tons diferentes e adquirir significações e juízos de valor diversos.

Nesse contexto, entendemos que a palavra surge em outras situações além da linguagem da vida, com a qual permanece mais intimamente ligada. Uma palavra expressivamente entonada é repleta de sentido no contexto da interação. De acordo com Volóchinov (2019, p.79), “a enunciação se apoia em sua relação real e material a um mesmo fragmento da existência, atribuindo a essa comunidade material uma expressão ideológica e um desenvolvimento ideológico posterior”, tornando-se uma enunciação significativa da vida real.

No que concerne à comunidade das valorações, todos os falantes são contemporâneos. Dessa maneira, fazer uma reavaliação assim estabelecida, determina a escolha das próprias palavras e a forma do discurso como um todo, pois, a entonação cria uma forte conexão entre as falas e seu contexto extralinguístico, de forma que a entonação viva parece guiar as palavras

além dos limites da linguagem, ou seja, sempre encontra a linha entre o limite dos enunciados, entre o que foi dito e o que não foi dito.

A palavra é a essência da comunicação social ativa. Nesse contexto, cada expressão verbal ou escrita resulta da interação entre três partes: o falante (autor), o ouvinte (leitor) e o tema ou personagem discutido (protagonista). Como enfatiza Volóchinov (2019, p. 286), "todo enunciado cotidiano depende da situação e de como esta determina a orientação social para o ouvinte-participante dessa situação". Portanto, a palavra se configura como um fenômeno social, e sua entonação tem um papel fundamental na construção do enunciado, seja ele cotidiano ou literário.

Nesse sentido, Volóchinov (2019, p.85) nos diz que "a entonação concreta nasce, vive e morre no processo de interação social entre os participantes da enunciação. Seu significado e forma são geralmente definidos pela forma e caráter dessa interação". Assim, a entonação fica na fronteira entre as partes vivas e pronunciadas da fala, pois a própria pronúncia reflete a interação social entre falante, ouvinte e protagonista, e se torna o produto e a fixação de sua interação viva no material da palavra.

No processo de compreensão ativa, podemos observar a interação por meio dos enunciados constituídos de significação e tema. A significação, como aparato técnico de construção de sentido em um texto, refere-se à maneira pela qual as palavras, frases e elementos linguísticos são utilizados para transmitir significado e criar nuances na comunicação. Na literatura, especialmente em contos e outros tipos de narrativa, a significação desempenha um papel essencial na criação de uma experiência de leitura rica e envolvente. Já os temas podem ser diversos e muitas vezes são construídos por meio das relações dialógicas entre personagens, eventos e elementos do enredo. Através da análise das interações entre personagens, autor-criador e autor-contemplador, é possível se observar processos de construção de sentido do ponto de vista ético-estético e cognitivo.

No âmbito ético-estético, as interações entre os personagens muitas vezes refletem os valores, dilemas e conflitos humanos universais. As escolhas morais, os conflitos internos e as relações interpessoais traçam um panorama da complexidade da natureza humana. Por meio da interação, os personagens podem ilustrar dilemas éticos, desafios morais e nuances psicológicas que convidam os leitores a refletir sobre suas próprias atitudes e comportamentos. Além disso, a relação entre o autor-criador e o mundo que construiu também é permeada por escolhas estéticas que moldam a atmosfera, o estilo narrativo e a perspectiva que conduzem a experiência do leitor.

Nos enunciados, o acento apreciativo desempenha um papel fundamental na construção de sentido e na transmissão de significado além das palavras isoladas. Ao enfatizar uma palavra específica, seja por meio da entonação vocal, itálico ou negrito na escrita, os falantes ou escritores têm a capacidade de direcionar a atenção do público para uma parte específica da mensagem.

Todo esse tema gerado em torno da narrativa é sustentado por uma significação. Assim, de acordo com Volóchinov (2017, p.228), “o tema do enunciado é definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem – palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação –, mas também pelos aspectos extraverbais da situação”, ou seja, a maneira como as palavras são entoadas e valoradas mediante um contexto, elas proporcionam uma compreensão ativa desses enunciados de forma que o sujeito as ressignifique na sua vivência social.

Precisamos entender a significação pelas relações que as palavras estabelecem naquele texto/enunciado como nos é apresentado, pois o grau superior de análise nessa hierarquia é o tema. Nesse sentido, o ponto principal para entender a ideia do tema é compreender que esse se renova a cada interação discursiva, isto é, quando lemos ou falamos algo, ainda que usando as mesmas palavras. Diante disso, Volóchinov (2017, p. 232) afirma que:

[...] compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas. Quanto maior for o seu número, quanto mais essenciais elas forem, tanto mais profunda e essencial será a compreensão. [...]. A compreensão busca uma *contrapalavra* à palavra do falante. Apenas a compreensão de uma palavra estrangeira busca “exatamente a mesma” palavra em sua língua.

Em muitos casos, a entonação define o sentido e a significação de um enunciado. Contudo, no que se refere ao acento apreciativo e ao horizonte social da narrativa, algumas palavras que são pronunciadas por nós ou pelos personagens envolvidos na trama, têm determinado valor, pois a dinâmica interacional discursiva pertencente à palavra situada entre os falantes, no processo de compreensão responsiva, nos possibilita entender a carga significativa presente no enunciado a partir da sua valoração.

Diante disso, Volóchinov (2017) nos faz entender que a avaliação social do enunciado por meio da entonação correspondente não pode exceder os limites próximos que se fazem presentes no mundo social íntimo. Segundo o autor (2017, p. 236), “a avaliação social tem uma enorme importância, mesmo em um enunciado com um sentido mais amplo e apoiado em um vasto auditório social”.

A entonação expressiva é a concretização da avaliação que demarca valoração social e individual nos enunciados. Ela está ancorada na fala cotidiana, sendo essencial por eminência para a interação verbal. Assim, a avaliação por meio da entonação expressiva é de suma importância, pois, ela indicará o posicionamento axiológico em relação aos temas referidos.

Cada elemento que constitui um enunciado vivo não só significa, como também avalia. Somente um elemento abstrato que fizer parte do sistema da língua e não da estrutura do enunciado, pode aparecer privado de avaliação. Apenas a avaliação possui criatividade para a mudança das significações, pois, em se tratando dessas mudanças, possibilitamos fazer uma reavaliação, ou seja, a permutação de vocábulos de um âmbito valorativo para outro. Dessa forma, não se pode fazer a separação da significação da avaliação porque essa é essencial na compreensão da formação do tema e de significações realizadas por ele.

No conto *O homem da cabeça de papelão* de João do Rio, a expressão entonativa desempenha um papel fundamental na construção do significado e na transmissão das nuances da narrativa. Através da análise das interações entre personagens e da escolha estilística do autor, podemos observar como a entonação concreta dá vida às palavras, criando uma atmosfera única e influenciando a interpretação do leitor.

Quando João do Rio apresenta na narrativa o termo “País do Sol” (Rio, 1920, p.4). A princípio temos uma carga valorativa positiva, por conduzir o leitor a pensar em um país de luz, transparente em suas ações políticas e sociais, no entanto, quando o autor aborda que mesmo sendo “país do sol, mas às vezes chove semanas inteiras” (Rio, 1920, p.4) o valor dessas palavras já ganha novos sentidos apontando que é um país sombrio, que veneram a mentira, a corrupção, a desonestidade, ou seja, características que são contrárias a claridade que se espera de um país do sol.

O autor-criador em seu processo de escolha de palavras pode utilizar expressões irônicas não apenas em relação à representação do país descrito no texto, mas também na maneira como se refere ao protagonista da narrativa, Antenor, ao afirmar que "é doido, mas bom" (Rio, 1920, p. 32). Isso demonstra uma forte carga valorativa na descrição da bondade do personagem. Nesse sentido, Volóchinov (2017, p. 228) orienta que,

O enunciado tem uma significação diferente a cada vez que ele é pronunciado e, conseqüentemente, em nossa terminologia, tem um tema diferente, a depender da situação histórica concreta (histórica é uma dimensão microscópica) na qual é pronunciado e a qual pertence em essência.

Ao justificar a entonação nas relações dialógicas, é fundamental reconhecer que a comunicação humana vai além do conteúdo literal das palavras. A entonação pode indicar ironia, entusiasmo, sarcasmo, dúvida ou uma série de outras emoções e atitudes, enriquecendo a interação e proporcionando uma compreensão mais completa. Por exemplo, um simples “ótimo” pode expressar entusiasmo genuíno ou desinteresse dependendo da entonação utilizada. Assim, Volóchinov (2017, p. 258) informa que:

O enfraquecimento ativo das fronteiras do enunciado pode partir do contexto autoral, que penetra no discurso alheio com suas entonações, humor, ironia, amor ou ódio, enlevo ou desprezo. Esse tipo é característico do Renascimento (principalmente na língua francesa), do final do século XVIII e de quase todo o século XIX. O dogmatismo autoritário e racional da palavra, aqui, é absolutamente enfraquecido. Predomina um certo relativismo de avaliações sociais, extremamente benéfico para uma percepção positiva e aguçada de todas as nuances individuais e linguísticas do pensamento, da convicção e do sentimento.

Ainda em referência às relações dialógicas do conto de João do Rio, no que concerne aos enunciados da personagem Maria Antônia, moça cujo Antenor tem interesse amoroso, ao demonstrar uma condição para aceitar o namoro com o rapaz, ela faz uso de termos que desqualificam a fala do jovem, pois ao dizer para o protagonista que “só casa com ele se tomar juízo” (Rio, 1920, p. 37) a mulher convence Antenor a mudar de comportamento ao trocar de cabeça. Assim, ela não aceita a personalidade verdadeira dele e provoca-o a agir diante do que é imposto pelas vozes alheias, sociedade, isto é, ser, agir como os demais. Nesse contexto, Volóchinov (2017, p. 106) informa que:

A palavra participa literalmente de toda interação e de todo contato entre as pessoas: da colaboração no trabalho, da comunicação ideológica, dos contatos eventuais cotidianos, das relações políticas etc. Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social. É bastante óbvio que a palavra será o indicador mais sensível das mudanças sociais, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando, onde elas ainda não se constituíram em sistemas ideológicos organizados. A palavra é o meio em que ocorrem as lentas acumulações quantitativas daquelas mudanças que ainda não tiveram tempo de alcançar uma nova qualidade ideológica nem de gerar uma nova forma ideológica acabada. A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam.

Entendemos que os acentos apreciativos são os julgamentos de valores que os personagens e o autor estão dando aos objetos, aos acontecimentos e aos participantes da narrativa. Quando usamos uma determinada palavra estamos fazendo julgamento de valor, quando se usa uma palavra com acento apreciativo estamos realizando uma valoração diante de uma atitude, de uma ação.

No quadro abaixo apresentamos alguns enunciados do Conto *O homem da cabeça de papelão* de João do Rio, com a presença de acentos apreciativos que valoram a ação do jovem no decorrer da narrativa.

**Quadro 1-** Baseado no conto *O homem da cabeça de papelão*, de João do Rio

<b>Apresentação de Antenor pelo narrador antes de possuir a cabeça de papelão</b>	<b>Percepção inicial de como as pessoas o julgavam</b>	<b>Acentos Apreciativos no início da narrativa</b>	<b>Como as pessoas passaram a ver Antenor com a cabeça de papelão</b>	<b>Acentos Apreciativos</b>
Antenor só dizia a verdade.	Considerado como alguém desarranjado, maluco e divergente da norma social.	Visto como uma ameaça à norma social por sua insistência na verdade.	Tornou-se bem-sucedido, ganhou amigos e uma pequena fortuna.	Visto como bem-sucedido e respeitável pela sociedade.
Antenor agia de modo diferente, pensava livremente e não seguia as convenções sociais.	Visto como um rapaz alarmante, indigno, e um "enfant terrible".	Percebido como subversivo e inquietante por sua liberdade de pensamento.	Adorado, estimado pelos parentes e companheiros, eleito deputado e respeitado pelos patrões.	Admirado e respeitado pela sociedade e pelos colegas.
Antenor exercia diversas profissões, mas era mal aceito pelos colegas e patrões.	Tinha fama de doido, intolerável e desobediente.	Considerado um elemento perturbador no ambiente de trabalho por sua inovação e sinceridade.	Tornou-se querido dos patrões burgueses e dos operários, eleito deputado e estimado pelos parentes.	Reconhecido e aceito amplamente.
Antenor era honesto, trabalhador e cheio de ideias, mas não conseguia emprego.	Considerado perigoso para a norma do serviço, despedido de diversos empregos.	Julgado como perigoso e indesejável devido à sua inovação e dedicação excessiva.	Ganhou amigos, jogava pôquer com políticos importantes e vendeu feijão bichado para os exércitos aliados.	Respeitado e bem-sucedido na sociedade.
Antenor ria diante das adversidades e mantinha sua integridade.	Era visto como um sujeito incompreensível.	Percebido como um estranho resiliente e incorruptível.	Regulava-se conforme as expectativas sociais, fazia mal e mentia.	Considerado como bem ajustado e confiável.
Antenor se apaixonou por Maria Antônia.	Visto como mais uma prova de seu	Julgado como irracional e sonhador.	A reputação de Antenor melhorou,	Respeitado e admirado pela sociedade.

	desarranjo cerebral.		tornou-se um homem respeitado.	
--	----------------------	--	--------------------------------	--

Fonte: produzido pela autora.

Podemos acompanhar no quadro como Antenor é percebido e nomeado no decorrer do texto, ganhando valorações distintas devido aos fatos exibidos por meio da linguagem antes e depois da troca de cabeça. Para Volóchinov (2017), a valoração em torno dos enunciados enfatiza que cada palavra utilizada na fala concreta carrega, além de seu significado objetivo, um acento apreciativo que reflete a atitude subjetiva do falante (narrador e personagens). No caso de Antenor, antes de adquirir a cabeça de papelão, sua honestidade e comportamento divergente são vistos negativamente, pois as pessoas o caracterizam como desarranjado e subversivo. Sua capacidade inovadora e sinceridade no trabalho são desvalorizadas, e sua resiliência é percebida como estranha e incompreensível. As escolhas amorosas do protagonista também são desacreditadas, destacando um julgamento crítico de sua racionalidade e adequação social.

O narrador do conto *O homem de cabeça de papelão* enuncia Antenor de maneira que revela uma tensão entre a perspectiva individual do personagem e a voz coletiva da população que o critica. Ao exibir essas críticas, o autor revela a hipocrisia e a rigidez da sociedade, ao mesmo tempo em que cria uma tensão narrativa entre a voz do protagonista e a voz da sociedade que o cerca.

Após adquirir a cabeça de papelão, a percepção de Antenor muda drasticamente. Ele passa a ser visto como bem-sucedido, respeitável e admirado, mostrando como a conformidade com as expectativas sociais pode alterar significativamente a valoração de um indivíduo. Essa transformação ilustra a complexidade dos acentos apreciativos e como eles influenciam as interpretações sociais e individuais, revelando a interação entre linguagem, contexto social e subjetividade, conforme discutido por Volóchinov (2017). A transformação de Antenor ao adquirir a cabeça de papelão, e a subsequente mudança na percepção da população, serve para sublinhar a superficialidade e a mutabilidade dos acentos apreciativos sociais.

Nesse âmbito, compreendemos que as relações dialógicas entre os personagens em uma narrativa servem para que o valor das palavras seja moldado pela interação entre os participantes (personagens), pois cada enunciado é uma resposta a outros enunciados, refletindo tomadas de posição, ideologias e valorações. As palavras, nesse contexto, tornam-se veículos de significados compartilhados e, ao mesmo tempo, instrumentos de diferenciação e expressão individual.

## 2.2. GÊNEROS DISCURSIVOS: DO FANTÁSTICO AO NEOFANTÁSTICO

Os gêneros discursivos estão em constante transformação. No caso do conto fantástico, podemos acompanhar suas mudanças ao longo do tempo, culminando no que hoje conhecemos como neofantástico. Essa transição foi marcada pela introdução de uma visão mais ideológica e social, antes restrita ao mundo da fantasia. Em seguida, surgiu a noção de hesitação entre o real e o irreal, culminando na ideia do absurdo, ou seja, da própria sociedade como geradora do neofantástico e palco de discussões ideológicas sobre as relações interpessoais. Essa evolução corrobora a teoria de Bakhtin (2016) sobre a transformação dos gêneros discursivos, visto que:

O termo fantástico (do latim *phantastica*, por sua vez do grego *phantastikós*, os dois oriundos de *phantasia*) refere-se ao que é criado pela imaginação, o que não existe na realidade, o imaginário, o fabuloso, aplica-se, portanto, melhor a um fenômeno artístico, como é a literatura, cujo universo é sempre ficcional por excelência, por mais que queira aproximá-la do real (Rodrigues, 1998, p. 9).

Segundo Todorov (2007), o fantástico na literatura se desenvolveu na Europa no século XIX, quando floresciam a ciência e a razão como explicações para os fenômenos naturais. O surgimento da literatura fantástica foi uma subversão, que questionou toda apreciação da razão, noções de realidade e verdades universais e absolutas, a noção de uma realidade única e inalterável pela introdução de fenômenos sobrenaturais.

O gênero fantástico pode ser definido como uma categoria literária que engloba uma ampla variedade de manifestações. Essas obras criam universos imaginários e apresentam características comuns, como a existência de magia, criaturas sobrenaturais e eventos extraordinários, além da incerteza. Referente a essa discussão, Carvalho (2021, p. 223) enfatiza que:

Nos contos fantásticos vigoram relatos imprecisos, insólitos e ambíguos que não configuram a intenção de fugir do sentido literal. Ao terminar uma leitura de conto inscrito nesse modo literário, o leitor se sente impactado e estupefato diante das tensões exploradas na trama. [...] O insólito e o acontecimento estranho podem promover hesitação, levando o leitor a questionar as possibilidades de sua existência.

Uma das marcas do gênero fantástico é ocultar informações para criar suspense ou curiosidade diante do desfecho. Para garantir o suspense e a incerteza, o escritor deve projetar cuidadosamente o texto e pedir ao leitor que siga as pistas linguísticas e as projeções declarativas do texto. Além dos aspectos mencionados acima, também é necessário entender a lógica da fantasia na criação de significado. As reflexões aqui apresentadas demonstram as

complexidades da leitura desse tipo de conto, pois o gênero tenta produzir incerteza, alienação e surpresa ao convergir para os recursos expositivos da literatura fantástica. Sendo assim, o fantástico utiliza profundamente as potencialidades fantasiosas da linguagem, a sua capacidade de carregar de valores imbuídos nas palavras, além de formar a partir delas uma realidade.

O fantástico narra acontecimentos que são capazes de integrar o leitor com o mundo das personagens a partir da percepção ambígua dos fatos narrados, de modo que a hesitação provoque o ser a questionar os fenômenos que contradizem as leis naturais promovendo uma série de indícios secundários, permitindo ao indivíduo ir em busca de uma explicação do que está sendo contado pressupondo uma percepção das ideologias colocada pelo autor de maneira que essas ressignifiquem a visão de mundo do sujeito leitor.

### 2.2.1. A compreensão do conto fantástico para Todorov

Para Todorov (2007), gênero fantástico é fundamentado na breve duração de uma hesitação: um instante em que tanto o leitor quanto o personagem devem decidir se os eventos narrados pertencem à "realidade" ou à fantasia. Por esse caminho, Todorov demonstra que o fantástico está na fronteira entre o estranho e o maravilhoso.

Ao finalizar a história, o leitor, se o personagem não o tiver feito, toma entretanto uma decisão: opta por uma ou outra solução, saindo assim do fantástico. Se decidir que as leis da realidade ficam intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra pertence a outro gênero: o estranho. Se, pelo contrário, decide que é necessário admitir novas leis da natureza mediante as quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso. O fantástico tem pois uma vida cheia de perigos, e pode desvanecer-se em qualquer momento. Mais que ser um gênero autônomo, parece situar-se no limite de dois gêneros: o maravilhoso e o estranho (Todorov, 2007, p.23).

O gênero fantástico está à beira dos domínios do estranho e do maravilhoso, sendo evidenciado em diversos subgêneros que exploram o sobrenatural explicado e o sobrenatural aceito. Nesses dois contextos, o efeito do fantástico é transitório, ocorrendo apenas durante parte da leitura. O fantástico desafia a norma ao introduzir elementos sobrenaturais que desestabilizam a compreensão do leitor e das personagens sobre a realidade. Nesse sentido, a duração limitada do fantástico está diretamente ligada à suspensão temporária da compreensão racional, em que se permite a coexistência de explicações contraditórias para os eventos narrados.

Todorov (2007, p.31-32) apresenta o fantástico como “a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural”. O autor define o fantástico como um estado intermediário entre o maravilhoso e o estranho,

onde a hesitação entre uma explicação racional e uma sobrenatural é a essência da narrativa. Esse conceito é fundamental para entender a dinâmica do gênero fantástico, onde os limites entre o real e o imaginário se tornam turvos, desafiando a compreensão do leitor.

No contexto do fantástico, Todorov (2007) apresenta o gênero fantástico como uma forma peculiar de narrativa que desafia as fronteiras entre o real e o imaginário. O autor identifica o fantástico como um gênero devido a sua habilidade única de explorar o desconhecido e o sobrenatural de uma maneira que transcende as convenções narrativas tradicionais, além de operar em um espaço liminar, onde a ambiguidade e a incerteza reinam supremas, enquanto outros gêneros, como o realismo ou a ficção científica, têm suas próprias regras e limitações definidas.

O fantástico ocupa o tempo desta incerteza. Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho: o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural. O conceito de fantástico se define pois com relação ao real e imaginário, e estes últimos merecem algo mais que uma simples menção (Todorov, 2007, p. 15-16).

Todorov (2007) argumenta que a hesitação entre uma explicação racional e uma sobrenatural é o cerne do gênero, provocando uma tensão narrativa que mantém o leitor engajado e intrigado. Ao desafiar as noções preconcebidas de realidade e fantasia, o fantástico convida o leitor a questionar suas próprias percepções e crenças, tornando-se assim um terreno fértil para a reflexão e a especulação.

O autor ainda destaca que o fantástico é um gênero de transição, situado entre o estranho e o maravilhoso. Essa transitoriedade confere ao fantástico uma dinâmica única, onde os limites entre o possível e o impossível são constantemente negociados e redefinidos. Ao final da narrativa fantástica, uma resolução deve ser alcançada, mas essa resolução nem sempre é definitiva ou satisfatória, deixando espaço para interpretações diversas e múltiplas camadas de significado.

### 2.2.2. As fronteiras do fantástico

Na literatura fantástica de acordo com Todorov (2007), há a presença de três elementos-chave: o estranho, o fantástico (puro) e o maravilhoso. O estranho refere-se a eventos que podem ser explicados dentro do quadro da realidade conhecida. O maravilhoso, por outro lado, desafia as leis da natureza de forma explícita e incontestável. O fantástico reside nesse espaço

intermediário, onde eventos aparentemente sobrenaturais são apresentados, mas a possibilidade de uma explicação racional não pode ser descartada.

**Quadro 2-** Adaptação do quadro de TODOROV, 2007, p. 50.

Estranho	Fantástico	Maravilhoso
----------	------------	-------------

Fonte: Produzido pela autora.

O estranho, como Todorov propõe, envolve situações que, embora inicialmente possam parecer inexplicáveis ou anormais, eventualmente recebem explicações plausíveis dentro dos limites da realidade convencionalmente aceita. Este elemento capitaliza a ambiguidade inicial, mas resolve os enigmas e as situações incomuns de maneira que permanecem firmemente ancoradas no mundo real. Assim, o estranho proporciona ao leitor um desvio temporário do ordinário, mas reafirma a normalidade ao reintegrar o fenômeno dentro das leis naturais conhecidas.

Em contraste, o maravilhoso situa-se no extremo oposto do espectro. Neste domínio, os eventos apresentados desafiam abertamente e de forma irrefutável as leis naturais e a própria realidade. Aqui, o sobrenatural é aceito como uma parte integral do universo da narrativa, sem necessidade de qualquer justificção racional. Os fenômenos maravilhosos não apenas desafiam as explicações lógicas; eles são aceitos pelos personagens (e frequentemente pelo leitor) sem questionamento, consolidando um universo narrativo onde o impossível se torna possível.

Entre esses dois extremos encontra-se o fantástico puro, que Todorov considera como o coração da literatura fantástica. Este elemento é caracterizado por uma hesitação palpável, tanto por parte dos personagens quanto dos leitores, entre uma explicação natural e uma sobrenatural para eventos inexplicados. O fantástico puro alimenta-se dessa incerteza, mantendo o leitor em um limbo interpretativo. Ao contrário do estranho, que termina com uma resolução dentro dos limites do real, e do maravilhoso, que abraça o sobrenatural sem reservas, o fantástico puro sustenta uma tensão contínua e irresoluta entre as possíveis interpretações do real e do irreal.

### 2.2.3. O modo fantástico em Ceserani

O modo fantástico surgiu na literatura colocando à disposição da imaginação humana diversas maneiras e possibilidades de produção, formação e organização de novos significados

referentes a novos textos relacionados à comunicação social. O que caracteriza o fantástico são as relações discursivas constituídas em cada época, a partir dos exemplos da realidade presente na linguagem criativa, como também no envolvimento do leitor por meio dos procedimentos narrativos.

Bessière (2012) argumenta que não existe uma “linguagem fantástica” intrínseca, mas sim que o relato fantástico se define em contraposição a discursos dominantes de diferentes épocas, como o teológico, iluminista, espiritualista ou psicopatológico. O relato fantástico age como um desfazedor desses discursos, operando a partir de dentro para desmontá-los.

Analogamente, o relato fantástico é descrito como o oposto negativo de narrativas como as de milagres ou iniciação, onde tanto o desejo quanto a loucura podem ser temas centrais, e autores como Sade são considerados dentro deste gênero pela maneira como subvertem e desconstruem os discursos estabelecidos. Ao contrário de outras formas narrativas, como o conto de fadas ou o relato iluminista, que estão ligados a sistemas de crenças ou a uma moral final, o relato fantástico se destaca por criar um universo onde os eventos são concebíveis apenas dentro de sua própria lógica, desconectados de qualquer significado pré-fixado, cultivando imagens e linguagens que desafiam interpretações convencionais ou realidades estabelecidas.

Diferentemente de Todorov (2007) que classifica o fantástico como gênero, o autor Ceserani (2006) adota uma abordagem mais ampla, concebendo o fantástico como um modo literário que transcende os limites dos gêneros tradicionais. Ele argumenta que o fantástico não se limita a uma série de temas ou tramas específicas, mas é caracterizado por sua capacidade de criar um ambiente de ambiguidade e incerteza, operando na interseção entre o real e o irreal, visando desafiar as fronteiras da racionalidade e explorando os recessos da imaginação humana. Para o autor, “o modo fantástico é usado para organizar a estrutura fundamental da representação e para transmitir de maneira forte e original experiências inquietantes à mente do leitor” (p. 11).

Ainda para o escritor italiano, “o modo fantástico quando ele apareceu na cena literária e artística, ele colocou à disposição da imaginação humana possibilidades novas de produzir, dar forma, organizar, investir de significado novos textos confiados à comunicação social”. De acordo com essa teoria de Remo Ceserani (2006, p.68),

O modo fantástico começou a se concretizar em uma série de textos e de formas justamente em um momento em que a experiência narrativa da Europa moderna chegava a um primeiro estágio de maturidade. Por trás dos primeiros textos do fantástico, há a multiforme experiência narrativa do século XVIII, um século que podemos considerar o tempo das grandes descobertas e das entusiasmadas

experimentações de todas as formas possíveis da narratividade. No século XVIII, foram exploradas quase todas as potencialidades da narração até o limite do jogo e da paródia.

O modo fantástico, para Ceserani (2006), é mais do que apenas uma categoria de obras literárias; é uma maneira particular de abordar a escrita que desafia as convenções narrativas e estimula a imaginação do leitor. Ele enfatiza a importância da linguagem, da estrutura narrativa e da interação entre autor e leitor na criação do efeito fantástico. Para o autor, o modo fantástico na literatura se distingue por uma abordagem única da linguagem que se opõe à ideia de “transparência” e “transitividade” prevalente no século XVII, na qual as palavras eram vistas como meros instrumentos neutros para descrever a realidade. Em contraste, o modo fantástico explora as “potencialidades criativas” da linguagem, onde as palavras não apenas descrevem, mas também têm o poder de criar realidades.

Desse modo, se Todorov (2007) se concentra na definição do fantástico como um gênero específico com características distintas oferecendo uma estrutura conceitual sólida de identificação desse tipo de narrativa, Ceserani (2006) amplia o objetivo do conceito, sugerindo que o fantástico, como um modo literário mais abrangente, pode ser encontrado em uma variedade de formas literárias e contextos narrativos, ampliando nossa compreensão ao entender, que esse tipo de texto transcende as fronteiras dos gêneros tradicionais. Juntos, esses dois teóricos nos permitem apreciar a riqueza e a complexidade do fantástico como uma forma de expressão única e fascinante.

#### 2.2.4. O Realismo Fantástico

O Realismo Fantástico refere-se a um gênero literário que se caracteriza por inserir elementos fantásticos ou sobrenaturais no contexto da realidade cotidiana, como se fosse um elemento normal, criando uma atmosfera de estranheza e ambiguidade visando à expressão das emoções por meio de uma atitude específica frente à realidade.

O conto realista fantástico é um subgênero literário que mescla elementos do realismo com elementos fantásticos. Esses elementos são apresentados de forma natural e aceita pelos personagens e pelo leitor, como parte do cotidiano. Uslar Pietri (1948, p.162 – tradução nossa), enfatiza que “o que veio a predominar no conto e deixar sua marca de maneira perdurável foi a consideração do homem como mistério em meio aos dados realistas. Uma adivinhação poética ou uma negação poética da realidade”.

Dessa forma, o conto realista fantástico cria um universo em que a realidade e o fantástico coexistem harmoniosamente. Nesse sentido, Corrêa (2011, p. 66-67) comenta que:

A narrativa fantástica, ao invés de apresentar mundos novos, dissociados da realidade, faz uso da vida cotidiana, apresentando sua problemática através da abordagem do comportamento humano. [...] Inicialmente, no século XVIII, o insólito era produzido no nível semântico; entre os séculos XVIII e XIX, exigia a presença de um elemento sobrenatural, sendo que o medo era provocado a partir da figura de um monstro ou um fantasma, demonstrando que a angústia sempre habitava o ambiente externo; no século XIX, a dimensão psicológica das personagens passou a ser mais explorada e o sobrenatural foi substituído por imagens assustadoras advindas da loucura, de alucinações ou pesadelos, sendo que a angústia habitava o interior do próprio sujeito e, finalmente, no século XX, o fantástico infiltrou-se no nível sintático, criando incoerências entre elementos da vida comum, com a angústia frente ao surgimento do absurdo.

No que diz respeito às questões temáticas, a busca constante pela identidade pode ser percebida nos textos de realismo fantástico, assim como as tentativas de conectar o homem com o mundo natural e remeter às suas origens históricas e culturais. Ao ler e analisar esses textos, o leitor pode aceitar o inusitado sem surpresa, pois ele pode acreditar nessas falsas imagens criadas por narrativas fantásticas porque está condicionado a recebê-las e aceitá-las sem questionar.

Essa realidade, manifestada por meio de fenômenos inusitados, é justamente a realidade que mais negamos porque nos incomoda. A realidade apresentada é tão absurda que chega a ser inacreditável, e a fantasia por sua vez leva à assimilação de fatos, justamente porque esses são apresentados através da ficção e parecem serem mais verossímeis.

O realismo fantástico nos permitir ver o absurdo que precisa ser negado na vida cotidiana, mas que na fantasia podemos enfrentá-lo sem diluir o verdadeiro poder de sua experiência absurda, porque, no ritmo do mundo de hoje, a vida humana é em grande parte mecanizada, incorporada, controlada, fora de contexto e, às vezes, a fantasia é mais crível.

O fantástico surge na literatura com a importante função de desnaturalizar a barbárie e colocar diante dos olhos do leitor o mundo em que vive, o absurdo que o cerca, a estranheza que, muitas vezes, norteia sua vida, pois, em um mundo onde a brutalidade e a crueldade tomam conta das relações humanas, as coisas mais desumanas são tratadas com naturalidade, mesmo sem perceber.

No que se refere ao conto de João do Rio (1920), *O homem da cabeça de papelão*, podemos caracterizá-lo como um conto realista fantástico por apresentar em sua narrativa elementos reais, que são vivenciados pela sociedade contemporânea, retratando bem os conflitos sociais que fazem parte do nosso cotidiano, como também os princípios axiológicos e ético-valorativos que vão se transformando no espaço e no tempo na narrativa que conduzem o leitor a uma reflexão crítica.

**Quadro 3-** Relação com o conto *O homem da cabeça de papelão*, de João do Rio

<b>Característica do Realismo Fantástico</b>	<b>Exemplo no Conto <i>O homem da cabeça de papelão</i></b>
Integração natural do Fantástico	A substituição da cabeça de <i>Antenor</i> por uma de papelão é apresentada de maneira natural e aceita pela sociedade, sem questionamentos.
Ausência de explicações	A possibilidade de trocar a cabeça por uma de papelão é aceita sem questionamentos ou explicações lógicas, focando-se nas consequências sociais e psicológicas dessa ação.
Foco nas reações humanas e sociais	O conto explora as reações da sociedade e do próprio <i>Antenor</i> à sua transformação, destacando as dinâmicas sociais e o conflito entre autenticidade e conformidade.
Subversão de expectativas	O conto desafia as expectativas narrativas tradicionais, misturando o cotidiano com o fantástico de forma que questiona as normas sociais e a identidade pessoal.
Metaforização do Fantástico	A cabeça de papelão serve como metáfora para a conformidade e a perda da individualidade, refletindo críticas mais amplas à sociedade e à modernidade.

Fonte: Produzido pela autora

Este quadro ressalta como *O homem da cabeça de papelão* utiliza elementos fantásticos para discutir temas profundos sobre a sociedade e a natureza humana, características essenciais do Realismo Fantástico. Nesse sentido, o elemento fantástico expõe posicionamentos ideológicos a partir da criação de fatos hipotéticos que entram na esteira da vida cotidiana, desconstruindo relações reificadas e preestabelecidas. A narrativa realista fantástica usa quadros de referência socioculturais e as formas pelas quais o senso comum define os campos do natural e do sobrenatural. A fantasia, então, constrói um universo das palavras e o enquadramento do chamado mundo real, mas para nos mostrar a falsidade desse mundo: a justaposição de várias verdades causa hesitação e quebra de convenções.

A sociedade descrita na história é caracterizada por superficialidade, hipocrisia e conformidade. A aceitação de Antenor pela sociedade após a troca de sua cabeça real por uma de papelão revela o subconsciente coletivo da sociedade, que valoriza a aparência e o conformismo acima da verdade e da autenticidade. A cabeça de papelão simboliza a perda de identidade e individualidade em favor da aceitação social. Isso reflete o desejo subconsciente do indivíduo de ser aceito, mesmo à custa de sua essência verdadeira.

### 2.2.5. A concepção de David Roas sobre o fantástico

O teórico espanhol David Roas nos apresenta uma nova visão para o contexto da literatura fantástica. Ao definir esse contexto de literatura, o escritor ressaltou que o fantástico não pode ser confundido com uma fantasia simples. Para o autor, o fantástico

nutre-se do real, é profundamente realista, porque sempre oferece uma transgressão dos parâmetros que regem a ideia de realidade do leitor. Para conseguir esse efeito, é necessário estabelecer, em primeiro lugar, uma identidade entre o mundo ficcional e a realidade extratextual. Mas não basta reproduzir no texto o funcionamento físico dessa realidade, que é condição indispensável para produzir o efeito de fantástico; é preciso que o espaço da ficção seja uma duplicação do âmbito cotidiano em que está situado o leitor. Ele deve reconhecer e se reconhecer no espaço representado pelo texto. Por isso o fantástico é inquietante, constitui uma subversão do nosso mundo (Roas, 2014, p. 24).

Nesse contexto, Roas (2014) discorre que a aparição de um fenômeno sobrenatural para alguns críticos é condição para que se tenha a presença do efeito fantástico, contudo, isso não significa que a aparição de todo elemento sobrenatural na literatura seja fantástica. Ele menciona que para narrativa ser fantástica que mova e interrogue a tranquilidade do mundo real. O teórico considera:

A maioria dos críticos coincide em assinalar que a condição indispensável para que se produza o efeito fantástico é a presença de um fenômeno sobrenatural. Mas isso não quer dizer que toda a literatura com intervenção do sobrenatural deva ser considerada fantástica. Nas epopeias gregas, nos romances de cavalaria podemos encontrar elementos sobrenaturais, mas essa não é uma condição *sine qua non* para a existência de tais subgêneros. Em comparação a esses, a literatura fantástica é o único gênero literário que não pode funcionar sem a presença do sobrenatural. E o sobrenatural é aquilo que transgride as leis que organizam o mundo real, aquilo que não é explicável, que não existe, de acordo com as mesmas leis. Assim, para que a história narrada seja considerada fantástica, deve-se criar um espaço similar ao que o leitor habita, um espaço que se verá assaltado pelo fenômeno que transtornará a sua estabilidade. É por isso que o sobrenatural vai supor sempre uma ameaça à nossa realidade, que até esse momento acreditávamos governada por leis rigorosas e imutáveis. A narrativa fantástica põe o leitor diante do sobrenatural, mas não como evasão, e sim, muito pelo contrário, para interrogá-lo e fazê-lo perder a segurança diante do mundo real (Roas, 2014, p. 30-31).

Na interação entre o sobrenatural e o real em um mundo presumidamente ordenado e estável, a narrativa fantástica, instiga e, conseqüentemente, reflete a incerteza na percepção da realidade e do eu. A presença do impossível, de uma veracidade distinta da nossa, suscita dúvidas gerando, em relação a isso, a incerteza acerca de nossa própria existência. O irreal é concebido como real, e o real, como uma possível irrealidade. Nesse contexto, a literatura fantástica evidencia a ausência de validade absoluta do racional e a possibilidade da existência, sob a realidade estável e delimitada pela razão na qual vivemos, de uma autenticidade diferente e incompreensível, alheia à lógica racional que sustenta nossa segurança e tranquilidade. Isto é,

a literatura fantástica revela a validade relativa do conhecimento racional, iluminando uma esfera humana onde a razão inevitavelmente falha.

Roas (2014) destaca a singularidade da literatura fantástica, sendo o único gênero que não pode prescindir do sobrenatural para funcionar. De acordo com o autor, o relato fantástico, para ser eficaz, deve criar um espaço narrativo semelhante ao mundo do leitor, que será então invadido por fenômenos desestabilizadores. O sobrenatural, nesse contexto, é sempre uma ameaça à realidade, desafiando suas leis aparentemente imutáveis. O objetivo do fantástico é confrontar o leitor com o sobrenatural, levando-o a perder a segurança em relação ao mundo real, sendo esse fenômeno irreduzível e insusceptível de assimilação.

Ainda visando entender a dimensão realista do conto fantástico, o autor espanhol David Roas (2014), delineia uma perspectiva contemporânea dessa categoria - o conto neofantástico - levando em conta as transformações culturais e literárias do século XXI. Nessa definição, o crítico destaca algumas características-chave que diferenciam o conto neofantástico do fantástico tradicional. Roas sustenta que a definição de Todorov não consegue abranger todas as narrativas que são tradicionalmente classificadas como fantásticas. Ele sugere que uma definição mais abrangente, que inclua tanto a ambiguidade quanto a certeza do sobrenatural, é necessária. O autor destaca a importância do contexto sociocultural na definição do que é considerado sobrenatural, um aspecto que ele acredita que Todorov não aborda suficientemente.

O teórico Roas (2014) enfatiza que no fantástico tradicional o real se funde com a fantasia, a fim de perturbar a compreensão do leitor sobre a realidade. Ele destaca a importância da participação ativa do leitor na criação do efeito fantástico, ressaltando que o texto deve estabelecer uma identidade entre o mundo ficcional e a realidade extratextual para que o leitor se reconheça no ambiente representado. Esta abordagem transforma seres e eventos sobrenaturais em ferramentas simbólicas que os autores utilizam para refletir sobre questões humanas, sociais, políticas e psicológicas. Por exemplo, um fantasma em uma história pode simbolizar algo além de sua presença espectral; pode representar a memória, a culpa, ou a incapacidade de superar o passado. Roas defende que a literatura fantástica, por meio de suas metáforas e alegorias, é uma forma poderosa da arte literária questionar fatos da condição humana e da vida social.

Para Roas, o texto deve estabelecer uma identidade entre o mundo ficcional e a realidade extratextual do leitor, fazendo com que ele se reconheça no ambiente representado. Isso envolve não apenas a descrição física do espaço ficcional, mas também a linguagem utilizada para transmitir a sensação de estranheza e desconforto que permeia o conto fantástico.

Ao contrário do fantástico tradicional, que muitas vezes se mantém dentro de fronteiras da fantasia e o real, o conto neofantástico incorpora elementos de diferentes gêneros literários, como horror, ficção científica, realismo mágico, entre outros. Essa fusão de estilos e temas contribui para a originalidade e a complexidade das narrativas. Para o crítico, “o neofantástico responderia a uma concepção inédita da realidade, segundo a qual à margem do racional existiria outra realidade que, em determinadas ocasiões, se imiscui no devir da primeira” (Roas, 2014, p.125).

Segundo Roas (2011), o gênero fantástico possui uma proposta intrinsecamente desestabilizadora, buscando abalar as fronteiras da normalidade, confrontar as crenças compartilhadas pela sociedade e colocar em xeque as formas tradicionais de compreensão da realidade. O sobrenatural desempenha um papel fundamental na perturbação da ordem cotidiana, desafiando as certezas e expectativas do leitor. Esse elemento de estranheza intrínseca ao sobrenatural cumpre a função de questionar as percepções estabelecidas, deixando tanto o narrador quanto o leitor em um estado de incerteza e perplexidade.

Desestabilizar os limites de segurança, problematizar as convicções coletivas, questionar a validade dos sistemas de percepção da realidade comumente admitidos, ou seja, não é apenas o aspecto sobrenatural que caracteriza o fantástico, mas a forma como esse fenômeno se manifesta a partir de um universo muito próximo do que é de fato real.

O conto fantástico tem como principal elemento envolver fortemente o leitor possibilitando-o adentrar ao mundo que para ele se torna familiar, pacífico, aceitável, para posteriormente, fazê-lo lançar dispositivos da desorientação, do medo, da surpresa, suscitando no leitor um diálogo significativamente consciente e valorado. Nesse sentido, o teórico espanhol David Roas (2014) esclarece que:

[...] para que a história narrada seja considerada fantástica, deve-se criar um espaço similar ao que o leitor habita, um espaço que se verá assaltado pelo fenômeno que transtornará sua estabilidade. É por isso que o sobrenatural vai supor sempre uma ameaça à nossa realidade, que até esse momento acreditávamos governada por leis rigorosas e imutáveis. A narrativa fantástica põe o leitor diante do sobrenatural, mas não como evasão, e sim, muito pelo contrário, para interrogá-lo e fazê-lo perder a segurança diante do mundo real (Roas, 2014, p. 31).

Roas (2014) explora a ideia de como a narrativa fantástica cria um ambiente que é semelhante ao mundo real em que o leitor vive. Esse ambiente familiar e cotidiano é fundamental para a eficácia do gênero fantástico, pois proporciona um contraste vívido quando o elemento sobrenatural entra em cena. A narrativa fantástica não busca a evasão do leitor para

um mundo completamente imaginário, mas sim perturba a percepção do leitor sobre a realidade que ele conhece.

O sobrenatural é apresentado como uma ameaça à estabilidade da realidade que o leitor acreditava ser regida por leis racionais e previsíveis. Quando o fenômeno sobrenatural surge nesse espaço cotidiano, ele desestabiliza as convicções do leitor e o confronta com o inexplicável. A narrativa fantástica não apenas introduz o sobrenatural como um elemento isolado, mas o faz de forma a questionar a segurança e a compreensão que o leitor tinha da realidade. Ao fazer isso, a narrativa fantástica não é uma mera fuga da realidade, mas sim uma forma de desafiar o leitor a reavaliar sua própria percepção do mundo ao seu redor. Dessa forma, o gênero fantástico convida o leitor a um estado de questionamento e insegurança diante do mundo real, promovendo uma reflexão mais profunda sobre as fronteiras da realidade e da imaginação.

Outro aspecto destacado por Roas (2014) é a reflexão metalinguística presente no conto neofantástico. Isso significa que essas narrativas frequentemente exploram questões relacionadas à própria natureza da narrativa e da ficção. Elas podem incluir reflexões sobre o processo de escrita, a relação entre autor e leitor, ou a natureza da realidade e da representação. Essa metaficcionalidade adiciona uma dimensão reflexiva à narrativa, convidando o leitor a questionar as fronteiras entre o real e o imaginário. Em sua abordagem, ele se concentra no papel central do elemento sobrenatural dentro de um contexto realista, que é essencial para a construção do efeito fantástico. Roas define o gênero fantástico como aquele em que ocorre a presença de um fenômeno sobrenatural que transgride as leis do mundo real, provocando incerteza e questionamento na percepção da realidade tanto para os personagens quanto para os leitores.

Fazendo uma relação do conto de João do Rio, *O homem da cabeça de papelão* com a visão de Roas (2014) sobre a literatura fantástica, podemos identificar elementos que corroboram e ampliam as reflexões do teórico espanhol. Antenor, o protagonista, é um indivíduo que desafia as normas sociais ao agir de maneira sincera e verdadeira, recusando-se a se conformar com as expectativas da sociedade. Essa característica faz com que ele seja considerado como tendo uma “cabeça desarranjada” pelos outros personagens, refletindo a noção de que o sobrenatural (ou, neste caso, a mente fora dos padrões) representa uma ameaça à ordem estabelecida.

[...] Antenor ria. Antenor tinha saúde. Todas aquelas desditas eram para ele brincadeira. Estava convencido de estar com a razão, de vencer. Mas, a razão sua, sem interesse chocava-se à razão dos outros ou com interesses ou presa à sugestão dos alheios. Ele via os erros, as hipocrisias, as vaidades, e dizia o que via. Ele ia fazer o

bem, mas mostrava o que ia fazer. Como tolerar tal miserável? Antenor tentou tudo, juvenilmente, na cidade. A digníssima sua progenitora desculpava-o ainda.

— É doido, mas bom.

Os parentes, porém, não o cumprimentavam mais. Antenor exercera o comércio, a indústria, o professorado, o proletariado. Ensinara geografia num colégio, de onde foi expulso pelo diretor; estivera numa fábrica de tecidos, forçado a retirar-se pelos operários e pelos patrões; oscilara entre revisor de jornal e condutor de bonde. Em todas as profissões vira os círculos estreitos das classes, a defesa hostil dos outros homens, o ódio com que o repeliam, porque ele pensava, sentia, dizia outra coisa diversa.

— Mas, Deus, eu sou honesto, bom, inteligente, incapaz de fazer mal...

— É da tua má cabeça, meu filho. [...] (Rio, 1920, p.30-34).

A entrada de Antenor na “relojoaria e outros maquinismos delicados de precisão” simboliza sua tentativa de se encaixar na norma social, buscando ajustar sua cabeça como se fosse um relógio desregulado. A sugestão do relojoeiro de substituir sua cabeça desarranjada por uma de papelão ilustra a ideia de que a sociedade muitas vezes prefere a ilusão da normalidade à verdade incômoda. A cabeça de papelão, embora não seja real, representa uma conformidade superficial que permite a Antenor ganhar aceitação social, mas ao custo de sua autenticidade.

Como tomar juízo? Como regular a cabeça? O amor leva aos maiores desatinos. Antenor pensava em arranjar a má cabeça, estava convencido.

Nessas disposições, Antenor caminhava por uma rua no centro da cidade, quando os seus olhos descobriram a tabuleta de uma “relojoaria e outros maquinismos delicados de precisão”. Achou graça e entrou. Um cavalheiro grave veio servi-lo.

— Traz algum relógio?

— Trago a minha cabeça.

— Ah! Desarranjada?

— Dizem-no, pelo menos.

— Em todo o caso, há tempo?

— Desde que nasci.

— Talvez imprevisão na montagem das peças. Não lhe posso dizer nada sem observação de trinta dias e a desmontagem geral. As cabeças como os relógios para regular bem...

Antenor atalhou:

— E o senhor fica com a minha cabeça?

— Se a deixar.

— Pois aqui a tem. Conserte-a. O diabo é que eu não posso andar sem cabeça...

— Claro. Mas, enquanto a arranjo, empresto-lhe uma de papelão.

— Regula?

— É de papelão! explicou o honesto negociante. Antenor recebeu o número de sua cabeça, enfiou a de papelão, e saiu para a rua (Rio, 1920, p. 38-42).

A recusa final de Antenor em recuperar sua cabeça original destaca a crítica de João do Rio à conformidade social e à superficialidade. A escolha de manter a cabeça de papelão simboliza a aceitação do artifício em detrimento da verdade, sugerindo que, na busca por

aceitação, as pessoas muitas vezes sacrificam sua autenticidade, tornando-se “um dos elementos mais ilustres do País do Sol.”

[...] Antenor ia entregar a cabeça de papelão. Mas conteve-se.

— Faça o obséquio de embrulhá-la.

— Não a coloca?

— Não.

— Vossa Excelência faz muito bem. Quem possui uma cabeça assim não a usa todos os dias. Fatalmente dá na vista.

Mas Antenor era prudente, respeitador da harmonia social.

— Diga-me cá. Mesmo parada em casa, sem corda, numa redoma, talvez prejudique.

— Qual! Vossa Excelência terá a primeira cabeça.

Antenor ficou seco.

— Pode ser que o senhor, profissionalmente, tenha razão. Mas, para mim, a verdade é a dos outros, que sempre a julgaram desarranjada e não regulando bem. Cabeças e relógios querem-se conforme o clima e a moral de cada terra. Fique V. com ela. Eu continuo com a de papelão.

E, em vez de viver no País do Sol um rapaz chamado Antenor, que não conseguia ser nada tendo a cabeça mais admirável — um dos elementos mais ilustres do País do Sol foi Antenor, que conseguiu tudo com uma cabeça de papelão (Rio, 1920, p. 50-53).

Ao relacionarmos a visão de Roas (2014), no que concerne a literatura fantástica, com a narrativa de João do Rio percebemos que no conto do escritor carioca há uma reflexão sobre o papel do sobrenatural e da autenticidade na literatura e na sociedade, oferecendo uma abordagem complexa e multifacetada do fantástico e suas implicações, como defende o teórico espanhol.

Conforme delineado por David Roas (2014), o realismo fantástico emerge como uma abordagem literária que desafia as fronteiras entre o real e o sobrenatural. O espanhol destaca a importância do realismo na literatura fantástica, enfatizando que a narrativa precisa apresentar um mundo o mais real possível para intensificar o impacto da irrupção do fenômeno extraordinário na realidade cotidiana. Para o autor,

O realismo se converte assim em uma necessidade estrutural de todo texto fantástico. Isso implica acabar com a ideia comum de situar o fantástico no terreno do ilógico e do onírico, ou seja, no polo oposto da literatura realista. A narrativa fantástica, para seu devido funcionamento, deve ser sempre crível (Roas, 2014, p.51).

Contrariando a noção comum de situar o fantástico no domínio do ilógico e onírico, Roas (2014) argumenta que a verossimilhança é uma necessidade estrutural para o seu correto funcionamento. Ele ressalta que, ao aceitar a premissa de um texto fantástico, os leitores devem confrontar continuamente sua experiência da realidade com a dos personagens, destacando a importância da leitura referencial.

O autor espanhol sublinha que a verossimilhança na literatura fantástica “não é um simples acessório estilístico”, mas uma exigência construtiva essencial para o desenvolvimento

narrativo. O escritor ainda defende que “toda história fantástica também se apresenta como um acontecimento real para conseguir convencer o leitor da ‘realidade’ análoga do fenômeno sobrenatural” (Roas, 2014, p.52).

No que concerne a narrativa fantástica, Roas (2014) ressalta a dualidade da literatura fantástica, que, ao mesmo tempo em que busca reproduzir as técnicas realistas para estabelecer a verossimilhança, enfrenta o desafio de descrever o sobrenatural de maneira obscura e indireta. O fenômeno fantástico, por ser impensável, transcende os limites da linguagem racional, levando o narrador a utilizar recursos sugestivos para descrever o indescritível. Pois, para o escritor,

A narrativa fantástica está ambientada, então, em uma realidade cotidiana que ela constrói com técnicas realistas e ao mesmo tempo destrói, inserindo nela outra realidade, incompreensível para a primeira. Essas técnicas coincidem claramente com as fórmulas utilizadas em todo texto realista para dar verossimilhança à história narrada, para afirmar a referencialidade do texto: recorrer a um narrador extradiegético-homodiegético, ambientar a história em lugares reais, descrever minuciosamente objetos, personagens e espaços, inserir alusões à realidade pragmática etc. (Roas, 2014, p. 54).

No que diz respeito às questões temáticas, a busca constante pela conformidade pode ser percebida nos textos de realismo fantástico, assim como as tentativas de conectar o homem com o mundo natural e remeter às suas origens históricas e culturais. Ao ler e analisar esses textos, o leitor pode aceitar o inusitado sem surpresa, pois ele é capaz de acreditar nessas falsas imagens criadas por narrativas fantásticas porque está condicionado a recebê-las e aceitá-las sem questionar. No realismo fantástico, o elemento fantástico é frequentemente utilizado para destacar ou criticar aspectos da sociedade. Por exemplo, a transformação absurda de um personagem pode simbolizar a alienação social ou a opressão política, enquanto acontecimentos sobrenaturais podem refletir as falhas e contradições culturais.

Fazendo uma análise do conto de João do Rio *O homem da cabeça de papelão* baseado na explanação de Roas (2014) sobre realismo fantástico, percebemos uma interessante conexão dessa narrativa com os conceitos de Roas, pois Antenor, um personagem que desafia as normas sociais ao falar apenas a verdade, é inicialmente visto como um desajustado, alguém cuja mente não se conforma com as expectativas da sociedade. Sua mãe o defende, afirmando que ele é “doido, mas bom” (Rio, 1920, p. 32).

No entanto, quando Antenor decide “consertar” sua cabeça, entregando-a a um relojoeiro para reparo, o texto sugere uma transformação na narrativa. A cabeça de papelão, uma vez que substitui a original, torna-o um indivíduo socialmente aceitável, destacando a

natureza moldável e, por vezes, arbitrariamente construída da realidade social. É o realismo fantástico que faz uma discussão crítica do social que é onde se encaixa o João do Rio.

Essa metamorfose de Antenor ressoa com a noção de Roas (2014) sobre a literatura fantástica, onde a verossimilhança é essencial para a aceitação do leitor. Antenor, ao adotar uma cabeça de papelão que simula conformidade e “normalidade,” alcança sucesso social, destacando a capacidade da literatura fantástica de questionar e subverter a realidade estabelecida.

Desta feita, por meio das lentes de Todorov e Roas, percebemos que o conto fantástico não é apenas um escape da realidade, mas uma construção estética de exprimir o real. O fantástico serve como um espelho que reflete e refrata a realidade, incentivando uma reflexão profunda sobre a condição humana e os dilemas contemporâneos.

A discussão sobre as transformações do conto fantástico revela a capacidade do gênero de se adaptar e responder às mudanças culturais e sociais. Enquanto Todorov (2007) estabelece as bases do gênero centrado na hesitação, Roas (2014) expande essa visão, enfatizando o papel do fantástico como uma ferramenta crítica para a exploração da realidade e dos seus desafios. Assim, o neofantástico no escopo do realismo fantástico ao situar-se em uma realidade cotidiana construída com técnicas realistas torna-se um gênero profundamente subversivo. Essa subversão não se limita ao aspecto temático, mas estende-se ao nível estilístico, alterando as representações da realidade estabelecidas pelo sistema de valores, provocando a transformação de visão da literatura fantástica.

**Quadro 4-** Baseado na teoria de Todorov (2007) e Roas (2014) sobre o Fantástico

<b>Aspecto</b>	<b>Todorov</b>	<b>Roas</b>
Definição de Fantástico	O fantástico ocorre na incerteza entre o real e o sobrenatural.	O fantástico é a presença do sobrenatural que transgride as leis do mundo real.
Elemento Sobrenatural	O sobrenatural deve ser ambíguo e indeterminado.	O sobrenatural é uma ruptura clara e definida do real.
Relação com a Realidade	O fantástico surge na intersecção do real com o sobrenatural.	O realismo é essencial para contrastar com o sobrenatural.
Ambiguidade e Vacilação	A vacilação é essencial para o fantástico, tanto no leitor quanto no personagem.	Não se restringe à vacilação; inclui narrativas com evidência clara do sobrenatural.
Aceitação do Sobrenatural	Não aceitação imediata do sobrenatural; mantém a ambiguidade.	O sobrenatural pode ser evidente, sem necessidade de ambiguidade.

Contexto Sociocultural	Menos ênfase no contexto sociocultural.	Grande importância ao contexto sociocultural para definir o real.
------------------------	---	---

Fonte: Produzido pela autora.

### 2.2.6. O Neofantástico em Jaime Alazraki

A concepção de neofantástico nos é apresentada pelo crítico argentino Jaime Alazraki (1934) a partir de um ensaio nomeado de *¿Qué es lo Neofantástico* publicado na coletânea *Teorias de lo fantastic* organizada e publicada pelo também crítico espanhol David Roas. Alazraki em seu texto expõem uma abordagem do fantástico contemporâneo no qual o intitula de *Neofantástico*, visando propor como características de um novo gênero que tem uma relação muito próxima com a fantasia tradicional, mas que não segue os temas ou a estrutura narrativa típica do gênero.

O estudioso oferece uma definição esclarecedora do conto neofantástico, destacando suas características distintivas que o diferenciam do fantástico tradicional. De acordo com autor, o conto neofantástico é uma manifestação literária contemporânea que transcende os limites convencionais do gênero, apresentando uma série de elementos que o tornam único e complexo.

Sob a ótica de Alazraki, o neofantástico emerge como um gênero literário que, embora compartilhando raízes com o fantástico tradicional, se distingue por sua abordagem singular e por sua relação complexa com a realidade. Ao contrário do fantástico clássico, o neofantástico não se prende aos temas e estruturas narrativas tipicamente associados a esse gênero. Essa modalidade de conto se entrelaça com o tempo em constante construção. Nesse contexto, Alazraki (2001), ao cunhar o termo “neofantástico”, busca identificar uma nova tendência na literatura que ambiciona transcender os limites da razão de forma mais sutil e subversiva. Sobre o tema, o crítico esclarece que

o neofantástico assume o mundo real como uma máscara, como uma capa que esconde uma segunda realidade que é a verdadeira receptora da narrativa *neofantástica*. A primeira propõe abrir uma “fissura” ou “rachadura” numa superfície sólida e imutável”. A segunda, a realidade seria como “uma esponja, um queijo *Gruyère*, uma superfície cheia de buracos como uma peneira e de cujos buracos se podia vislumbrar, como num piscar de olhos, que outra realidade (Alazraki 2001, p. 28 – tradução nossa).

A característica distintiva do neofantástico reside na tentativa de compreender e representar a realidade, superando as limitações impostas pela razão. Aqui, a razão não é descartada, mas sim desafiada e supera as convenções sociais e culturais. Ao contrário do

fantástico tradicional, onde a quebra abrupta da realidade é comum, o neofantástico procura subverter o real de maneira mais discreta, criando uma narrativa que se insinua nas fissuras do cotidiano. Alazraki esclarece que

A história neofantástica também dispensa molduras e adereços que contribuem para a atmosfera ou *pathos* necessária para aquela rachadura final. Desde as primeiras frases da história, o conto neofantástico nos apresenta, à queima-roupa, o elemento fantástico: sem progressão gradual, sem adereços, sem *pathos* (Alazraki, 2001, p. 31 – tradução nossa).

Jaime Alazraki nomeou três particularidades que diferenciam as narrativas neofantásticas das narrativas fantásticas convencionais por meio da abordagem conferida à visão, intenção e *modus operandi*. No que concerne à visão, o escritor nota que o relato neofantástico enxerga o real como uma máscara que encobre uma segunda realidade. Essa segunda realidade constitui o cenário apresentado pelo autor em suas obras e também representa a área de clareza a partir da qual estabelece sua arte. A manifestação do acontecimento insólito é prontamente assimilada pelas forças em jogo, de maneira que se torna inviável isolar o fato insólito do conjunto da narrativa, a qual alegadamente reflete uma situação habitual.

No que concerne ao campo da intenção, Alazraki nos informa que no relato neofantástico não se objetiva provocar o medo, mas sim uma inquietação ou perplexidade no leitor, através da narrativa, pois conforme o teórico, em sua maioria os relatos neofantásticos são

metáforas que procuram expressar vislumbres, vislumbres ou interstícios da desrazão que escapam ou resistem à linguagem da comunicação, que não cabem nas células construídas pela razão, que vão na contramão do sistema conceptual ou científico com que lidamos diariamente. (Alazraki, 2001, p. 277 – tradução nossa).

O estudioso confere um cunho metafórico as narrativas não fantásticas porque imagina que a metáfora nomeada pelo autor de “linguagem segunda”, é a única maneira de referenciar essa segunda realidade, mediante o reconhecimento de alguns autores neofantásticos, dentre eles, Borges e Cortázar. Nesse sentido, Roas nos informa que:

[...] nas narrativas de Kafka, como nas dos outros escritores fantásticos do século XX (Borges e Cortázar são dois exemplos perfeitos), nos deparamos com uma nova maneira de cultivar o gênero, que não funciona de acordo com os esquemas todorovianos: o que Alazraki (2001) chama de neofantástico (Roas, 2014, p.65).

No âmbito da narrativa neofantástica, o *modus operandi*, conforme assinalado pelo crítico, se manifesta desde as primeiras linhas, com a introdução e aceitação do insólito no

cenário em desenvolvimento. Essa característica o diferencia do fantástico tradicional. A escrita neofantástica, com raízes no insólito, o assimila gradativamente, tecendo-o intrinsecamente na organização dos eventos narrados. Assim, leitor e personagens se entrelaçam em uma trama habilmente construída, sem sobressaltos ou rupturas abruptas.

A narrativa fantástica é uma contestação e ao mesmo tempo um desafio ao racionalismo científico e aos valores da sociedade burguesa, portanto, ela encontra sustentação nos efeitos da Primeira Guerra Mundial, nos movimentos de vanguarda, nas influências de Freud e da psicanálise, no surrealismo e existencialismo, entre outros fatores. Sendo assim, o termo neofantástico foi introduzido por Alazraki (2001) como uma forma de chamar a atenção para as diferenças destacadas entre esses dois tipos de narrativas (fantástica e neofantástica). Isso se deve à percepção de que o entendimento dessas diferenças possibilitará uma compreensão mais aprofundada dos significados e abrangências desse novo gênero, permitindo assim, um estudo mais completo e consciente de suas obras. A imprecisão nunca contribuiu para o estudo da literatura, desse modo, Roas (2014, p.71) faz um esclarecimento sobre o entendimento do neofantástico:

entender o neofantástico como diferente do fantástico tradicional, creio que ele representa uma nova etapa na evolução natural do gênero fantástico, em função de uma noção diferente do homem e do mundo: o problema colocado pelos românticos sobre a dificuldade de explicar racionalmente o mundo derivou em nosso século em direção a uma concepção do mundo como pura irrealdade.

Nesse contexto, entendemos que o neofantástico mantém a estrutura básica que o fantástico possuiu ao longo do tempo – indicando uma contradição entre o sobrenatural e o natural. Dessa maneira, a literatura fantástica tanto tradicional como a contemporânea (neofantástica), assemelham-se mais do que poderia aparentar.

No que tange a análise do conto *O homem da cabeça de papelão* de João do Rio (1920), podemos interpretar como um exemplo de conto neofantástico, à luz das ideias de Jaime Alazraki (2001) sobre o neofantástico, visto que é um texto que aborda a relação entre a realidade, a percepção e as normas sociais.

Na narrativa observamos que o protagonista, Antenor, ao ter sua cabeça considerada desarranjada, busca consertá-la em uma relojoaria. A relação entre a cabeça e um relógio cria uma metáfora entre o funcionamento da mente e a precisão das engrenagens de um relógio. Essa metáfora é um elemento que se alinha à proposta neofantástica do crítico espanhol que destaca a tentativa de entender e representar a realidade, ultrapassando as barreiras impostas pela razão.

A solução oferecida pelo relojoeiro, ao apresentar uma cabeça de papelão como alternativa à cabeça “desarranjada”, cria uma situação em que a realidade é subvertida de maneira discreta. Antenor, ao aceitar a cabeça de papelão e obter sucesso na vida social e política, ironicamente evidencia a artificialidade e a relatividade das convenções sociais e culturais.

É uma narrativa manifestada por uma interpretação alegórica, em que objetiva-se identificar um elemento no texto e ver o que ele simboliza socialmente. A diferença entre alegoria e metáfora é que metáfora está centrada em uma palavra, numa expressão, no termo de comparação, já a alegoria é uma comparação no geral e não apenas em um termo.

O elemento sobrenatural presente no conto *O homem da cabeça de papelão* é a cabeça de papelão que na verdade é um sobrenatural alegórico. No que concerne ao tema alegoria na narrativa fantástica, Todorov se posiciona nos informando que:

A alegoria implica a existência de pelo menos dois sentidos para as mesmas palavras; nos diz às vezes que o primeiro sentido deve desaparecer, e outras que ambos devem estar juntos. Em segundo lugar, este duplo sentido está indicado na obra de maneira explícita: não depende da interpretação (arbitrária ou não) de um leitor qualquer (Todorov, 2007, p.35).

Todorov (2007) não vê o alegórico como fantástico, mas Roas (2014) o vê, pois, o crítico espanhol enxerga a cabeça de papelão como uma alegoria que faz uma comparação do homem na sociedade com a história porque ali representa todos os homens que não tem autenticidade, que não falam a verdade, que buscam dizer aquilo que as pessoas querem ouvir e não a verdade para poder de alguma forma sustentar a própria hipocrisia, as mentiras, a corrupção que a sociedade já apresenta, ou seja, pessoas que buscam aceitação, conformidade. Sendo assim, do ponto de vista de Roas, o conto de João do Rio apresenta uma crítica social.

Alazraki (2001) também considera que o conto de João do Rio ilustra elementos neofantásticos, pois a narrativa explora a dualidade entre a cabeça desarranjada e a de papelão, abordando a relação entre a realidade, a percepção e as normas sociais.

Na perspectiva de Jaime Alazraki e David Roas, a alegoria surge como uma ferramenta literária poderosa na compreensão do conto fantástico, permitindo que os escritores transcendam as fronteiras da narrativa convencional para expressar ideias complexas de maneira simbólica. O conto fantástico, caracterizado por elementos sobrenaturais que desafiam a lógica e a realidade, encontra na alegoria uma forma de amplificar seu impacto e enriquecer seu significado.

Ao discutir o neofantástico, Jaime Alazraki destaca a tentativa de representar a realidade para além das convenções sociais e culturais. Nesse contexto, a alegoria permite que os autores expressem, de forma camuflada, críticas e reflexões sobre a sociedade, promovendo uma análise mais profunda das relações humanas e das estruturas estabelecidas.

David Roas, por sua vez, explora a presença de elementos ambíguos e perturbadores no conto fantástico. A alegoria, ao introduzir camadas de significado, amplifica a ambiguidade, proporcionando múltiplas interpretações. Essa abertura para a subjetividade do leitor é fundamental no gênero fantástico, pois permite que a história ultrapasse as fronteiras do inexplicável, provocando inquietação e reflexão.

No conto fantástico, a alegoria muitas vezes se manifesta através de elementos simbólicos, como objetos, personagens ou cenários, que transcendem seu significado literal. Esses símbolos tornam-se portadores de uma carga simbólica mais profunda, relacionada a questões existenciais, políticas ou sociais. Assim, o leitor é desafiado a decifrar esses elementos alegóricos, elevando a experiência de leitura a um nível mais reflexivo.

A alegoria na narrativa fantástica funciona como um convite à interpretação, incentivando os leitores a explorarem os significados ocultos por trás das narrativas aparentemente inexplicáveis. Essa ambiguidade deliberada, aliada à riqueza simbólica, torna-se uma característica distintiva do conto fantástico contemporâneo, proporcionando uma experiência literária enriquecedora e desafiadora.

Observamos que o conto neofantástico enfoca temas sociais e políticos, utilizando o sobrenatural ou o estranho como uma metáfora para explorar questões como alienação, desigualdade, injustiça, entre outros. Essa abordagem contribui para uma reflexão crítica sobre a sociedade contemporânea, adicionando relevância e profundidade às narrativas.

Além disso, o hibridismo de gêneros é uma das marcas distintivas do conto neofantástico, conforme apontado por Alazraki (2001). Ao contrário do fantástico tradicional, que geralmente se enquadra em categorias bem definidas, o conto neofantástico frequentemente mescla elementos de diferentes gêneros literários, como horror, ficção científica e realismo mágico. Essa mistura de estilos e temas contribui para a originalidade e a complexidade das narrativas.

O crítico Jaime Alazraki (2001) destaca a relevância das questões sociais e políticas no conto neofantástico contemporâneo. Muitas vezes, essas narrativas utilizam elementos sobrenaturais ou estranhos como metáforas para explorar questões como alienação, desigualdade, injustiça e outros aspectos da sociedade contemporânea. De acordo com crítico argentino (2001, p.265),

Nas narrativas neofantásticas não existe intenção de provocar medo. Ao contrário, produz-se perplexidade e inquietude “pelo insólito das situações narradas, mas sua intenção é muito diferente. São, em sua maioria, metáforas que buscam expressar vislumbres, entrevisões ou interstícios de sem razão que escapam ou resistem à linguagem da comunicação, que não cabem nas células construídas pela razão, que vão a contrapelo do sistema conceptual ou científico com que lidamos diariamente”.

Nesse contexto, entendemos que David Roas (2014) e Jaime Alazraki (2001) são importantes críticos literários que contribuem significativamente para a compreensão do conto neofantástico, oferecendo perspectivas complementares. Em conjunto, as teorias de Roas (2014) e Alazraki (2001) oferecem uma compreensão abrangente do conto neofantástico, destacando sua natureza intertextual, híbrida e reflexiva. Essas narrativas não apenas desafiam as convenções dos gêneros literários tradicionais, mas também exploram questões fundamentais sobre a natureza da narrativa e sua relação com a sociedade contemporânea.

### 2.3. AUTOR-PESSOA E AUTOR-CRIADOR

Na concepção de Bakhtin (2011), a análise da relação entre autor e personagem destaca dois aspectos fundamentais: o autor-pessoa e o autor-criador. Essas duas facetas representam dimensões distintas da atuação do escritor no processo de criação literária, cada uma com suas características específicas. Para o teórico,

O autor-criador nos ajuda a compreender também o autor-pessoa, e já depois suas declarações sobre sua obra ganharão significado elucidativo e complementar. As personagens criadas se desligam do processo que as criou e começam a levar uma vida autônoma no mundo, e de igual maneira o mesmo se dá com o seu real criador-autor. É neste sentido que se deve ressaltar o caráter criativamente produtivo do autor e sua resposta total à personagem; autor não é o agente da vivência espiritual, e sua reação não é um sentimento passivo nem uma percepção receptiva; ele é a única energia ativa e formadora, dada não na consciência psicologicamente agregativa mas em um produto cultural de significação estável, e sua reação ativa é dada na estrutura - que ela mesma condiciona - da visão ativa da personagem como um todo, na estrutura da sua imagem, no ritmo do seu aparecimento, na estrutura da entonação e na escolha dos elementos semânticos (Bakhtin, 2011, p. 6).

O autor-pessoa refere-se ao indivíduo concreto, à personalidade fora do contexto artístico, que vive e interage no mundo. Nessa dimensão, o autor-pessoa responde à vida de maneira dispersa, reagindo a manifestações específicas no cotidiano. Suas respostas são fragmentadas e não abrangem a totalidade do ser humano. Mesmo definições gerais sobre as pessoas refletem mais uma posição prático-vital do que uma compreensão profunda e totalizadora.

Por outro lado, o autor-criador está relacionado ao processo artístico, à elaboração da obra de arte. Nessa dimensão, o autor-criador responde à personagem não de maneira dispersa,

mas através de uma resposta total e única. Cada manifestação particular da personagem é considerada crucial para caracterizar o todo da obra. Essa resposta estética reúne definições, avaliações ético-cognitivas e elementos semânticos em um todo concreto e singular.

A resposta total do autor-criador à personagem é criadora, produtiva e de princípio. Enquanto na vida cotidiana, as respostas são dispersas e aleatórias, na obra de arte, a resposta do autor é ativa, determinada e orientada para a criação de um significado estável. O autor-criador, durante o processo criativo, luta consigo mesmo para atingir uma imagem definida da personagem, enfrentando os desafios de expressar uma visão não aleatória. Nesse sentido, Bakhtin nos informa que:

O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e nesse excedente de visão e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo da obra. De fato, a personagem vive de modo cognitivo e ético, seu ato se orienta em um acontecimento aberto e ético da vida ou no mundo dado do conhecimento; o autor guia a personagem e sua orientação ético-cognitiva no mundo essencialmente acabado da existência, a qual, descartando o sentido imediatamente seguinte do acontecimento, é de índole axiológica pela diversidade mais concreta da sua presença (Bakhtin, 2011, p. 11).

Bakhtin destaca que não é possível estudar diretamente esse processo como uma lei psicológica, pois só podemos operar com ele à medida que está sedimentado na obra de arte. O autor-criador não vivencia o processo de criação da mesma maneira que uma experiência psicológica imediata. Sua resposta ativa é objetivada na estrutura da obra, e ele percebe sua criação apenas no produto em formação, não no processo interno psicologicamente determinado.

A relação do autor-criador com o mundo da cultura e, mais especificamente, com a personagem, é fundamental para entender o processo de criação literária. A abordagem de Bakhtin destaca a resposta total, essencialmente criadora e produtiva do autor à personagem como um elemento central desse processo.

Bakhtin destaca que a resposta do autor-criador às manifestações isoladas da personagem se baseia em uma resposta única ao todo da personagem. Essa resposta total tem um caráter estético, reunindo todas as definições e avaliações ético-cognitivas em um todo concreto-conceitual singular e semântico. Essa resposta, portanto, não apenas cria a personagem como um elemento da obra, mas também contribui para a construção do mundo cultural dentro da narrativa.

O autor-criador, ao acentuar cada particularidade da personagem, cada traço, pensamento e sentimento, está envolvido em um processo ativo e formador. Essa resposta ativa é dada na estrutura da visão ativa da personagem, na estrutura da imagem, no ritmo do seu aparecimento, na entonação e na escolha dos elementos semânticos. O autor-criador é, assim, a única energia ativa e formadora, contribuindo para a criação de um produto cultural de significação estável.

A relação do autor-criador com a personagem e, por extensão, com o mundo da cultura, é marcada pela busca por uma visão não aleatória da personagem. A resposta total, que cria o todo do objeto, realiza-se de forma ativa e produtiva. Nesse processo, o autor-criador não apenas reflete a posição volitivo-emocional da personagem, mas também contribui para a constituição do todo da personagem.

### 2.3.1. João do Rio

**Figura 1-** Autor João do Rio



Fonte: <https://jornal.usp.br/cultura/joao-do-rio>

João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, cujo pseudônimo é João do Rio (1881-1921), foi um escritor brasileiro que se destacou no início do século XX como um dos principais cronistas e contistas de sua época. De acordo com Ribeiro (2013, p. 11), “o escritor usava pseudônimos, disfarces ou mesmo máscaras para captar diferenças físicas e culturais da cidade do Rio de Janeiro”. Sua produção literária abrange diversos gêneros, como crônicas, contos, reportagens e peças teatrais. Reconhecido por seu estilo singular e observador, o autor retratou a vida urbana carioca, explorando os aspectos sociais, culturais, políticos e psicológicos da época. Foi eleito como membro da Academia Brasileira de Letras em 1910.

João do Rio explorava em suas obras temas relacionados à vida nas grandes cidades, as transformações sociais e culturais, seus posicionamentos políticos, como também, as contradições e complexidades da vida moderna, revelando a essência humana por trás das aparências. A respeito do estilo do escritor João do Rio, Bazzo (2003, p. X) nos diz que:

Seu interesse pelo âmago das cidades, pela histeria permanente das ruas, pela vida mundana e conseqüentemente pelos seus atores: fanáticos religiosos, azeiteiros, cabotinos, pedófilos, cínicos, mendigos, pervertidos, larápios, presos, criminosos, imigrantes, charlatães, poetas, músicos, variolosos, em suma, pelo «sistema social podre», lhe renderam não só calúnias, mas socos, bombas e acusações literárias como esta, de Elísio de Albuquerque: É um temperamento doentio, sensibilidade exacerbada, usa de uma psicologia mórbida, atormentado pela preocupação do raro, do horripilante e até do sórdido.

Como autor-pessoa, João do Rio explorou intensamente o cenário urbano carioca, capturando as nuances culturais, políticas e sociais da época. No entanto, sua figura como criador enfrentou críticas e elogios, revelando um diálogo complexo entre o autor-pessoa e o autor-criador. Considerando a relação arquitetônica do autor, Bakhtin (2011) nos assegura que:

cada elemento de uma obra nos é dado na resposta que o autor lhe dá, a qual engloba tanto o objeto quanto a resposta que a personagem lhe dá (uma resposta à resposta); neste sentido, o autor acentua cada particularidade da sua personagem, cada traço seu, cada acontecimento e cada ato de sua vida, os seus pensamentos e sentimentos, da mesma forma como na vida nós respondemos axiologicamente a cada manifestação daqueles que nos rodeiam; na vida, porém, essas respostas são de natureza dispersa, são precisamente respostas a manifestações particulares e não ao todo do homem, a ele inteiro; e mesmo onde apresentamos definições acabadas de todo o homem-bondoso, mau, bom, egoísta, etc. -, essas definições traduzem a posição prático-vital que assumimos em relação a ele, não o definem tanto quanto fazem um certo prognóstico do que se deve e não se deve esperar dele, ou, por último, trata-se apenas de impressões fortuitas do todo ou de uma generalização empírica precária, na vida não nos interessa o todo do homem mas apenas alguns de seus atos com os quais operamos na prática e que nos interessam de uma forma ou de outra (Bakhtin, 2011, p.4).

João do Rio, como autor-pessoa, demonstra em sua obra uma relação arquitetônica dinâmica viva com seus personagens. Essa relação se reflete na forma como ele responde a cada elemento da obra, enfatizando as respostas do autor à totalidade do herói, não apenas a manifestações particulares. Como autor-criador apresenta-se como um observador agudo da sociedade carioca do início do século XX. Sua capacidade de criar personagens multifacetados e explorar temas relevantes da época, como a marginalidade, a corrupção e a busca pela aceitação social, confere valor atemporal à sua obra, que ainda ressoa com questões presentes na sociedade contemporânea. Nesse sentido, Paulino (2014, p. 11) enfatiza que João do Rio

percorria ruas, becos e hospedarias em busca dos personagens miseráveis presentes na cidade da belle-époque, colocando-os em primeiro plano, mas sem deixar de julgar o que via e escutava de suas histórias. Mendigos, prostitutas, crianças exploradas e trabalhadores braçais foram interrogados pelo repórter na série, a qual mantinha, com o periódico, um diálogo estreito por via das diversas rubricas nas quais esses personagens eram os protagonistas.

Em meio a críticas, João do Rio também foi elogiado por diversos autores pelo seu trabalho, dentre eles Fusco (1940, p. 216) citou que

[...] o mérito de inovador ninguém, que seja imparcial e honesto, poderá negar a memória de João do Rio. Foi ele, inquestionavelmente, o mais original, o mais vivo, o mais frágil e o mais saboroso cronista do Brasil. Seus paradoxos, que fizeram o deleite de quase uma geração inteira, atingiram momentos de excepcional brilho na pena de um Alvaro Moreira, cuja influência sobre os rapazes de minha idade não houve quem tivesse vagar para estudar, como que pagando uma dívida antiga a um dos mais admiráveis animadores de estreates nas letras que jamais tive notícia entre nós.

A citação de Fusco destaca o reconhecimento de João do Rio como um inovador na literatura, apreciado por sua originalidade e vivacidade como cronista. Esse elogio ressalta a influência significativa que João do Rio teve sobre uma geração inteira de escritores, indicando seu papel como um mentor e animador de jovens talentos literários.

Essa habilidade de João do Rio para retratar com precisão e engenhosidade as complexidades e contradições da sociedade carioca de sua época fez dele uma voz única e respeitada. Seu trabalho não apenas entretinha, mas também iluminava os aspectos sociais e culturais de uma cidade em transformação, muitas vezes expondo as hipocrisias sociais de maneira crítica e perspicaz. O equilíbrio entre entretenimento e crítica social, combinado com sua prosa envolvente e observações agudas, cimentou sua posição como uma das vozes literárias mais distintas e influentes do Brasil.

### 2.3.2. A análise do conto

Ao analisar, à luz dos conceitos de Bakhtin, o conto *O homem da cabeça de papelão*, publicado no Livro *Rosário da Ilusão* no ano de 1920, podemos compreender João do Rio como autor-criador, moldando a personalidade de Antenor e criando uma narrativa que reflete as contradições e problemas sociais da sociedade em que viveu. A escolha de explorar personagens marginalizados e a crítica à superficialidade das relações sociais revelam a perspicácia do autor em capturar as diferenças físicas e culturais da cidade do Rio de Janeiro.

Como autor pessoa, João do Rio traz para a narrativa sua percepção do mundo e suas experiências vividas no Rio de Janeiro no início do século XX, onde a industrialização chega trazendo junto a perda da autenticidade. No entanto, como autor criador, ele transcende estas experiências pessoais para criar uma narrativa que é uma obra de arte por si só, com significados e implicações que vão além de sua própria vida.

A presença insólita da “cabeça de papelão” no conto aguça nosso olhar, convidando-nos a desvendar o caráter alegórico e mecanizado da narrativa. A necessidade de “ajustes” na

relojoaria para a “cabeça de papelão” funcionar sugere uma analogia com o próprio homem, visto como uma máquina a ser ajustada para se encaixar nas normas sociais.

A sociedade descrita por João do Rio no conto reflete uma realidade na qual valores como bom senso, verdade e honestidade são invertidos. Através da saga de Antenor, o autor critica as práticas sociais, especialmente as relacionadas à política, utilizando a inversão de valores como recurso para ressaltar a corrupção e a falta de ética presentes na sociedade da época.

A dualidade entre a cabeça original de Antenor e a de papelão simboliza a tensão entre a autenticidade e a aceitação social. Ao optar por usar a cabeça de papelão para se adequar às expectativas da sociedade, o personagem sacrifica sua verdadeira identidade em troca de reconhecimento e sucesso social. Essa escolha, mesmo sendo baseada em elementos fantásticos, ressoa com questões profundas sobre a conformidade social e a busca por aceitação.

O estilo literário de João do Rio, marcado por uma linguagem descritiva, rica em alegorias, metáforas e figuras de linguagem, contribui para a singularidade do conto. A sátira e a ironia presentes na narrativa possibilitam ao autor ultrapassar o absurdo do mundo retratado, revelando críticas à sociedade e suas contradições. A habilidade de João do Rio em explorar elementos realistas e fantásticos na mesma narrativa reflete sua maestria na construção literária.

Considerando o que gênero neofantástico é uma corrente literária que mescla elementos do fantástico tradicional com características modernas e novas abordagens, o conto *O homem da cabeça de papelão* de João do Rio apresenta no teor da narrativa elementos neofantásticos contribuindo para uma atmosfera específica e contemporânea.

No texto, a presença de Antenor, um homem com uma cabeça de papelão, é um exemplo claro de neofantástico. A substituição da cabeça real pela de papelão representa uma ruptura com a realidade convencional, introduzindo elementos fantásticos na trama. Essa escolha do autor cria uma característica diferenciada, desafiando as expectativas do leitor e estimulando a reflexão sobre as fronteiras entre o real e o imaginário.

A reação das personagens e da sociedade ao protagonista do texto também contribui para a construção do neofantástico. Antenor, por sua natureza incomum, desafia as normas estabelecidas, gerando perplexidade, incredulidade e até mesmo hostilidade por parte das pessoas ao seu redor. Esses comportamentos têm o objetivo de destacar o caráter disruptivo do neofantástico, questionando a lógica cotidiana e provocando reflexões sobre a aceitação do diferente.

Além disso, o conto apresenta uma crítica social e um tom irônico, características frequentes nas obras neofantásticas. A escolha de Antenor em desafiar as convenções da

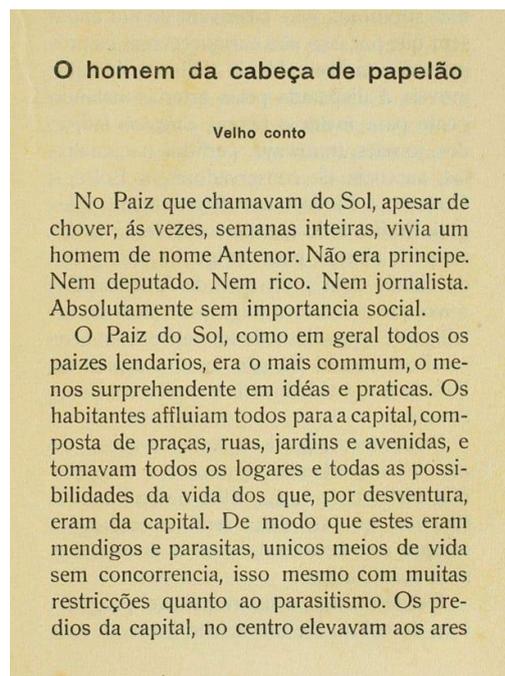
sociedade, recusando-se a seguir uma trajetória convencional de sucesso, reflete uma abordagem contemporânea que questiona valores e padrões estabelecidos.

A presença de elementos como a busca por trabalho, as relações interpessoais e as expectativas sociais em *O homem da cabeça de papelão* ressoa temas presentes em narrativas modernas, evidenciando a atemporalidade do neofantástico. A obra de João do Rio antecipa características encontradas em histórias contemporâneas que exploram o insólito, o inusitado e o desafiador, demonstrando a relevância do neofantástico na literatura.

É importante notar que, segundo Bakhtin, o autor-criador não vivencia o processo de criação no sentido psicológico, mas opera ativamente na obra, vendo sua criação apenas no objeto em formação. A resposta total à personagem, portanto, é objetivada na obra de arte, e o autor-criador se torna independente de si mesmo como pessoa no momento em que as personagens criadas se desligam do processo criativo e passam a levar uma vida autônoma no mundo cultural, fato percebido no âmbito da escrita de João do Rio, especialmente, no conto *O homem da cabeça de papelão*.

### 2.3.3. Conto *O homem da cabeça de papelão*

**Figura 2-** Ilustração da página do conto retirado do livro de João do Rio



Fonte: livro *Rosário da ilusão*, de João do Rio (1920)

O conto *O homem da cabeça de papelão* de João do Rio, publicado no ano de 1920 é frequentemente associado ao Realismo Fantástico, um estilo literário que combina elementos realistas com elementos fantásticos de forma sutil e integrada. Apresenta uma narrativa peculiar

sobre a sociedade do País do Sol e um indivíduo chamado Antenor, cuja vida é marcada por sua cabeça “desarranjada” e seu comportamento divergente das normas sociais.

A descrição do País do Sol reflete aspectos realistas da sociedade da época, com uma capital movimentada, desigualdades sociais, e uma busca desenfreada por status e sucesso. Antenor é apresentado como um personagem realista, com características específicas que o destacam como alguém diferente da norma, mas ainda palpável na sociedade. Para Santos (2013, p. 192),

Essa sociedade problemática e corrompível que é definida de acordo com as condições financeiras e aqueles que tentam agir de uma forma diferenciada, buscando a verdade e honestidade, servem de “piada” para os outros. Nesse caso, nessa sociedade onde prevalece a mentira aqueles que defendem a verdade são loucos.

Desde jovem, o herói da narrativa de João do Rio destaca-se pela singularidade: dizer a verdade, a verdade verdadeira, em um mundo acostumado à verdade útil. Isso o torna uma exceção malvista. Mesmo sendo de boa família, o protagonista agia em desacordo com a norma social, pensando livremente e recusando-se a seguir o caminho tradicional, como ser bacharel e funcionário público nacionalista.

A mãe de Antenor, preocupada com a singularidade do filho, tentou, sem sucesso, corrigi-lo. A solução encontrada foi conviver com sua “má cabeça”, pois, afinal, Antenor não agia com más intenções. No entanto, ao tentar inserir-se no mercado de trabalho, Antenor enfrentou dificuldades. Sua honestidade e originalidade incomodavam os patrões e colegas, resultando em sucessivas demissões.

Desafiando as expectativas, Antenor decide casar com Maria Antônia, uma lavadeira, provocando estranheza e incompreensão em sua sociedade. A mãe, antes tolerante, começou a questionar o juízo do filho, enquanto os parentes deixavam de cumprimentá-lo. Antenor, por amor a Maria Antônia, decide “arrumar” sua cabeça, tentando se adequar às convenções sociais. Nesse momento, Antenor entra em uma relojoaria e oferece sua cabeça para conserto. O relojoeiro, ao examiná-la, fica perplexo com a perfeição e precisão da “má cabeça” de Antenor. Ele elogia a originalidade do aparelho, comparando-o a uma obra de gênio, hors-concours.

No entanto, Antenor, buscando conformidade, decide entregar sua cabeça ao relojoeiro, optando por viver com uma cabeça de papelão. Surpreendentemente, essa escolha o leva a uma ascensão social notável. Antenor adquire amigos, influência política, prosperidade financeira e até mesmo se envolve em atividades questionáveis, contrariando sua natureza original.

Como afirma Santos (2013, p. 187) “o autor usa esses recursos para atingir o seu leitor mais profundamente, fazendo com que ele compartilhe das normas sociais indicadas e se

identifique com a história narrada”, isto é, João do Rio destaca como a conformismo social muitas vezes supera a autenticidade, levando a uma contraditória aceitação social, mas ao custo da verdadeira essência individual. A crítica à norma social e à busca pelo “juízo” ilustra a ironia presente na ressignificação do personagem, enfatizando a relatividade dos valores e das convenções sociais.

Uma das principais críticas presentes no conto *O homem da cabeça de papelão* reside na habilidade de João do Rio explorar a temática do estranhamento e da marginalidade. O protagonista da história é um homem fora do comum, que chama a atenção dos demais personagens e causa uma sensação de desconforto na sociedade por pensar e agir diante de princípios valorativos essenciais na conduta humana, pois sua maneira correta de se comportar era tida como um defeito. Nesse sentido, Rocha (2006, p. 23) nos diz que “mirar de modo reprovador um determinado comportamento ou caráter humano é afirmar, implicitamente, que há outra possibilidade, mais correta, de ser e de agir”.

A maneira como a sociedade reage à cabeça de papelão de Antenor é uma representação alegórica de como as pessoas muitas vezes preferem aceitar a ilusão e a falsidade em vez da verdade crua, visto que a cabeça fictícia do personagem é aceita e até mesmo celebrada, enquanto a cabeça real de Antenor era rejeitada. Assim, o símbolo figurado não é apenas um elemento fantástico, mas também serve como um símbolo, representando a superficialidade da sociedade, onde a aparência e a conformidade são valorizadas mais do que a autenticidade. Para Santos (2013, p. 189), a crítica na narrativa

[...] é observada no conto de modo ferrenho em relação às práticas sociais, principalmente relacionadas à política. Critica-se através da inversão do sentido dos valores – bom senso, verdade, honestidade, generosidade – e da exploração de personagens caricaturais, que a partir de exageros e absurdos representam o comportamento de pessoas influentes neste país.

A transformação de Antenor, de alguém que não conseguia se encaixar na sociedade para um homem de sucesso, destaca como a aceitação das normas sociais muitas vezes leva ao sucesso superficial, mas ao custo da autenticidade. A decisão final de Antenor em escolher a cabeça de papelão, mesmo quando ofereciam sua cabeça real “perfeita”, destaca a ironia e a crítica à busca cega por conformidade.

À luz dos estudos de Bakhtin (2011), o conto de João do Rio revela uma complexidade de vozes, conflitos ideológicos e uma inversão de normas sociais. A figura de Antenor desafia as expectativas, proporcionando uma reflexão sobre a natureza dinâmica e contestadora da

interação social, conforme explorado pelos conceitos bakhtinianos. De acordo com Morelli (2016, p. 2)

O conto de João do Rio abre espaço para uma reflexão sobre o tipo de transformações que de tão agudas podem abalar a ideia que se tem de si mesmo como sujeito integrado, descentrando o indivíduo, tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto na própria compreensão de si, causando o que se pode chamar de ‘crise de identidade’.

Nesse sentido, entendemos que os conflitos ideológicos abordados no texto de João do Rio nos fazem compreender, através das relações dialógicas no âmbito da narrativa, que a aceitação e o sucesso do personagem no conto destacam a natureza do sujeito que se apresenta de maneira muitas vezes ilusória e vazia das convenções sociais, em que se permite deixar-se manipular pelas vozes e influências da sociedade, visto que, a vinculação entre o mundo ficcional e o mundo da vida não se limita a uma mera representação da realidade na ficção. Ela estabelece um espaço onde os limites entre o real e o imaginado se tornam fluidos, permitindo uma interação contínua e mutuamente influente.

### 3. QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

Realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo interpretativista, situada no campo da Linguística Aplicada (LA) que é uma área de estudo que se caracteriza por sua natureza transdisciplinar, indisciplinar e intercultural, focando na análise de problemas relacionados à linguagem em diversos contextos sociais. No que concerne ao ensino da língua materna, essa esfera do conhecimento busca entender o desenvolvimento linguístico dos alunos, visando aumentar sua capacidade comunicativa e promover sua inserção social. Dessa forma, a LA se dedica a investigar soluções para os desafios do processo de ensino-aprendizagem da linguagem em contextos reais de uso.

No que diz respeito ao ensino da leitura, a LA examina a linguagem como uma prática social, aplicando e investigando situações didáticas para entender as estratégias de ensino dos professores e como os alunos assimilam o conteúdo. Essa perspectiva valoriza as interações sociais entre os participantes (autor, narrador, personagens, leitor e discurso) no uso da linguagem.

Nossos estudos foram orientados pelas reflexões de Bakhtin (2011) ao fomentar que as relações dialógicas são essenciais para a vida da linguagem, pois é por meio das interações discursivas que os enunciados ganham significado e relevância social. Tais relações estão ligadas à produção de enunciados que incorporam posicionamentos ideológicos e axiológicos. Nesse sentido, ao analisar uma obra artística, não se deve considerar apenas as formas linguísticas, como também o conteúdo ideológico e todos os elementos que dão concretude ao enunciado no campo de interação.

Para essa pesquisa utilizamos os procedimentos do estudo de caso, com foco na compreensão de procedimentos métodos de leitura, a partir de um estudo piloto de caráter exploratório. Esse método proposto examinou a leitura com ressignificação valorada, conforme proposta por Carvalho (2023-2024), em um contexto específico de análise do conto neofantástico *O homem da cabeça de papelão*, de João do Rio.

O estudo de caso do tipo exploratório é uma espécie de estudo piloto que pode ser feito para testar as perguntas norteadoras do projeto, hipóteses, e principalmente os instrumentos e procedimentos. Concluído o estudo exploratório, haverá perguntas que serão modificadas, retiradas ou acrescentadas, instrumentos que serão refinados, ou hipóteses que serão reformuladas, com base no que funcionou ou deixou de funcionar (Leffa 2006, p.18).

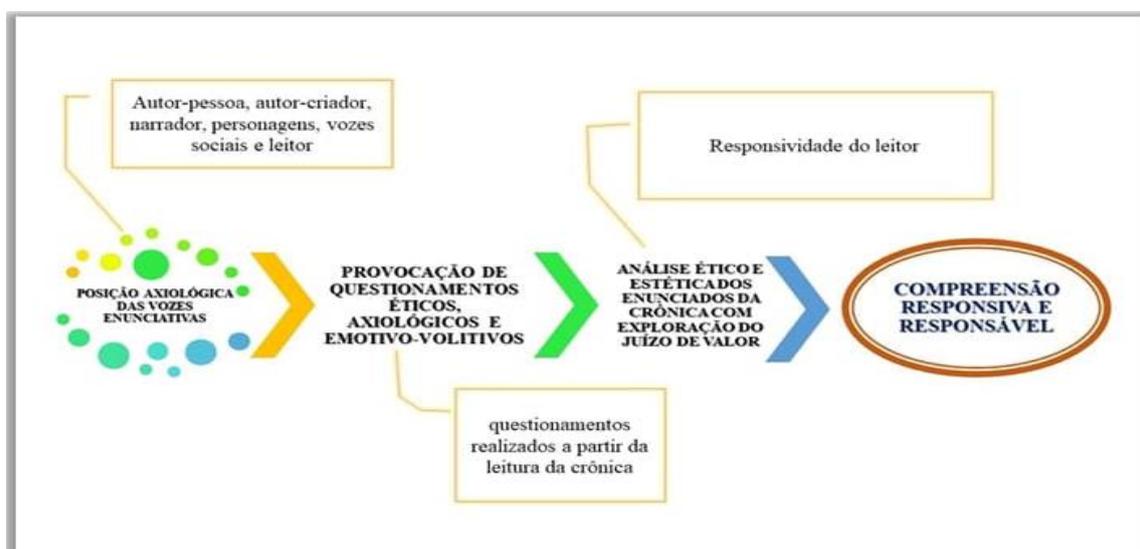
A citação de Leffa (2006) destaca a importância do estudo de caso exploratório como uma fase inicial fundamental na pesquisa. Esse tipo de estudo é descrito como uma espécie de

estudo piloto, que serve para testar as perguntas norteadoras do projeto, as hipóteses e, especialmente, os instrumentos e procedimentos a serem utilizados. A realização de um estudo exploratório permite que os pesquisadores identifiquem e corrijam problemas potenciais antes de prosseguir para uma fase mais definitiva da pesquisa.

A pesquisa piloto consistiu na aplicação prática da metodologia de uma proposta de leitura com ressignificação valorada com o objetivo investigar as possibilidades de realização de uma proposta de trabalho de leitura explorando o posicionamento ético-valorativo do autor-pessoa, autor-criador, narrador, personagens, leitor e discursos nas relações dialógicas, permitindo uma análise mais profunda das diferentes perspectivas presentes no conto *O homem da cabeça de papelão*, de João do Rio, possibilitando aos alunos não apenas compreenderem os diversos pontos de vista presentes na narrativa, mas também refletirem sobre seus próprios posicionamentos ético-axiológicos diante das questões abordadas.

A proposta de leitura com ressignificação valorada, conforme observado por Carvalho (2023), destaca-se como uma metodologia inovadora, pois implica em atribuir novos valores e significados ao texto lido, mediante uma leitura mais crítica e reflexiva, considerando por meio do diálogo entre o leitor e o texto, explorando as diversas vozes, valores e questões éticas presentes, a fim de promover uma compreensão que vai além da simples absorção de informações.

**Quadro 5-** Explicação como ocorre o processo de ressignificação valorada com base em CARVALHO (2023)



Fonte: Santos (2023).

A proposta de trabalho de leitura com ressignificação valorada, detalhada no quadro elaborado por Santos (2023) com base em Carvalho (2023), propõe uma abordagem de leitura fundamentada na perspectiva bakhtiniana, tendo o potencial de estabelecer um diálogo aberto

entre o leitor, suas experiências, as vozes presentes no texto e o contexto de produção contribuindo para o desenvolvimento das etapas de compreensão ativa, estimulando os leitores a se posicionarem ativamente em relação aos conteúdos lidos, fomentando uma leitura dialógica e interativa.

Optamos por focar no gênero conto neofantástico para realizar intervenções educativas, considerando que, mesmo ao mesclar elementos da realidade com fantasia, esse tipo de narrativa apresenta uma sensibilidade social que pode provocar reflexões, visto que, por meio desse tipo de texto, os leitores têm a oportunidade de relacionar suas próprias vivências para atribuir, por meio do diálogo valorado, novos significados à obra lida.

Os participantes de nossa pesquisa foram alunos de uma escola pública de âmbito municipal do 7º ano do Ensino Fundamental, localizada na zona rural do município de Monte Santo, Bahia. É uma instituição de médio porte, funcionando nos três turnos, sendo ofertado nos turnos matutino e vespertino as modalidades da Educação Infantil e Ensino Fundamental – anos iniciais e finais e no noturno, a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI).

A pesquisa foi desenvolvida no turno da manhã. A turma tinha 38 alunos matriculados, sendo que apenas 33 frequentavam regularmente, com 5 estudantes desistentes. A faixa etária dos discentes varia de 12 a 18 anos. O nível de ensino dos estudantes é regular, apesar da distorção idade-série, no entanto houve a necessidade de fazer um trabalho nessa perspectiva devido ao baixo interesse pelo ato de ler de forma significativa.

A oficina literária foi desenvolvida durante as aulas de Língua Portuguesa. Para isso foram utilizadas um total de 25 horas/aula de 50 minutos cada, no âmbito da sala de aula. Para o desenvolvimento desse projeto, foram utilizados recursos didático-pedagógicos, como: notebook, TV, datashow, celulares, internet.

Os alunos foram motivados enfaticamente a participarem desse projeto. No entanto, cerca de 28 discentes participaram ativamente das atividades propostas. Desde o início do projeto, os alunos demonstraram curiosidade e interesse pelo novo método de leitura com ressignificação valorada, por se tratar de um método inovador, priorizando a interação discursiva, valorativa, fazendo uso da atribuição de significados das vozes dos textos lidos.

Foi desenvolvido um caderno didático, elaborado e sistematizado com base nas categorias de análise dialógica do Círculo de Bakhtin, disponibilizando textos literários variados, atividades de interpretação, exercícios de ressignificação e espaços para reflexões pessoais dos alunos. A professora-pesquisadora atuou como mediadora, facilitando discussões e incentivando a participação ativa dos alunos.

Foram usadas estratégias como debates, trabalhos em grupo, análises críticas dos textos e atividades de ressignificação. A avaliação desse processo incluiu observação das discussões, registros escritos, autoavaliação, coavaliação, e projetos de grupo. Para registro das atividades, as aulas foram gravadas em áudio, com autorização dos pais sob a garantia do anonimato. Os resultados foram medidos pela profundidade das análises dos alunos, sua capacidade de ressignificar os textos e o engajamento nas atividades colaborativas.

Durante a análise dos dados coletados, observamos que a proposta de leitura com ressignificação valorada ajudou os alunos a desenvolverem uma compreensão mais profunda e crítica dos textos. Nesse contexto, percebemos que alguns desafios incluíram a adaptação dos alunos ao novo método e a necessidade de um acompanhamento constante pelo professor.

Nesse sentido recomenda-se continuar aprimorando os recursos didáticos, fornecer mais treinamento para os professores, além de aumentar o tempo dedicado às atividades de ressignificação. Pois, o estudo piloto demonstrou que a leitura com ressignificação valorada é uma metodologia eficaz para promover a compreensão crítica e reflexiva dos alunos, embora exija um planejamento cuidadoso e uma mediação ativa do professor.

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta pesquisa realizamos a análise das relações dialógicas do conto neofantástico *O homem da cabeça de papelão*, de João do Rio a partir de uma oficina literária desenvolvida com uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental da escola municipal de Monte Santo, Bahia, com o objetivo investigar as possibilidades de realização de uma proposta de trabalho de leitura explorando o posicionamento ético-valorativo do autor-pessoa, autor-criador, narrador, personagens, leitor e vozes sociais por meio das interações verbais. Desta forma, exploramos a compreensão ativa e dialógica na qual o sujeito possa interagir com as vozes que são produzidos por esses agentes.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, cada etapa da oficina literária permitiu à professora-pesquisadora e aos estudantes refletirem sobre a questão da identidade do sujeito e a relação entre si e os outros na sociedade, ressignificando as possibilidades de escolhas a partir da influência proposta pelo contexto social. Assim, foram traçados meios que possibilitaram a interação discursiva com a perspectiva de leitura com ressignificação valorada mediante as relações dialógicas presentes no texto. Dessa forma, cada etapa da oficina literária objetivou especificar com os alunos os seguintes objetivos:

1. Analisar a aplicabilidade da proposta de leitura com ressignificação valorada das categorias analítico-discursivas de Bakhtin no contexto da leitura literária em sala de aula, determinando como estas podem enriquecer a compreensão e a interação dos estudantes com o texto literário.
2. Implementar uma oficina de leitura que utilize *O homem da cabeça de papelão* como texto central, com o objetivo de promover uma experiência de leitura que engaje os alunos em uma interpretação ativa, refletindo sobre os aspectos valorativos e ideológicos envolvidos na atividade leitora;
3. Observar a interação dos alunos com o texto e a discussão em grupo, contribuindo para a formação de leitores críticos, reflexivos e responsivos;
4. Analisar as relações dialógicas entre os agentes ético-discursivos no conto, relacionando-os com outros textos e contextos;
5. Avaliar o processo de transposição didática das teorias do Círculo de Bakhtin para o ensino da leitura literária, considerando os desafios na experiência realizada em uma classe de 7º ano;

6. Propor práticas pedagógicas de ensino da leitura literária com ressignificação valorada, apresentando uma experiência de oficina em um caderno pedagógico.

Desta feita, foi realizado um trabalho dialógico visando a análise da compreensão ativa dos alunos com auxílio da mediação da professora em atividades de leitura em torno das relações dialógicas estabelecidas no e com o conto *O homem da cabeça de papelão*, de João do Rio. As análises ressaltaram os aspectos ético-estético-discursivos e, com base nas perspectivas de Bakhtin (2016) e Volóchinov (2017) sobre o discurso e a compreensão ativa e de Carvalho (2021, 2023) sobre as construções do itinerário de leitura com ressignificação valorada.

Durante a atividade de leitura, a professora estimulou a participação ativa dos alunos a partir das discussões, questionamentos e reflexões sobre o texto revelando uma rica interação entre os discentes e os conceitos discutidos na oficina literária, observando como ocorre a alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, como os estudantes e a docente assumem diferentes papéis discursivos ao interagirem entre si e com o texto.

#### 4.1. OFICINA DE LEITURA – ETAPA 01 – ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

Na primeira etapa da oficina foi feito um trabalho prévio à cerca do termo “cabeça de papelão”; foram elencadas algumas perguntas para os educandos e, à maneira que as respostas eram apresentadas, a professora-pesquisadora percebeu a necessidade de explorar o valor da expressão ‘cabeça de papelão’ que corresponde o título do conto.

Sendo assim, reafirmamos a visão de Volóchinov (2017) que afirma que cada palavra reflete e refrata elementos da realidade social e ideológica em que é produzida. Ele enfatiza que a palavra corresponde um campo de batalha para os conflitos ideológicos e axiológicos. Assim, o valor da palavra como signo ideológico reside na sua capacidade de absorver e transmitir as tensões sociais do momento. A polivalência e polissemia são características centrais dos signos linguísticos, destacando sua capacidade de carregar múltiplos sentidos simultaneamente. Essa natureza multifacetada do signo é de extrema importância para compreender como os alunos dão sentido aos enunciados nas relações dialógicas. Apresentamos, a seguir, um conjunto de diálogos que demonstra como os alunos assumiram posicionamentos sobre os temas explorados nas aulas de leitura e produção discursiva (oral e escrita):

**Quadro 6-** Diálogo sobre expressões do dia a dia

**Professora:** Para você, como seria uma pessoa “cabeça de papelão”, significa que ela age como na sociedade?

(Resposta 1): Seria uma pessoa que não pensa antes de tomar qualquer atitude na vida.

(Resposta 2): Significa ser uma mente vazia, que age de qualquer jeito, sem se preocupar com as consequências que possam acontecer com a pessoa.

(Resposta 3): Seria uma cabeça de vento, que não pensa em nada, seria “um banda voou”.

**Professora:** Me explique o que é ser “cabeça de vento”?

(Resposta 1): Cabeça vazia de pensamento, de informação, que para a pessoa tanto faz, do jeito que viver tá bom.

(Resposta 2): Seria, professora, uma cabeça que não segura as informações, que faz as coisas de qualquer jeito, alguém sem nenhuma preocupação na vida.

(Resposta 3): Alguém que a gente vai falando como é as coisas certas e só escolhe o jeito errado para viver ou fazer as coisas.

**Professora:** Certo, agora eu quero saber qual o sentido do termo “banda voou”?

(Resposta 1): Seria uma pessoa que não liga para a vida, não se preocupa com o certo ou errado, faz o que dá vontade de fazer, não ligando para ninguém.

(Resposta 2): Seria uma cabeça que não pensa em nada, faz tudo o que tem vontade, não liga se está no caminho certo ou errado, ta nem aí pra vida.

(Resposta 3): Seria uma mente sem pensamentos, que age por ela mesma, mas sem medir as consequências do que está fazendo.

(Resposta 4): Que nem esse pessoal que usa droga, mesmo sabendo que faz mal, que é proibido, se a polícia pegar, o cara vai preso, mesmo assim a pessoa não tá nem aí, continua usando. Isso é ser banda voo, não ligar pra nada, tanto faz viver, como morrer, tá nem aí.

(Resposta 5): Sem conhecimento, sem noção do que quer, que pode se deixar ser manipulado pelos outros, fazendo as vontades dos outros, por não ter noção do que é certo ou errado. Seria uma “Maria vai com as outras”.

**Professora:** O que seria ser “Maria vai com as outras”?

(Resposta 1): É a pessoa fazer o que os outros querem, deseja, não importa sua opinião e sim a deles. É seguir o exemplo de alguém, porque acha bonito, interessante, mesmo sendo coisa errada.

(Resposta 2): Seria uma pessoa cabeça de vento. Que faz o que quer, sem medir as causas que pode vir depois.

**Professora:** E por que você acha que a pessoa ser “banda voou” ela seria doida?

(Resposta 1): Ah, porque ela não segue ordem, não respeita nada, nem os pais que é quem cria e faz o que quer.

(Resposta 2): Seria uma pessoa que se arrisca, faz o mal e não liga se vai ser preso, se vai viver ou morrer. Isso é ser doido, fazer o que quer sem ter medo, nem ligar pra nada. Só pensa em fazer o mal.

**Professora:** Como seria esse mal?

(Resposta 1): Fazer coisas erradas, do tipo se dar bem a todo custo, sem se importar com os outros, com o que é certo ou errado.

(Resposta 2): Uma pessoa que não está nem aí para a vida, não pensa.

Os alunos, ao expressarem suas visões sobre o termo “cabeça de papelão”, “cabeça de vento”, mostraram a alternância dos sujeitos do discurso. Cada aluno trouxe sua perspectiva, moldada por suas experiências e valores. Este processo reflete a natureza dialógica do enunciado, na qual cada voz contribui para a construção do significado. A diversidade de respostas mostra como diferentes sujeitos interpretam e avaliam o valor da palavra em diferentes contextos.

A forma como os alunos discutem e descrevem situações revela uma mesclagem de linguagem informal, metáforas e expressões idiomáticas, como “banda voou” e “Maria vai com as outras”. Essas peculiaridades evidenciam a influência das experiências culturais e sociais dos alunos na modelagem da linguagem e do estilo de seus enunciados. O emprego dessas expressões, juntamente com as explicações e redefinições que os alunos lhes conferem durante as interações sociais, demonstra a dinâmica da linguagem como um reflexo da vivência coletiva.

Nesse contexto, os alunos revelaram uma compreensão ativa na qual a expressão é ressignificada como uma metáfora que denota alguém irresponsável e influenciável. Essa ressignificação valorada reflete a capacidade dos estudantes de interpretar e atribuir sentido ao texto literário, relacionando-o com suas próprias experiências e conhecimentos. As variadas interpretações dos discentes demonstraram posicionamento ético em relação a valorização dos comportamentos e decisões na sociedade, refletindo sobre como os indivíduos são vistos e julgados por suas ações. A dimensão estética destacou-se da própria linguagem e das imagens que o termo “cabeça de papelão” suscitou. A metáfora permitiu uma rica visualização e interpretação, mostrando como a escolha de palavras pode evocar diferentes sentimentos e imagens, e como essas escolhas influenciam sobre a percepção do conteúdo.

Do ponto de vista cognitivo, ao focar inicialmente em termo utilizado no título, “cabeça de papelão”, antes de introduzir a narrativa, permitiu a ativação de conhecimentos prévios, transformando o espaço da sala de aula em um terreno fértil. Por fim, na dimensão discursiva, a atividade enfatizou o signo ideológico ao abordar “cabeça de papelão” como uma expressão carregada de conteúdos ideológicos. Seguindo a compreensão de signo com índice de valor como propõe Volóchinov (2017), a discussão mostrou como cada interpretação dos alunos, manifesta posições sociais e conteúdo vivencial, crenças e valores. Cada resposta remete a existência de negociação de sentido em relação a expressão em discussão. Este enfoque promoveu uma leitura reflexiva, preparando o terreno para uma exploração dos temas literários e sociais abordados na narrativa.

A decisão de explorar o termo “cabeça de papelão” como um signo ideológico antes de introduzir os alunos à leitura de um texto de gênero neofantástico foi uma estratégia pedagógica adotada para valorizar a ressignificação durante o planejamento do itinerário de leitura, explorando as dimensões cognitivas, éticas, estéticas e discursivas (Carvalho, 2023). Esta abordagem não apenas estimulou a imaginação dos alunos, mas também os preparou para se envolverem com a natureza muitas vezes ambígua e metafórica do gênero neofantástico. Ao discutir o termo sem o contexto completo da narrativa, os discentes foram desafiados a explorar e expandir os limites de sua própria interpretação, o que é essencial para a apreciação desse gênero literário, que frequentemente transita entre o real e o surreal.

Após o diálogo referente à temática “cabeça de papelão” foi proposto à turma que fizessem uma produção escrita de conto fantástico com o título “*O homem da cabeça de papelão*”, tema esse até então desconhecido para a classe, mas de certa forma antecipado mediante a conversa desencadeada por meio da temática “cabeça de papelão”. Disparamos de alguns exemplos produzidos pelos alunos:

**Quadro 7-** Produções diagnósticas dos alunos

**Produção inicial 1:**

O HOMEM DA CABEÇA DE PAPELÃO

Em um dia ensolarado, eu ia em uma loja da minha cidade quando eu me deparei com um homem com uma cabeça de papelão, então eu fui conversar com ele. Eu perguntei seu nome e ele mim falou que era Fabrício.

Eu perguntei para ele por que ele estava com aquela cabeça de papelão e ele me disse que estava usando aquilo porque disseram a ele que quem usasse cabeça de papelão ficava rico.

E como ele, não tinha nada para viver estava usando a cabeça de papelão para ser o cara mais rico daquele lugar.

Eu disse a ele que aquilo não era verdade que era melhor ele deixar de usar aquilo e voltar a mostrar sua cabeça, mas ele disse que ia continuar usando porque tudo que ele queria era ser rico e vai que aquilo fosse verdade, então ele seria o homem mais feliz e realizado do mundo.

**Produção inicial 2:**

O HOMEM DA CABEÇA DE PAPELÃO

Na cidade Ping Pong morava um homem com a cabeça de papelão, ele se chamava Romeu. Ele era diferente de todas as outras pessoas e isso me incomodava, a ponto dele querer trocar de cabeça.

Mais um certo dia, ele descobriu que sua diferente cabeça tinha uma utilidade mágica e incrível, ele podia ficar invisível. Ele descobriu isso quando eu estava correndo de uma onça na floresta, quando ele subiu em uma árvore para se proteger. Cruzou os braços e imaginou como se tivesse subindo dali e de repente... Puf! Ele ficou invisível.

A partir desse dia ele nunca mais se sentiu triste com sua cabeça de papelão, mas sim feliz e privilegiado por ser diferente.

Fonte: Aplicação do projeto em sala de aula, durante a oficina literária nas aulas de Língua Portuguesa.

Percebemos nas produções iniciais 1 e 2, que os alunos ainda não utilizaram os aspectos necessários para um conto neofantástico como a fantasia com a realidade, o que se pretende que seja explorado na versão final depois do desenvolvimento das atividades no decorrer da sequência didática, visto que eles ainda estavam avançando no conhecimento referente ao gênero discursivo, contudo, no que tange ao título proposto para o texto, mesmo eles não tendo conhecimento do conto de João do Rio, os discentes fizeram em suas narrativas analogias voltadas à troca de cabeça, a ascensão social, ao poder de conquista que a nova cabeça propunha ao personagem do texto de João do Rio.

Na narrativa 1, a escolha de usar uma cabeça de papelão mostra ser uma figura simbólica que representa a busca por riqueza de maneira não convencional, já no texto 2, o enredo proporciona surpresa e encantamento quando revela a capacidade mágica da cabeça de papelão, envolvendo o leitor em um elemento fantasioso, visto que a habilidade de ficar invisível representa uma clara passagem de limite, desafiando as fronteiras da realidade convencional.

#### 4.1.1. Análise da cantiga Marcha soldado

Dando sequência a essa etapa da oficina, procuramos trabalhar a canção “Marcha soldado” visando fazer uma relação com a temática “cabeça de papelão”. Buscamos analisar a compreensão ativa dos alunos sob a perspectiva da ressignificação valorada, considerando o processo dialógico evidenciado nos enunciados da canção.

Ao relacionarem o título da canção com a ideia de seguir regras e sofrer consequências em caso de desobediência, os alunos atribuíram à figura do soldado uma série de comportamentos e atitudes que refletem a importância da disciplina e da conformidade com as normas sociais. Essa associação sugeriu uma interpretação do título como um chamado à obediência e à responsabilidade, destacando a importância do cumprimento do dever.

**Quadro 8-** Compreensão da canção *Marcha soldado*

**Professora: O que a letra dessa canção nos informa?**

**(Resposta 1):** Que quem não seguir as regras sofrerá as consequências.

**(Resposta 2):** Essa música dá a ideia de que se não seguirmos regras iremos sofrer consequências.

**(Resposta 3):** Quem não seguir as regras vai preso no quartel, o fogo é uma pessoa que discorda das regras.

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

A expressão “cabeça de papel”, presente na primeira estrofe da música, foi interpretada pelos alunos como uma metáfora para a falta de pensamento crítico e a submissão cega às ordens superiores. Essa associação contribuiu para a construção da imagem do soldado como alguém passivo e manipulável, que segue as regras sem questionar, reforçando a mensagem ética de conformidade transmitida pela canção.

**Quadro 9-** Relação da expressão “cabeça de papelão” com a canção “Marcha soldado”

**Professora:** Na primeira estrofe da música, há a expressão “cabeça de papel”. Que efeito essa imagem causa no contexto da canção e como ela contribui para a mensagem transmitida?

**(Resposta 1):** Que o soldado não usa a cabeça corretamente, ou seja, ele não pensa e é levado pela opinião alheia.

**(Resposta 2):** Ela significa que o soldado não obedece às regras e tem uma cabeça vazia.

**(Resposta 3):** Que é uma pessoa de mente vazia igual a cabeça de papelão, é facilmente manipulada.

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

Outra parte discutida no que concerne a canção “Marcha Soldado” foram os versos “Acode, acode, acode / A bandeira nacional”, a professora-pesquisadora desencadeou o diálogo de maneira que os alunos discutissem a necessidade de urgência da ação do sujeito mediante um sistema. E os alunos apresentaram os seguintes posicionamentos:

**Quadro 10-** Compreensão sobre a repetição da palavra “acode”

**Professora:** A repetição da palavra “acode” no último verso da música cria um ritmo específico. Como essa repetição nos ajuda a compreender o que a canção nos informa?

**(Resposta 1):** Que está acontecendo algo grave, que alguém precisa de ajuda urgente naquele momento e o soldado precisa acudir, socorrer com urgência.

**(Resposta 2):** Que o Brasil está pedindo socorro, um grito de emergência.

**(Resposta 3):** Que a situação está muito grave e a pessoa está alertando.

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

A repetição da palavra “acode” no último verso da música foi compreendida pelos alunos como um sinal de alerta e urgência, enfatizando a necessidade de agir prontamente diante de uma situação grave. Essa associação reforçou a ideia de que o soldado deve estar sempre preparado para responder aos chamados do dever, mesmo diante das adversidades.

#### 4.2. OFICINA DE LEITURA – ETAPA 02 – LEITURA DA ANIMAÇÃO E DA ESCRITA DO CONTO *O HOMEM DA CABEÇA DE PAPELÃO*

Após a análise inicial que vinculou a temática de “cabeça de papelão” com a canção “Marcha soldado”, a professora-pesquisadora conduziu os alunos à segunda etapa da oficina de leitura, a fim de vivenciar uma leitura com o conto neofantástico *O homem da cabeça de papelão*, de João do Rio. Nesta fase, a obra foi explorada tanto em sua adaptação para filme de animação quanto em sua versão original – escrita, com o intuito de fomentar uma compreensão ativa e estimular um diálogo responsivo entre os estudantes acerca das temáticas e das relações dialógicas presentes.

A experiência começou com a versão animada do conto, que possibilitou uma interação imersiva com a história por meio de recursos visuais e sonoros. Esta modalidade permitiu que os alunos compreendessem de maneira mais direta e emocional os temas do conto, apontando para a identificação e transformações do personagem principal, Antenor.

**Figura 3-** Filme Cabeça de papelão



Fonte: print de tela capturado pela autora de uma cena do vídeo de Quiá Guimarães, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eyQGdK7tJMc&t=678s>.

Após a exibição do filme e a leitura do texto escrito, a professora-pesquisadora iniciou o diálogo de compreensão da obra com os seguintes questionamentos:

**Quadro 11-** Diálogo sobre o filme *O homem da cabeça de papelão*.

**Professora:** Diante do que vocês assistiram, façam um resumo do que foi abordado no filme *O homem da cabeça de papelão*:

**(Resposta 1):** O filme conta a história de um homem que teve que trocar de cabeça, usar uma de papelão para pensar igual as outras pessoas daquele lugar.

**(Resposta 2):** Mostra a vida de uma pessoa era considerada sem importância naquele lugar porque pensava diferente de todos dali.

**(Resposta 3):** Fala de Antenor, um sujeito que teve de trocar de cabeça para poder pensar igual a todos.

**Professora:** E por que Antenor era considerado um ser sem importância para as pessoas daquele país já que ele era honesto, verdadeiro?

**(Resposta 1):** Porque ele era verdadeiro e as pessoas não suportavam ouvir a verdade, não davam importância para ele.

**(Resposta 2):** Porque não é todo mundo que gosta de ser verdadeiro e de falar a verdade, por isso as pessoas de lá não gostam dele, do Antenor.

**(Resposta 3):** Porque ele era o único diferente naquele lugar e isso ofendia as pessoas de lá, porque lá só faziam coisas erradas e quando descobriram um que agia honestamente, era perseguido, não gostavam dele, não davam importância para ele.

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

A maneira como os alunos discutem e descrevem situações revela uma mescla de linguagem informal, metáforas e expressões idiomáticas, como “banda voou” e “Maria vai com as outras”. Essas particularidades evidenciam a influência das experiências culturais e sociais dos alunos na modelagem da linguagem e do estilo de seus enunciados. O emprego dessas expressões, juntamente com as explicações e redefinições que os alunos lhes conferem durante as interações sociais, demonstra a dinâmica da linguagem como reflexo da vivência coletiva. No diálogo apresentado, a diversidade de opiniões e interpretações dos alunos sobre o conto *O homem da cabeça de papelão* é notória. Inicialmente, os alunos perceberam Antenor, o protagonista da narrativa, como marginalizado devido ao seu pensamento divergente.

A professora problematizou essa visão, questionando o significado de “importância social” e a turma formulou sua visão, entendendo que a marginalização de Antenor derivou não só de sua divergência de pensamento, mas também da rigidez, alienação social, conformismo e crítica à sociedade da época.

Seguindo a exibição, mergulhamos na leitura compartilhada da versão original, abrindo espaço para uma exploração dos elementos literários e discursivos presentes na criação estética. Nessa análise, o papel do narrador emergiu como ponto central, diferenciando-se significativamente da versão animada.

#### 4.2.1. A leitura do conto *O homem da cabeça de Papelão*

Os alunos foram convidados a estabelecer paralelos entre o fictício País do Sol, descrito por João do Rio, e o Brasil, focando em aspectos como a influência social na tomada de decisões individuais e a corrupção política. A descrição de João do Rio no conto é particularmente provocativa:

#### **Quadro 12-** Associação do país descrito no conto com o Brasil

No país que chamavam de Sol, apesar de chover, às vezes, semanas inteiras, vivia um homem de nome Antenor. (...). Os habitantes afluíam todos para a capital, composta de praças, ruas, jardins e avenidas, e tomavam todos os lugares e todas as possibilidades da vida dos que, por desventura, eram da

capital. (...) Havia milhares de automóveis à disparada pelas artérias matando gente para matar o tempo, cabarés fatigados, jornais, trâmueis, partidos nacionalistas, ausência de conservadores, a Bolsa, o Governo, a Moda e um aborrecimento integral. Enfim, tudo quanto a cidade de fantasia pode almejar para ser igual a uma grande cidade com pretensões da América. E o povo que a habitava julgava-se, além de inteligente, possuidor de imenso bom senso. Bom senso! Se não fosse a capital do País do Sol, a cidade seria a capital do Bom Senso (Rio, 1920, p. 4-8).

**Professora: O País do Sol de alguma maneira se assemelha, se parece com o nosso país, o Brasil? Em caso afirmativo, cite exemplos:**

**(Resposta 1):** Sim, acho parecido o clima, pois tem lugares que chove demais e tem outros que quase não chove, como nossa região, por exemplo, sol escaldante.

**(Resposta 2):** Sim, às vezes tem pessoas que pensam como Antenor e tem pessoas que pensam diferente, e aí muitos preferem agir pela a maioria, fazer as coisas, da mesma forma como essas pessoas pensam, é “Maria vai com as outras”, tipo assim, faz as coisas não por escolha própria, mas faz porque todos decidiram fazer daquele jeito, tomar aquela decisão, influenciado.

**(Resposta 3):** Parece com os políticos “ladrões” que tem no Brasil, que rouba o dinheiro do povo, como o ex-prefeito daqui professora, lembra que ele saiu sem pagar os professores e o restante dos funcionários, até hoje a senhora e os outros nunca receberam? (*risos dos alunos*).

**Professora: A ação desse prefeito que saiu do cargo sem pagar os funcionários públicos do município tem alguma aparência com as ações Antenor depois que passou a usar a cabeça de papelão?**

**(Resposta 1):** Acho que sim, porque lá no conto diz que Antenor passou a explorar as pessoas e o que o ex-prefeito fez com vocês e os demais funcionários foi exploração.

**(Resposta 2):** Foi roubo mesmo, enganou todo mundo e saiu da prefeitura rico com o dinheiro que era de vocês e dos outros trabalhadores. É isso que dá ser político, cada um quer roubar um pouquinho, mas esse daí roubou e foi do muito. E no texto diz que Antenor ficou rico fazendo coisas erradas, o mesmo que o ex-prefeito daqui.

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

Essa análise dialógica revelou não apenas a compreensão dos alunos sobre o texto e sua relação com a realidade, mas também sua capacidade de questionar e criticar as estruturas sociais injustas e corruptas que permeiam a sociedade brasileira. Eles não aceitam passivamente as injustiças retratadas no conto ou as práticas corruptas que testemunham em seu próprio país, mas sim levantam questões relevantes e incômodas sobre o papel dos governantes e a responsabilidade individual diante da corrupção e da injustiça.

Essa profundidade de análise e engajamento crítico dos alunos reflete a capacidade da linguagem como uma ferramenta de expressão e resistência, conforme defendido por Bakhtin (2011). Os discentes não apenas refletiram as ideias apresentadas pela professora, mas também as transformaram e enriqueceram com suas próprias experiências, percepções e valores, evidenciando a natureza dinâmica e responsiva do diálogo educacional.

Prosseguindo na análise da obra, aprofundamos a compreensão da dinâmica dialógica em torno do julgamento que os familiares do protagonista Antenor lhe impunham, motivado por suas ideias e ações divergentes dos princípios sociais vigentes no país. Os alunos realizaram uma análise crítica do posicionamento dos familiares do jovem.

**Quadro 13-** Julgamento da família sobre o comportamento do protagonista Antenor

**Professora: Como Antenor era visto pela família?**

**(Resposta 1):** A mãe acha ele doido, ela disse que ele era doido mas era bom. Ela achava que tinha sido um defeito que aconteceu quando ele nasceu.

**(Resposta 2):** Não só a mãe, como o tio achavam que ele tinha problema na cabeça dele (Antenor) porque ele agia diferente dos demais. Ele queria estudar e o tio dizia para ele bajular os políticos que quem estuda é “vagabundo”.

**Professora: Quem convenceu Antenor a procurar uma solução para sua cabeça?**

**(Resposta):** A namorada – Maria Antônia que convenceu ele a “tomar juízo.”

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

Nesse trecho do diálogo, os alunos revelaram uma compreensão profundada das dinâmicas familiares e sociais que influenciam o comportamento de Antenor. Suas respostas destacam não apenas a visão da família sobre Antenor, mas também as pressões sociais e as expectativas culturais que moldam suas escolhas e comportamentos.

Ao descrever a percepção da mãe e do tio sobre Antenor, os alunos destacaram a estigmatização e o preconceito enfrentados pelo personagem devido à sua busca pelo conhecimento e sua recusa em se conformar com as normas sociais estabelecidas. A visão da mãe de que Antenor é “doido, mas bom” e a crença do tio de que estudar é coisa de “vagabundo” evidenciam as pressões sociais e as concepções equivocadas sobre educação e sucesso que permeiam a sociedade retratada no conto.

Além disso, a resposta que atribui a namorada de Antenor, Maria Antônia, o papel de convencê-lo a “tomar juízo” revela a influência das relações pessoais na formação da identidade e das escolhas individuais. Ressaltando a importância dos relacionamentos interpessoais na construção do eu com o outro e na orientação moral, assim como a capacidade das pessoas próximas de exercerem influência positiva ou negativa sobre as decisões de alguém.

Avançamos o debate visando refletir a procura do protagonista em solucionar os problemas causados pela sua cabeça. Dialogando com os estudantes, a professora-pesquisadora elencou alguns questionamentos:

**Quadro 14-** Análise da cabeça de Antenor

**Professora: Qual foi a solução encontrada por Antenor para ver o problema da cabeça dele?**

**(Resposta 1):** Um relojoeiro.

**(Resposta 2):** Uma relojoaria que ele encontrou na rua.

**Professora: Para poder observar a cabeça de Antenor com mais calma, mais tempo, qual foi a opção ofertada pelo relojoeiro?**

**(Resposta 1):** Ele disse que precisava retirar a cabeça dele (Antenor) e colocar uma cabeça provisória, de papelão, para ele não ficar sem cabeça.

**(Resposta 2):** O homem ofertou uma cabeça especial, feita em série, de papelão para Antenor usar enquanto ele observava qual era o defeito da cabeça dele.

**Professora: Como funcionou a cabeça de papelão em Antenor?**

**(Resposta 1):** Foi como se algo especial tivesse naquela cabeça porque ele passou a fazer tudo o que as pessoas queriam que ele fizesse quando tinha a cabeça original dele, e assim ele conquistou poder, fama, dinheiro.

**(Resposta 2):** Acho que como a nova cabeça dele era de papelão, era vazia, deveria ter algum superpoder que transformou os pensamentos do Antenor e ele conseguiu tudo o que antes ele não tinha.

**(Resposta 3):** Na verdade, como a cabeça de papelão não tem nada dentro, ele passou a escutar e obedecer às vontades do povo, com isso ele foi tendo sucesso, é como quem é influenciador na internet, o cara não tem nada, é pobre, inventa uma moda e ganha fama e dinheiro rapidamente.

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

Ao descrever a solução encontrada por Antenor para seu problema, os alunos reconheceram a intervenção do relojoeiro como uma metáfora para a busca por uma solução rápida e aparentemente fácil para os desafios pessoais. A oferta de uma cabeça de papelão, provisória e artificial, simboliza a superficialidade das mudanças externas que não abordam as questões internas mais profundas.

Além disso, ao discutir o funcionamento da cabeça de papelão em Antenor, os alunos evidenciaram sua compreensão das pressões sociais e da influência da conformidade social no sucesso e na aceitação. Suas analogias com influenciadores digitais destacam como a sociedade contemporânea valoriza a imagem e a superficialidade em detrimento da autenticidade e da integridade.

A professora-pesquisadora continuou aprofundando o diálogo na perspectiva de discutir sobre a repentina progressão e aceitação social de Antenor, suas novas conquistas proporcionadas pelo uso da nova cabeça, o posicionamento familiar e amoroso do protagonista. A classe apresentou os seguintes posicionamentos dialógicos:

**Quadro 15-** Visão sobre a nova cabeça de Antenor

**Professora: Como Antenor passou a ser visto pela sociedade com sua nova cabeça:**

**(Resposta 1):** Ele foi aceito e respeitado por todos, porém se tornou mulherengo, “raparigueiro”, ganhou muito dinheiro trapaceando o exército com os feijões bichados, viva nas farras e não quis mais se casar com a namorada dele.

**(Resposta 2):** Antenor se tornou um enganador, falsificador, passou a ser político, começou a roubar do povo e com isso ficou importante, coisa que ele não era lá antes de trocar de cabeça.

**(Resposta 3):** A nova cabeça fez um milagre em Antenor, fez conquistar tudo o que não tinha, ele ficou famoso, ganhou muitos amigos, o apoio da família só porque fazia tudo do jeito que os demais daquele país queriam que ele fizesse.

**Professora: Como a família e os amigos de Antenor o viam depois da nova cabeça, depois de todo o sucesso e aceitação que ele estava tendo naquela sociedade?**

**(Resposta 1):** Agora todos elogiavam ele, tinham orgulho dele só porque ele tinha ficado rico.

**(Resposta 2):** O tio dele agora estava feliz porque Antenor estava fazendo tudo como ele tinha orientado quando chamou ele de “vagabundo”.

**Professora: E a mãe dele, vocês acham que ela estava feliz com a aceitação do filho pela sociedade?**

**(Resposta 1):** Ela estava feliz porque ele estava fazendo tudo que era da vontade de todos daquele lugar, porque agora ele era aceito por onde passava e por tudo o que ele fazia e dizia, ninguém mais reclamava dele, nem a mãe.

**(Resposta 2):** Acho que não, porque ela viu que ele só foi aceito por todos porque estava fazendo coisas erradas e uma mãe não fica feliz vendo um filho fazer coisas erradas, e Antenor nem ligava mais para mãe, assim como não ligou mais para a namorada.

**Professora: A namorada de Antenor foi quem convenceu ele a mudar o modo de pensar e ser como os mais daquele lugar para poder ela se casar com ele. O que aconteceu com o relacionamento deles?**

**(Resposta 1):** Ele a desprezou porque se tornou “raparigueiro”, “mulherengo”, só queria saber de ter várias mulheres ricas e não uma mulher pobre.

**(Resposta 2):** A fama, o dinheiro mudaram o sentimento de Antenor, mas acho que é porque na verdade ele não a amava, porque se a amasse ele tinha continuado com ela mesmo ela sendo pobre.

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

Analisando as respostas dos discentes, observamos que os alunos identificaram uma mudança radical na imagem pública de Antenor. Eles reconheceram que, embora o protagonista tenha ganhado aceitação e respeito, ele também se tornou mulherengo, ganancioso e trapaceiro, comprometendo seus valores éticos em busca de sucesso e aceitação social. Suas observações revelam uma crítica implícita à tendência da sociedade em valorizar a aparência e o sucesso material em detrimento da integridade pessoal.

Ademais, ao discutir a percepção da família e dos amigos sobre Antenor após sua transformação, os alunos destacaram como o sucesso superficial de Antenor influenciou suas

relações interpessoais. Eles reconheceram que, embora sua família e amigos o elogiassem e se orgulhassem de suas conquistas materiais, havia uma perda de conexão emocional e moral com sua verdadeira identidade.

Antenor começava a pensar na sua má cabeça, quando o seu coração apaixonou-se. Era uma rapariga chamada Maria Antônia, filha da nova lavadeira de sua mãe. Antenor achava perfeitamente justo casar com a Maria Antônia. Todos viram nisso mais uma prova do desarranjo cerebral de Antenor. Apenas, com pasmo geral, a resposta de Maria Antônia foi condicional. - Só caso se o senhor tomar juízo. - Mas que chama você juízo? - Ser como os mais. - Então você gosta de mim? - E por isso é que só caso depois (Rio, 1920, p. 31).

Ao abordar o relacionamento de Antenor com sua namorada, os alunos evidenciaram como a influência do dinheiro e da fama mudou seus sentimentos e prioridades. Suas observações ressaltaram a importância dos relacionamentos baseados no amor e na lealdade, em contraste com a superficialidade das conexões movidas pelo interesse material. Essa análise demonstra uma crítica à superficialidade das relações sociais e ao impacto corrosivo do sucesso material na moralidade e nos relacionamentos interpessoais.

Por meio das análises discursivas que conduziram os discentes a refletir oportunizando o debate, encaminhamos a discussão para o retorno de Antenor à relojoaria depois da riqueza e fama para saber de fato o defeito de sua cabeça original. Os alunos apresentaram em seus diálogos os seguintes posicionamentos:

**Quadro 16-** Retorno de Antenor a relojoaria após o sucesso e aceitação social

**Professora:** Ao retornar à relojoaria para saber sobre qual era o defeito da cabeça de sua cabeça, o relojoeiro apresentou ao jovem um diagnóstico. Qual era o problema apontado pelo profissional?

**(Resposta 1):** Problema nenhum, a cabeça de Antenor era normal. Na verdade, quem tinha problema, defeito, era o povo daquele lugar que pensava e agia contra os princípios éticos e morais.

**(Resposta 2):** Na verdade, o povo de lá era doido, pensava diferente do padrão social, Antenor era o único que pensava e praticava a verdade, mas era rejeitado, era tido como doido, sendo que doido são aquela sociedade que era doentia.

**Professora:** O relojoeiro abriu a cabeça de Antenor para provar o que ele estava falando, que a cabeça era regulada, normal, funcionava bem. Como era o funcionamento da cabeça de Antenor?

**(Resposta 1):** “Ao mostrar a cabeça de Antenor com as engrenagens e ver que está tudo normal, regulada, percebemos que Antenor não tem problemas com a cabeça dele. O cérebro com engrenagens compara ele a uma máquina, a um “robô” que para funcionar precisa ser desenvolvido e programado para ser manipulado por um alguém.

Por isso ele procurou um relojoeiro para consertar a cabeça dele, porque dentro tinha uma máquina, como a cabeça de relógio, feita para ser consertada por um técnico. Por isso Antenor não obedecia às opiniões do povo daquele lugar, por ter uma cabeça normal, regulada. Só quando ele teve uma cabeça de papelão, vazia de engrenagens ele agiu como os outros daquele lugar queriam”.

**(Resposta 2):** A cabeça de Antenor tinha máquina no lugar do cérebro normal, por isso ela não funcionava bem, por isso ele era diferente dos outros, porque os parafusos estavam soltos, desregulados, daí o motivo de acharem que ele estava doido, poderia estar com um parafuso a menos.”

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

A análise das respostas dos alunos revela que eles não apenas demonstraram uma compreensão profunda do texto, mas também apresentaram um julgamento perspicaz das normas sociais e dos valores coletivos presentes na obra. Ao sugerirem que a cabeça de Antenor era normal e que o verdadeiro problema residia na sociedade que o cercava, os estudantes ofereceram uma crítica sutil às normas sociais e aos padrões de comportamento vigentes naquela comunidade fictícia. Eles questionaram a sanidade de uma sociedade que rejeita indivíduos como Antenor, que busca viver de acordo com princípios éticos e morais, enquanto tolera e perpetua comportamentos questionáveis.

Além disso, ao comparar a cabeça de Antenor com uma máquina regulada ou desregulada, os discentes exploraram metaforicamente a ideia de passividade e controle social. Eles sugeriram que a sociedade tenta moldar os indivíduos de acordo com suas próprias normas, como se fossem máquinas programadas para obedecer a um conjunto específico de regras e valores. Esse posicionamento propõe uma reflexão mais profunda sobre a liberdade individual, a autenticidade e a pressão para se conformar às expectativas sociais.

Por fim, buscamos dialogar acerca da escolha de Antenor em continuar usando a cabeça de papelão ao invés de sua cabeça original, visto que ele já tinha um parecer do relojoeiro de que seu órgão não tinha nenhum defeito. Os alunos chegaram as seguintes conclusões:

#### Quadro 17- Decisão final de Antenor

**Professora: Qual foi o posicionamento, a decisão de Antenor ao relojoeiro, ao saber que sua cabeça era normal, sem defeitos?**

**(Resposta 1):** Antenor decidiu continuar com a de papelão porque com ela ele mentia, fazia coisas erradas e tinha tudo, coisa que com a outra ele não tinha, pois com a original ele falava a verdade e era honesto, foi desprezado, por isso ele tomou essa decisão.

**(Resposta 1):** Ele continuou a cabeça de papelão porque lembrou de quando falava a verdade e não tinha nada, nem amigos e nem o apoio da família.

**Professora: Depois do sucesso e aceitação de Antenor fazendo uso de uma cabeça de papelão, vocês ainda julgam esse tipo de cabeça vazia, sem noção?**

**(Resposta 1):** Eu ainda acho que sim porque quem tem uma cabeça assim só faz a vontade dos outros. Não vive suas vontades, mesmo tendo muito dinheiro, como Antenor, tem que fazer o que os outros dizem que é para fazer.

**(Resposta 2):** Sim, porque para ter dinheiro, fama e poder tem que fazer coisas erradas, sem pensar nas consequências, no preço que tem que pagar.

**(Resposta 3):** Sim, porque ele não tem noção das coisas erradas que fez para conquistar a fama e o dinheiro pelo fato de a cabeça não pensar, apenas obedece às opiniões alheias.

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

Percebemos o reconhecimento dos estudantes de que a decisão de Antenor, embora traga sucesso material, é moralmente falida. Eles perceberam que agir de acordo com a cabeça de papelão implica abandonar a própria vontade e valores em favor de uma aceitação superficial. Isso reflete uma crítica aos valores sociais que muitas vezes recompensam comportamentos imorais e punem a honestidade e a veracidade.

#### 4.2.2. A mediação da professora na atividade de leitura

Durante a aplicação da oficina literária, destacamos o papel do professor mediador e do material didático para que as relações discursivas ocorressem à cerca das temáticas dialogadas. Ao propor perguntas desafiadoras, a docente incentivou a análise profunda do texto e promoveu discussões reflexivas, criando um ambiente propício para o questionamento e a reflexão, permitindo que os alunos desenvolvessem habilidades de observação, avaliação e interpretação, ajudando-os a identificar diferentes perspectivas e pontos de vista tornando-se leitores mais críticos e autônomos.

É importante ressaltar que, ao explorar diferentes perspectivas de analisar o contexto histórico-cultural e relacionar o texto com experiências pessoais dos alunos, contribui para uma compreensão mais ativa e significativa da obra, refletindo sobre seu próprio processo de aprendizagem ajudando os estudantes a identificar estratégias eficazes de leitura, monitorar sua compreensão e, ainda, ajustar sua abordagem conforme necessário.

O papel da professora é central na mediação desse diálogo. Ela não impõe interpretações já dadas, mas encoraja a resposta ativa, permitindo que os alunos expressem e defendam suas visões. Demonstramos, aqui, alguns momentos de leitura compartilhada com o conto *O homem*

da cabeça de papelão, de João do Rio, ressaltando comentários dos alunos e a mediação da professora-pesquisadora, revelando a dimensão ético-discursiva:

**Quadro 18-** A mediação da professora com a turma durante a leitura do conto

<b>Trecho da Narrativa</b>	<b>Comentário Inicial dos Alunos</b>	<b>Mediação da Professora</b>	<b>Reformulação da Turma</b>
"No País do Sol, apesar de chover, às vezes, semanas inteiras, vivia um homem de nome Antenor. Não era príncipe. Nem deputado. Nem rico. Nem jornalista. Absolutamente <b>sem importância social.</b> "	"A narrativa mostrou que Antenor era um homem sem importância social porque pensava diferente dos demais."	"O que vocês acham que o texto quer dizer com ' <b>sem importância social</b> '?"	"Antenor era marginalizado e visto como insignificante porque não seguia as normas e pensamentos dominantes da sociedade em que vivia."
"Por que mandavam embora Antenor? <b>Ele não tinha exigências, era honesto como a água, trabalhador, sincero,</b> verdadeiro, cheio de ideias."	"Antenor era rejeitado por ser honesto e verdadeiro, o que não era valorizado em sua sociedade."	"Por que a verdade e honestidade são vistas como negativas no País do Sol?"	"A rejeição de Antenor por sua honestidade mostra que a sociedade do País do Sol é construída sobre falsidades e corrupção, onde ser verdadeiro é um desvio da norma social."
"Precisamente por isso, Antenor, <b>apesar de não ter importância alguma,</b> era exceção mal vista. Esse rapaz, filho de boa família (tão boa que até tinha sentimentos), agira sempre em desacordo com a norma dos seus concidadãos."	"Ser 'cabeça de papelão' é ser uma pessoa que não se encaixa, que pensa diferente de todos na sociedade."	"Como vocês relacionam 'agir em desacordo com a norma' com ser 'cabeça de papelão'?"	"Antenor desafiava a visão do poder, o que faz dele uma 'cabeça de papelão' porque ele não aceitava passivamente as normas e valores impostos pela maioria."
"Antenor caminhava por uma rua no centro da cidade,	"Antenor queria ser aceito e estava buscando uma	"Por que vocês acham que Antenor	"Antenor estava buscando uma forma de ajustar sua mente

quando <b>os seus olhos descobriram a tabuleta de uma 'relojoaria</b> e outros maquinismos delicados de precisão'. Achou graça e entrou."	solução para se encaixar."	decidiu entrar na relojoaria?"	ou identidade para ser aceito pela sociedade, e a relojoaria simboliza essa busca por conformidade."
"Antenor recebeu o número de sua cabeça, enfiou a de papelão, e saiu para a rua."	"Com a cabeça de papelão, Antenor começou a agir como todos esperavam, perdendo sua verdadeira identidade."	"O que essa mudança de cabeça representa para vocês?"	"A cabeça de papelão representa a perda de individualidade e autenticidade de Antenor. Ele se conformou às expectativas sociais para ser aceito, mas perdeu sua essência no processo."
"Antenor começava a pensar na sua má cabeça, quando o seu coração apaixonou-se... 'Então você gosta de mim?' 'E por isso é que só caso depois.'"	"Antenor mudou por Maria Antônia, mostrando que o amor ou a paixão também podem influenciar nossas decisões."	"Como o relacionamento de Antenor e Maria Antônia influencia a decisão dele?"	"O relacionamento mostrou que Antenor estava disposto a mudar quem ele era para ser aceito e amado, destacando como as relações pessoais podem pressionar para a conformidade."
"Todos viram nisso mais uma prova do desarranjo cerebral de Antenor. Apenas, com pasmo geral, a resposta de Maria Antônia foi condicional. 'Só caso se o senhor tomar juízo.' 'Mas que chama você juízo?' 'Ser como os mais.'"	"Maria Antônia quer que Antenor seja como todos os outros para casar com ele."	"O que isso diz sobre a pressão para conformidade na sociedade do País do Sol?"	"Isso mostra que a sociedade valoriza a conformidade acima da individualidade. Maria Antônia e a sociedade querem que Antenor abandone suas crenças e valores únicos para se encaixar."
"Antenor jogava o pôquer com o Ministro da Agricultura, ganhava uma pequena fortuna	"Antenor se tornou corrupto e desonesto para se encaixar e ser aceito pelos outros."	"Como a transformação de Antenor reflete a ética da sociedade em que ele vive?"	"Antenor adotando a corrupção mostra que a sociedade do País do Sol valoriza o sucesso material e

vendendo feijão bichado para os exércitos aliados... Explorava, adulava, falsificava."			o poder acima da honestidade e integridade, levando-o a comprometer seus valores."
"Por que mandavam embora Antenor? <b>Ele não tinha exigências, era honesto como a água, trabalhador, sincero</b> , verdadeiro, cheio de ideias."	"Antenor era rejeitado por ser honesto e verdadeiro, o que não era valorizado em sua sociedade."	"Por que a verdade e honestidade são vistas como negativas no País do Sol?"	"A rejeição de Antenor por sua honestidade mostra que a sociedade do País do Sol é construída sobre falsidades e corrupção, onde ser verdadeiro é um desvio da norma social."

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

Observamos que a mediação da professora-pesquisadora ajudou os alunos a perceberem, refletirem e discutirem sobre as temáticas expressas no conto de João do Rio, *O homem da cabeça de papelão*. Compreendemos que esse processo de reflexão foi intensificado pelo processo de mediação que abriu espaço para a expressão de múltiplas perspectivas e vozes, desafiando os alunos a se posicionarem axiologicamente e a considerar a complexidade das decisões morais que os indivíduos tomam diante do outro.

Além disso, por meio da mediação do material didático e intervenção da professora foi possível realizar uma análise estética e discursiva, apreciando o uso da forma e estrutura artística para construção da temática e o efeito. Ao discutir como o estilo narrativo de João do Rio, com seu uso de ironia e sátira, destacou-se a crítica social do conto. Os alunos desenvolveram uma apreciação da literatura como uma forma de expressão artística criativa com comentário social e ético. Este entendimento tornou-se fundamental para uma leitura ressignificada, no qual o texto não é apenas entendido em seu contexto histórico ou literário, mas também vinculado a percepção do ser humano na relação com os valores sociais.

No texto, o narrador não apenas conta a história, mas também dialoga com os personagens e as vozes sociais com foco nos hábitos e na moralidade do “País do Sol”. Ele usa a ironia para denunciar e criticar a superficialidade e a conformidade à corrupção dos habitantes. Desta forma, as descrições e exposições do narrador expressam posicionamento axiológico, julgamentos sobre os personagens e a sociedade em que estão inseridos.

Além disso, o texto escrito permitiu uma análise mais rica da linguagem e dos procedimentos estéticos de expressão polifônica. A descrição detalhada dos cenários, a construção psicológica de Antenor e as interações dialógicas que se desenvolvem entre os personagens oferece uma camada adicional em relação à adaptação para filme, trazendo o estilo de João do Rio.

Enquanto o filme explorou o engajamento inicial e a compreensão emocional, o texto escrito desafiou os alunos a engajar-se numa leitura crítica mais aprofundada, explorando as relações dialógicas da narrativa e as críticas sociais implícitas. A interação entre as duas versões incentivou os alunos a refletirem sobre como diferentes modalidades podem oferecer variadas perspectivas de uma mesma história, enriquecendo sua compreensão global dos temas e ampliando sua capacidade de análise crítica e interpretação alegórica.

#### 4.3. OFICINA DE LEITURA – ETAPA 03 – PESQUISAS DE REPORTAGENS

Nessa etapa da oficina, a professora-pesquisadora propôs aos estudantes uma nova atividade da oficina de leitura, dessa vez em grupos. A profissional dividiu a turma em pequenos grupos com objetivo de instigar os educandos a fazerem uma pesquisa de cunho jornalístico, pelas mídias sociais ou em sites de jornais e revistas de reportagens que apresentassem escândalos públicos ocorridos no país, em um passado recente, sejam nos âmbitos da educação, saúde, política, segurança, enfim, de modo que os discentes relacionassem as temáticas discutidas no conto de João do Rio, *O homem da cabeça de papelão*.

Na proposta de atividade apresentada aos alunos, a tarefa consistiu em um exame minucioso de reportagens sobre escândalos públicos, alinhados à análise literária do conto em estudo, fazendo relações dialógicas entre a narrativa e os escândalos sociais contemporâneos, entendendo e associando a compreensão ético-discursiva e axiológica dos acontecimentos relatados em diversas épocas, estabelecendo um diálogo entre os dilemas éticos e discursivos presentes tanto na literatura quanto na realidade atual, incentivando uma compreensão crítica e profunda das questões sociais. A docente também possibilitou a turma que fizessem uma encenação dos episódios apresentados, visando ampliar a compreensão ativa e discursiva dos educandos.

Os alunos pesquisaram notícias que detalham escândalos em várias esferas públicas e as reportagens investigadas exploram temáticas contemporâneas relacionadas ao tema corrupção política, desvio de verbas públicas, vida ostentada à base de fraudes por plataformas de jogos eletrônicos e sobre influenciadores digitais, fazendo analogia aos assuntos

apresentados na narrativa de João do Rio, vivenciados pelo protagonista Antenor. Para ampliar a discussão, a professora-pesquisadora fez os seguintes questionamentos aos grupos de alunos:

**Quadro 19-** Dialogando sobre as reportagens pesquisadas

**Professora: Qual foi a notícia que os grupos pesquisaram, por que escolheram essa reportagem e em qual endereço está disponível?**

**Grupo 1:** Pesquisamos uma reportagem sobre *Ostentação* porque tem pessoas que querem levar uma vida de rico sem ter muita coisa. Buscamos esse tema porque lá no conto que nós estudamos falava que Antenor depois de usar a cabeça de papelão levava uma vida de ostentação, por isso pesquisamos uma notícia sobre esse tema e encontramos uma que fala de um grupo de pessoas que aplicavam golpes em idosos. Essas pessoas roubavam o dinheiro das contas deles (idosos) e levavam uma vida de luxo e ostentação.

E essa reportagem está disponível em: ([https://www.cnnbrasil.com.br/Polícia prende acusados de ostentar vida de luxo após aplicação de golpes em idosos](https://www.cnnbrasil.com.br/Polícia/prende-acusados-de-ostentar-vida-de-luxo-após-aplicação-de-golpes-em-idosos)).

**Grupo 2:** A notícia que nós pesquisamos fala sobre corrupção na área da saúde, principalmente no SUS – Sistema único de saúde – que nos últimos 4 anos teve mais de 1 bilhão de reais desviado do sistema, onde todo esse valor poderia ser distribuído na saúde do Brasil. Escolhemos essa notícia por parecer com o conto de João do Rio, pois é por causa de pessoas que se deixam levar pela opinião alheia, sendo “cabeça de papelão”, ou seja, que metem, que abusam do poder, que fazem o que acha necessário independentemente de estar certo ou não para conseguir enriquecer a qualquer custo ou maneira, ou seja, independente de prejudicar as pessoas ou não eles vão lá e retiram o que era para ser da população, principalmente os mais pobres, porque os ricos tem planos de saúde e os pobres precisam do SUS para ter acesso a saúde. Reportagem disponível em: (: [https://www.amg.org.br/amg\\_noticias/ 83 orrupção-desvios-no-sus-somam-mais-de-r-45-bilhoes/#:~:text=Nos%20%C3%Baltimos%2014%20anos%2C%20R,Geral%20da%20Uni%C3%A3o%20\(CGU\)](https://www.amg.org.br/amg_noticias/83-orrupção-desvios-no-sus-somam-mais-de-r-45-bilhoes/#:~:text=Nos%20%C3%Baltimos%2014%20anos%2C%20R,Geral%20da%20Uni%C3%A3o%20(CGU).)).

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

As pesquisas realizadas pelos alunos demonstraram a atualidade dos temas abordados no conto de João do Rio, mesmo em diferentes épocas. Nesse sentido, uma das notícias (anexo) apresentadas por um grupo de estudantes estabelece uma conexão direta com a temática da ostentação presente em *O homem da cabeça de papelão*. No conto, Antenor ostenta uma vida de luxo após trocar sua cabeça original por uma de papelão, simbolizando a adoção de valores superficiais e corruptos para alcançar o sucesso e a aceitação social. Já a notícia em questão relata uma operação policial que prendeu um grupo de pessoas acusadas de aplicar golpes em idosos para sustentar um estilo de vida luxuoso.

Tanto na reportagem quanto no conto, os personagens principais adotam práticas antiéticas para ostentar uma vida de luxo. Os alunos ao analisarem a notícia identificaram que,

assim como Antenor, os criminosos da reportagem preferem uma vida de aparências e mordomias, mesmo que para isso precisem enganar e explorar pessoas vulneráveis.

Em uma outra reportagem apresentada por outro grupo de alunos, aponta uma temática voltada para a corrupção, desvio de verbas públicas do Sistema Único de Saúde brasileiro – SUS – (reportagem em anexo). Os estudantes escolheram essa notícia porque encontraram uma relação direta com o conto de João do Rio. Visto que no conto, Antenor – protagonista da narrativa – ao usar a cabeça de papelão, ele passou a cometer atos ilícitos resultando em comportamentos antiéticos. De maneira semelhante, os corruptos, na reportagem examinadas pelos discentes, desviam recursos da saúde pública para enriquecimento às custas dos mais frágeis.

A professora-pesquisadora seguiu mediando a discussão visando ampliar a visão crítica dos educandos. Dessa maneira, a docente procurou explorar o diálogo instigando os estudantes a explorar as informações das reportagens apresentadas com o intuito de debater que se beneficia ou que se prejudica na sociedade diante dos fatos discutidos. E tivemos os seguintes diálogos:

**Quadro 20-** Explorando as informações elencadas nas reportagens

**Professora: Diante do que é noticiado nas reportagens examinadas, quem vocês acham que se beneficia e quem tem prejuízo na sociedade?**

**Grupo 1:** Na reportagem que pesquisamos, que fala de ostentação, quem se beneficiou foram os ladrões que roubaram mais de 100 idosos em todo o Brasil e os prejudicados foram os dois grupos envolvidos – ladrões e idosos:

Os idosos porque perderam o dinheiro, a reportagem não diz se eles vão ter como recuperar, achamos difícil porque já gastaram com o luxo e a mordomia.

E os ladrões também perderam, porque foram presos e não vão mais ter nem dinheiro e nem ostentação. Não ostentam na cadeia.

**Grupo 2:** No caso da nossa reportagem que apresenta os desvios nas verbas do SUS, achamos que quem se beneficia na grande maioria são os governantes porque os valores são repassados pelo governo federal para serem distribuídos aos estados e municípios e como passa por muitos setores, é aí que o dinheiro some, é corrompido, roubado porque cada um retira um pouquinho e aí quando chega no destino final não dá para nada, para investir no que realmente precisa, por isso muitos ficam sem atendimento médicos, sem exames, medicamentos, etc. e quem tem prejuízo é grande maioria da população brasileira, os mais pobres que precisam de atendimentos na área da saúde, e quando procura vão para a fila de espera, muitos morrem sem serem atendidos, beneficiados.

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

Mediante a condução da aula pela professora-pesquisadora, observamos que tanto nas reportagens pesquisadas pelos alunos quanto no conto de João do Rio, a corrupção e a

ostentação – isto é, ter um padrão de vida sem esforço, de maneira fácil, a qualquer custo, são temáticas centrais. As ações de Antenor, ao fazer uso de sua nova cabeça e praticar atos antiéticos, simboliza a corrupção moral em busca de aceitação e riqueza. Da mesma forma, os desviadores de recursos do SUS demonstram ganância ao retirar fundos destinados à saúde pública.

A professora procurou conduzir o debate na perspectiva de procurar entender se os temas debatidos no conto e apresentados nas reportagens por eles pesquisadas são situações recorrentes atualmente ou apenas na época em que o conto foi escrito, ou ainda, em ocasiões e obtivemos os seguintes diálogos:

**Quadro 21-** Dialogando se os temas das reportagens são recorrentes ou ocasionais

**Professora:** Vocês acham que essas situações apresentadas nas reportagens e discutidas lá no conto do João do Rio, *O homem da cabeça de papelão*, são assuntos recorrentes ou ocasionais e se vocês estivessem em situações de poder, o que vocês fariam?

**Grupo 1:** Achamos que é recorrente sim, porque na reportagem diz que o esquema dos ladrões sustentava uma vida luxuosa, os caras viajavam para lugares no Brasil e no mundo além de fazer muitas festas, e para isso precisa de muito dinheiro, então eles roubaram e muito. O que tem de ocasional são as vítimas, que eles aproveitavam a ocasião para fraudar os e dar os golpes.

Se nós tivesse poder nós faria eles devolverem o que roubaram e ainda colocavam para trabalhar em um trabalho de muito esforço, debaixo do sol para eles saberem na pele o que é roubar, principalmente um idoso, que praticamente não sabe se defender, que confiou nos bandidos por acreditar que seria mesmo pessoa do bem, trabalhadores dos bancos mesmo.

**Grupo 2:** Sim, é muito recorrente. Achamos que desde que descobriram o Brasil que isso acontece e vai acontecer, enquanto não acabarem com os bandidos, corruptos, sempre vai existir esse tipo de situação. Porque esse caso nunca é ocasional, é sempre que acontece.

Se nós tivesse em situação de poder, começaríamos colocando fiscalização para combater esses desvios, roubos, corrupção, tentaria encontrar onde e quem faz isso e mandaria prender e ainda fazia eles devolver tudo o que tinham roubado para poder mandar o dinheiro para o lugar certo, para quem de fato precisa da saúde pública porque quem faz isso deve ter plano de saúde muito bom e acha que nunca vai morrer, só que não morre que nem os pobres e deixam toda a riqueza aí.

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

Observando essas compreensões discursivas dos alunos, entendemos que os discentes ao pesquisarem, apresentarem e discutirem sobre as reportagens fizeram um posicionamento crítico e um paralelo das temáticas sociais abordadas tanto no conto de João do Rio, *O homem da cabeça de papelão*, quanto nas notícias contemporâneas, demonstrando uma sensibilidade

ética ao expressar indignação e empatia acerca das circunstâncias negativas causadas aos envolvidos e afetados.

Percebemos que foi relevante a mediação da professora-pesquisadora, ao explorar os posicionamentos dos educandos mediante os temas discutidos durante a pesquisa e análise das reportagens, fazendo relação ao conto do João do Rio, ressignificando o posicionamento crítico e reflexivo sobre questões sociais, enfatizando a necessidade de ética e integridade em todos os aspectos da vida pública e privada.

#### 4.4. OFICINA DE LEITURA – ETAPA 04 – PRODUÇÃO DE CONTO NEOFANTÁSTICO MEDIANTE APRENDIZAGEM NO DECORRER DAS ATIVIDADES

A produção de conto neofantástico pelos estudantes foi proposta como resultado das atividades de leitura que desempenhou um papel importante na avaliação do processo de compreensão e interpretação dos textos. Ao redigirem seus próprios contos, os alunos tiveram a chance de aplicar o conhecimento adquirido durante as atividades de leitura, demonstrando sua compreensão acerca dos temas abordados, a capacidade de análise crítica e ainda habilidade em expressar ideias de maneira clara e objetiva. Através dessa produção textual, os discentes foram motivados a ir além da simples reprodução do conteúdo lido, sendo incentivados a elaborar suas próprias perspectivas, argumentos e personagens, enriquecendo assim o processo de aprendizagem, mantendo a essência do gênero discursivo estudado.

A preparação para a escrita de um conto neofantástico envolve a incorporação dessas análises em uma nova narrativa que reflete as complexidades observadas nas reportagens e no conto original de João do Rio. Na escrita de seus contos, os alunos foram incentivados a escrever narrativas que não apenas contam uma história, mas também convidam o leitor a refletir criticamente sobre as questões apresentadas. Eles puderam estruturar seus contos de maneira a questionar e provocar o leitor, simulando à forma como *O homem da cabeça de papelão* motiva reflexões sobre a sociedade e a condição humana.

A seguir, apresentamos alguns textos produzidos pelos estudantes do sétimo ano que se dispuseram a colaborar com essa pesquisa fazendo algumas observações:

#### **Quadro 22-** Produção final de conto neofantástico – aluno 1

*O óculos poderoso*

*Bento vive em um país muito bonito, esse lugar era cheio de riquezas naturais, belas florestas e praias muito bonitas. Um país rico, mas as pessoas que governavam aquele lugar chamado de país do frio eram muito frias, corruptas, desonestas e mentirosas.*

*Mesmo chamado de país do frio lá o que era frio mesmo era a maneira como as pessoas tratavam os outros, pouco se comunicavam entre si. Porém Bento sempre foi um cara verdadeiro, detestava mentiras e isso era mal para ele porque naquele país, como as pessoas eram frias e mentirosas, não suportavam que era alegre, verdadeiro e comunicativo.*

*Bento sempre era perseguido e criticado por todos, inclusive por sua família, que sempre diziam a ele par viver como os outros achava que era melhor para ele e isso era ruim para ele porque ele não conseguia ter nada na vida, nem amigos.*

*Um dia ao andar pelas ruas Bento encontrou um homem drogado, morador de rua que estava ali fazia anos naquela situação e resolveu conversar com aquele homem. O drogado disse para Bento que foi parar ali naquele lugar porque era uma pessoa que só queria trabalhar honestamente e como só falava a verdade ninguém lhe deu oportunidade de trabalho, foi então que ele passou a se drogar e viver nas ruas porque só assim ninguém o perseguia.*

*Aquilo deixou bem todo pensativo e andando mais um pouco, Bento encontrou um óculos escuro em uma calçada que parecia novo. A usar o óculos Bento sentiu um frio dentro de si como se estivesse congelando e daquele dia em diante bem tu passou a viver como as outras pessoas daquele lugar.*

*Bento vivia enganando as pessoas vendendo mercadorias falsificadas, até que um dia foi contratado para trabalhar na casa da moeda daquele país e lá passou a criar dinheiro falso e assim ficou rico ligeiramente. Bento tinha uma vida luxuosa, tinha carrão, mansão, enfim, vivia uma vida que antes não tinha.*

*Por onde andava as pessoas viviam elogiando Bento, querendo ser seu amigo e todos tinham satisfação em falar e andar com ele.*

*Bento vivia dia e noite com os óculos, não tirava nem para tomar banho. Certo dia, passando pelo mesmo local onde encontrou os óculos antes, ao olhar para o chão, o óculos de Bento caiu de seu rosto e ele teve uma visão, lembrou da vida que tinha antes falando a verdade, sendo uma pessoa alegre e a vida que ele tem agora, sendo uma pessoa fria, mentirosa, corrupta, aproveitadora, mas rico, com muitas amizades e uma vida luxuosa.*

*Foi então que Bento pegou o óculos no chão decidiu continuar o homem frio, rico e poderoso que se tornou e continuou seguindo seu caminho para onde ia sempre vivendo e fazendo tudo de acordo com a opinião e ideias das pessoas daquele país.*

Fonte: produção de texto feita pelo aluno, nas aulas de Língua Portuguesa mediada pela autora, durante a oficina literária.

No conto *O óculos poderoso*, o estudante utilizou elementos de fantasia para destacar e exagerar questões reais de corrupção, pressão pública e perda de identidade. O discente fez um paralelo entre fantasia e realidade permitindo uma exploração profunda e crítica dessas temáticas, mostrando como as práticas corruptas pode levar à perda de valores morais e integridade pessoal.

**Quadro 23-** Análise dos elementos presentes na produção final do aluno 1

**Professora: Que elementos da notícia aparece de alguma forma na história que você produziu, “o óculos poderoso”?**

**Aluno 1:** Meu texto apresenta uma comparação sobre a corrupção como ela acontece tanto no conto do Antenor, como na reportagem do desvio de verbas do SUS, em todos os casos as pessoas corruptas visam ficar ricos desviando o dinheiro do povo para eles. No caso do meu texto, o óculos poderoso, esse objeto torna uma pessoa que é verdadeira e honesta e que mora em um país frio, onde as pessoas são maldosas, corruptas, mentirosas, desonestas, praticam roubos principalmente com pessoas mais necessitadas para ficar super rico, com uma vida de luxo e poder.

**Professora: O que essa história tem de realidade e o que tem de invenção?**

**Aluno 1:** A realidade é que mostra a questão da desonestidade, dos roubos, mentiras, corrupção, vida de poder e luxo a partir de roubos, falsificação de dinheiro. De invenção tem o *óculos poderoso* que é capaz de tornar um homem bom, simples, verdadeiro, honesto em um falsificador de dinheiro e mercadorias que logo fica rico com esse tipo de comércio e quando descobre que é o óculos que ele está usando que faz o sujeito praticar essas ações ele prefere continuar usando aquele objeto para viver levando uma vida de poder, luxo, mordomia e riqueza.

**Professora: Por que você se baseou de mercadorias e dinheiro falsificado para usar no seu texto?**

**Aluno 1:** Porque é o que muito nós vemos acontecer no Brasil e no mundo, que passa na televisão, nos jornais. Por exemplo, na feira tem um monte de barraqueiro vendo tênis da Nike, camisa e boné da Lacoste e a gente sabe que não é original, é falsificação, porque um tênis da Nike custa mais de 500 reais e nos camelôs compramos por 100 reais, veja a diferença, se fosse original não era barato assim. E isso é enganação, trapaça.

**Professora: E o que poderia na realidade ser esse *óculos poderoso* que você inventou para mudar o pensamento desse tipo de pessoa?**

**Aluno 1:** Seria a informação e os estudos levados a toda a população para que possa combater todo tipo de coisa ruim, como corrupção, desonestidade, trapaças que afeta a muitas pessoas, principalmente, os mais necessitados. No caso do Bento do meu texto foi assim, ele começou a vender mercadorias falsificadas, depois foi trabalhar na casa da moeda lá do país dele e aí ele criou dinheiro falso para ficar mais rico ainda, e os pobres mais pobres, porque quem é pego com dinheiro falso perde o dinheiro e ainda pode ir preso, tem que explicar de onde veio aquele dinheiro. E com informação e conhecimento esse mal não vai muito a frente, o povo pode combater, se quiser. É isso, professora.

**Professora: De que forma você usou os elementos fantásticos no seu texto:**

**Aluno 1:** Eu usei como lá no conto de Antenor, da maneira que deixasse o personagem rico, poderoso e não quisesse mais viver a vida que tinha antes, mesmo fazendo coisas erradas, porque é o que nós vemos por ai, quem faz o errado dificilmente quer parar de fazer. Aí eu usei esses exemplos. No caso de Bento, o personagem do meu conto, era a forma de ele sentir

igual a todos do lugar onde vivia, ou seja, frio, corrupto e praticando o mal através do uso do óculo poderoso que foi capaz de mudar a maneira dele pensar e agir naquela sociedade.

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

Entendemos que a produção do aluno 1 enquadra-se como um conto neofantástico, pois explora temas de autenticidade, conformidade e corrupção moral. Através de elementos fantásticos, a narrativa do aluno abordou questões profundas sobre o caráter humano e a influência das normas sociais sobre a individualidade, de forma semelhante ao conto *O homem da cabeça de papelão*, de João do Rio. Ambos os contos utilizaram aspectos de fantasia para criticar a sociedade, mostrando como a busca por aceitação coletiva pode levar à perda de identidade e dos valores morais.

O conto *O óculos poderoso*, apesar de possuir muitos elementos típicos do gênero neofantástico, se desvia desse gênero em seu final transmitindo uma mensagem moral explícita sobre a escolha entre viver honestamente com dificuldades ou desonestamente com sucesso material. O personagem Bento opta pelo caminho da desonestidade, mas essa escolha é apresentada de forma clara e sem ambiguidade, contrastando com a natureza mais sutil e reflexiva do neofantástico. Em narrativas neofantásticas, as mensagens morais são frequentemente implícitas, convidando o leitor a ponderar sobre as questões éticas e filosóficas levantadas pela história.

A seguir, apresentamos o texto 2 com o intuito de analisar se o estudante fez uso a de elementos que caracterizam seu conto como neofantástico:

#### Texto aluno 2

Quadro 24- Produção final de conto neofantástico – aluno 2

#### *O adesivo poderoso*

*Tina morava em um país em que a maioria da população eram mulheres, era conhecido aquele lugar como o país das mulheres.*

*As mulheres eram julgadas por só terem filhas e elas para casarem tinham que ir para outros países em busca de homens porque ali não tinha. Os homens que ali moravam, quando as esposas pariam, logo eles morriam.*

*Porém as mulheres daquele país apesar disso eram felizes e aceitavam o fato de não terem filhos do sexo masculino e ficarem viúvas.*

*Tina era uma jovem adolescente que sonhava em estudar, ter um trabalho digno para poder realizar seus sonhos. Porém, a regra daquele lugar era que a partir dos 15 anos a menina já tinha que ir para outro país em busca de um homem para casar e retornar ao seu país de origem para constituir a sua família e assim fazer o país prosperar.*

*Ao completar os 15 anos, Tina foi obrigada aí em busca do sonhado marido. Assim ela fez, foi ao país da terra e lá encontrou João, um homem elegante, porém trapaceiro, pouco se esforçava do que tinha conseguia por meio de apostas.*

*Tina se casou com João e logo engravidou. Quando a criança nasceu foi uma surpresa para todos, pois a criança era do sexo masculino. Um caso raro naquele país, o que deixou o João feliz e Tina preocupada.*

*Os pais deram o nome a criança de Marcos. Marcos era um menino esperto e desde cedo já tendenciava a vida fácil do pai João. Aprendeu rápido as trapaças nas apostas e assim foi crescendo e ajudando o pai a ganhar mais dinheiro de forma desonesta.*

*Aquela situação não fazia Tina feliz, pois ela era uma mulher e acreditava que para se ter o que sonhava tinha que trabalhar honestamente e assim ela fazia. Trabalhava muito e pouco tinha enquanto marido e o filho nada se esforçava e enriqueciam ligeiramente.*

*Essa situação passou a incomodar as mulheres daquele lugar, pois perderam a paz tamanha era as trapaças daqueles homens João e Marcos.*

*Como eram honestas, as mulheres se reuniram e decidiram acabar com as trapaças causadas pelas apostas daqueles homens e convenceram Tina a levar eles naquela reunião para terem uma conversa definitiva.*

*Tina levou eles e lá eles se viram a coados com tantas mulheres insultando eles João e Marcos ficaram pensativos e mesmo assim queriam continuar vivendo de apostas que eram mais lucrativo. Foi quando uma menina chamada Margarida pediu um abraço naqueles homens e assim colou um adesivo fixo nos braços de João e de Marcos e aqueles homens passaram a viver como as mulheres daquele país queriam.*

*João e Marcos foram vendo toda a riqueza deles aos poucos diminuindo e não conseguindo mais viver de apostas tudo que apostava perdiam.*

*Certo dia, ao acordarem, João e Marcos estavam sem o adesivo que tinha despregado. Foi então que a mente deles fizeram eles entenderem tudo que se passava. Assim, ao tentar em fazer uma aposta eles conseguiram ganhar toda a riqueza daquele país deixando as mulheres pobres e infelizes.*

*Ao ver a tristeza de Tina e das mulheres daquele lugar, que tinham perdido tudo, menos a alegria delas, João e Marcos foram expulsos daquele país.*

*Tina optou por ficar sem o marido e sem o filho, mas alegre por morarem com as outras mulheres daquele país que viviam trabalhando e sendo felizes honestamente.*

Fonte: produção de texto feita pelo aluno, nas aulas de Língua Portuguesa mediada pela autora, durante a oficina literária.

Na produção 2, analisamos que o discente procurou incorporar em seu conto elementos do neofantástico entrelaçando o cotidiano com o sobrenatural, explorando questões sociais e morais. A narrativa sugere uma crítica à sociedade que tolera ou incentiva comportamentos desonestos.

O elemento insólito explorado pelo aluno, no caso, o adesivo pode ser visto como uma metáfora para a influência social e a pressão para o conformismo. A transformação dos homens

sob o efeito do objeto poderoso simboliza como as pressões da sociedade podem forçar as pessoas a agir contra sua natureza ou desejo.

**Quadro 25-** Análise dos elementos presentes na produção final do aluno 2

**Professora: Que elementos da notícia aparece de alguma forma na história que você produziu, “o adesivo poderoso”?**

**Aluno 2:** A questão da fraude e da ostentação porque no conto *O homem da cabeça de papelão*, o Antenor depois que trocou de cabeça e passou a usar a cabeça de papelão ele se tornou um fraudador, fraudou até o exército vendendo feijão bichado e levava uma vida de ostentação com a riqueza que ia acumulando do que ele fazia de errado e ia conquistando dinheiro e poder.

Já na história que eu criei esses elementos que aparecem são trapaça, desonestidade, pessoas que não querem trabalhar e se aproveitam da sorte e da bondade de pessoas boas e humildes. Através do que eu apresentei na minha história onde os personagens João e Marcos que eram trapaceiros, apostadores, desonestos e ladrões, roubavam as pessoas trabalhadoras e humildes.

**Professora: O que tem de realidade e o que tem de invenção no seu texto?**

**Aluno 2:** No meu texto o que eu usei de realidade foi o fato de ter pessoas que vivem de apostas, não querem estudar ou trabalhar, vivem jogando, apostando, lucrando através da sorte. E a invenção é o uso de um adesivo que muda o jeito de ser e agir das pessoas.

**Professora: Por que você se baseou de aposta e trapaça para usar no seu texto?**

**Aluno 2:** Porque professora aqui na região tem muitas pessoas que vivem assim, não querem mais trabalhar só de bar em bar apostando no baralho, fazendo bingo ou rifa para ganhar dinheiro fácil, e são bem de vida, enquanto tem outras pessoas que se matam trabalhando e não tem nada, vive ali “na rapa”, com pouca coisa para viver.

**Professora: E o que poderia na realidade ser esse adesivo poderoso que você inventou para mudar o pensamento desse tipo de pessoa?**

**Aluno 2:** Seria bom se tivesse uma solução para combater esses tipos de jogos que são proibidos, mas que não funciona na prática essa proibição. Só assim eu queria ver as pessoas parar com isso e querer trabalhar como todo mundo.

**Professora: De que forma você procurou usar os elementos fantásticos no seu conto?**

**Aluno 2:** Eu usei como eu vi lá no texto do Antenor, um objeto mágico que muda o jeito da pessoa se comportar e fazer a vontade dos outros.

Seria bom que na verdade existisse um adesivo que fizesse a pessoa deixar de fazer apostas, trapaças e passasse a se comportar honestamente e não roubar ou enganar ninguém.

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

O estudante ao fazer uma analogia com o conto de João do Rio, *O homem da cabeça de papelão*, em que o protagonista trocou sua cabeça por uma de papelão, perdendo sua capacidade

crítica, em seu texto *O adesivo poderoso*, o discente fez uso de um adesivo para alterar o comportamento dos personagens, levando-os a agir de maneira diferente do habitual.

Ambos os contos criticaram a sociedade. Em João do Rio, a crítica é dirigida à superficialidade e à conformidade social. Em “*O adesivo poderoso*”, a crítica é voltada para a corrupção e a desigualdade de gênero. Nos dois textos, a transformação causada pelo elemento fantástico leva a uma reflexão sobre os valores e comportamentos propostos pela sociedade.

No texto “*O adesivo poderoso*”, o final apresentou uma resolução realinhando a narrativa às expectativas de uma história mais moral ou tradicional. O conto terminou com a expulsão de João e Marcos, os personagens desonestos do país das mulheres, após a remoção do adesivo mágico que os fazia agir de acordo com os desejos das mulheres. Este desfecho serviu de vários propósitos narrativos que se desviam do neofantástico.

Pelo que analisamos, os textos apresentaram elementos neofantásticos, contudo os alunos ainda necessitam de debates mais amplos no que concerne a exploração dos elementos no teor da narrativa desse tipo de gênero discursivo, para assim chegar ao ponto que se necessita.

#### 4.5. OFICINA DE LEITURA – ETAPA 05 – REFLEXÃO METALITERÁRIA DOS ALUNOS

Destinamos como última etapa da oficina literária uma autoavaliação a fim de que os alunos buscassem avaliar sua produção textual fazendo um paralelo com o conto de João do Rio, *O homem da cabeça de papelão*, e com as reportagens pesquisadas por eles.

Os discentes ressignificaram os elementos do conto de João do Rio através da criação de uma nova narrativa que abordou temas contemporâneos e pessoais. Enquanto o conto original de João do Rio deixou o leitor com uma sensação de inquietação e ambiguidade, as histórias criadas por eles ofereceram uma resolução moral mais clara, demonstrando uma interpretação pessoal e criativa do gênero neofantástico, adaptando-o para refletir as preocupações e observações dos estudantes sobre a sociedade atual.

**Quadro 26-** Análise dos contos neofantásticos produzidos pelos alunos

**Professora:** Aponte elementos da reportagem e do conto de João do Rio que serviram de embasamento para a produção do seu conto neofantástico:

**Resposta 1:** Eu procurei utilizar no meu texto elementos que foram falados aqui nas aulas. Eu falei sobre a questão da enganação, porque tanto na reportagem como conto *O homem da cabeça de papelão* as pessoas engavam as outras pessoas para se dar bem. No meu texto o

mal venceu o bem, porém a maioria ficou livre dos maldosos, já na reportagem a polícia pegou os ladrões, deixando as vítimas livres dos atos maldosos e no texto de Antenor ele continuou tendo que usar a cabeça de papelão para não ficar sendo rejeitado no país onde vivia e também porque eu acho que ele gostou de fazer as coisas erradas para se dar bem. Porque só assim ele teve amizade, aceitação do por todas as pessoas, inclusive a família, e teve muitas mulheres e dinheiro para viver uma vida de ostentação, fraudes e corrupção.

**Resposta 2:** Eu escolhi a reportagem que fala da corrupção através do desvio de verbas no Sistema Único de Saúde – SUS, para fazer meu texto e também porque no conto *O homem da cabeça de papelão* fala desse assunto – corrupção. No caso do meu texto, fala de um país bonito, rico, mas as pessoas que governavam aquele lugar, chamado de País Frio, porque o povo era frio e corrupto de tanto roubar as coisas alheias. Eu fiz uma comparação a nossa realidade que acontece diante do que fala na reportagem do desvio do SUS e também o que acontece também no conto do Antenor que se tornou corrupto para ficar rico e ser aceito naquele lugar.

Como nosso país vive sofrendo o descaso da corrupção, poucas pessoas ficam ricas às custas do dinheiro público, e as pessoas pobres sofrem os descasos causados a elas que são a maioria da população, por isso eu fiz meu texto dessa forma, para mostrar os descasos da nossa realidade.

Fonte: interação da autora na sala de aula com os alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, durante a oficina literária.

Os alunos, em suas produções, procuraram adequar as relações dialógicas imbuídas nas narrativas de João do Rio, fazendo um paralelo com as temáticas abordadas nas notícias de reportagens pesquisadas por eles visando adequar os aspectos fundamentais e necessários em uma obra neofantástica, no entanto, ao analisarem posteriormente suas narrativas, os discentes foram instigados a refletirem sobre a carência de elementos básicos e necessários na escrita de um conto neofantástico.

Nessa perspectiva, entendemos que os alunos estabeleceram relações dialógicas significativas entre o texto literário e as reportagens. Compreendemos dessa maneira que este processo não apenas aprofundou sua leitura crítica, mas também incentivou uma conexão criativa e reflexiva entre literatura e realidade, preparando-os para a produção de seus próprios contos neofantásticos, ricos em crítica social e diálogo com o mundo da vida.

#### 4.5.1. Avaliação das atividades de realizadas

A proposta de leitura e produção de textos neofantásticos desenvolvida com os alunos do sétimo ano visou uma abordagem ampla que integrasse dimensões cognitivas, éticas, estéticas e discursivas, promovendo uma compreensão ativa e responsiva. Ao longo das atividades, os estudantes foram incentivados a não apenas ler e interpretar os textos, mas

também a ressignificá-los a partir de suas próprias perspectivas e experiências, criando uma interação profunda com o material estudado.

No plano cognitivo, a proposta buscou desenvolver habilidades de leitura crítica e analítica. A leitura dos contos, como *O homem da cabeça de papelão*, de João do Rio, serviu como base para que os alunos pudessem identificar elementos-chave do neofantástico, como a presença do sobrenatural inserido em contextos cotidianos e a provocação de reflexões sobre a realidade. As discussões em sala de aula permitiram que os estudantes desenvolvessem um entendimento mais profundo das estruturas narrativas e dos temas abordados, preparando-os para a produção de seus próprios contos.

A dimensão ética foi explorada através da análise das consequências das ações dos personagens e das questões morais subjacentes nas narrativas. Em *O homem da cabeça de papelão*, por exemplo, a crítica à superficialidade e à conformismo social oferece uma oportunidade para discutir valores como autenticidade, honestidade e a busca por uma vida significativa. Nos contos produzidos pelos alunos, como “*O adesivo poderoso*”, esses temas foram recontextualizados, permitindo que os estudantes refletissem sobre as implicações éticas de seus próprios mundos fictícios e, por extensão, da realidade em que vivem.

Esteticamente, a proposta valorizou a criatividade e a expressão individual dos alunos. A produção de contos neofantásticos exigiu que os estudantes aplicassem suas habilidades de escrita de maneira inovadora, utilizando elementos fantásticos para enriquecer suas narrativas e transmitir mensagens complexas. Este processo não apenas aprimorou suas competências literárias, mas também proporcionou um espaço para que explorassem suas vozes únicas como escritores.

No âmbito discursivo, a interação e a troca de ideias foram fundamentais. As discussões em grupo e as apresentações orais das produções escritas fomentaram um ambiente de diálogo onde os alunos puderam compartilhar suas interpretações e receber feedback construtivo. Esta troca dialógica é essencial para o desenvolvimento de uma compreensão ativa e responsiva, pois permite que os estudantes articulem suas ideias, confrontem diferentes pontos de vista e aprimore suas próprias perspectivas. No trabalho de leitura e produção de contos neofantásticos, a ideologia se manifesta de diversas maneiras, refletindo a complexidade das formas da consciência social que Faraco descreve.

A palavra ideologia é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do “espírito” humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura imaterial ou produção espiritual (talvez como herança de um pensamento idealista); e, igualmente, de formas da consciência social (num vocabulário de sabor mais materialista). Ideologia é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo

que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (para usar uma certa terminologia marxista) (Faraco, 2003, p. 46).

Concordamos com Faraco quando afirma que a ideologia abrange todo o universo de produtos do "espírito" humano, incluindo arte, ciência, filosofia, direito, religião e política. Esse conceito de ideologia, que o Círculo de Bakhtin aplica, serve como uma lente poderosa para examinar como essas produções literárias não apenas refletem, mas também determinam e são determinadas pelas superestruturas sociais.

Ao longo do projeto, a ideologia aparece de forma explícita e implícita nos textos lidos e produzidos pelos alunos. No conto *O homem da cabeça de papelão* de João do Rio, a ideologia se manifesta na crítica à sociedade e aos valores superficiais que exaltam a aparência e a conformidade. O personagem Antenor, ao trocar sua cabeça humana por uma de papelão, simboliza uma adesão cega aos padrões sociais que desprezam a autenticidade e a inteligência. Essa narrativa expõe uma ideologia que questiona os valores predominantes e provoca uma reflexão sobre a verdadeira natureza do sucesso e da aceitação social.

Nas produções dos contos *O Óculos Poderoso* e *O Adesivo Poderoso* pelos alunos, observamos uma reinterpretação dos temas ideológicos à luz de suas próprias vivências e perspectivas. Em *O Óculos Poderoso*, Bento assimila a frieza e a desonestidade predominantes em sua sociedade ao usar os óculos mágicos, tecendo uma crítica à corrupção e à falta de integridade. A decisão final de Bento de manter essa nova identidade reflete uma resignação aos valores corruptos, sugerindo uma crítica à fragilidade da resistência moral diante das pressões sociais. De forma similar, em *O Adesivo Poderoso*, o conflito entre honestidade e desonestidade é central, com o adesivo mágico simbolizando a busca por impor valores éticos em uma sociedade corroída pelos vícios da aposta e da trapaça. A expulsão final dos personagens corruptos, João e Marcos, reforça a luta constante entre integridade e corrupção, servindo como reflexo das tensões ideológicas presentes na sociedade dos alunos.

A proposta, ao integrar essas múltiplas dimensões, buscou promover uma ressignificação valorada dos textos lidos, incentivando os alunos a se posicionarem de maneira axiológica e ideológica. Através da leitura crítica, da produção escrita e das discussões em sala, os estudantes foram desafiados a refletir sobre suas próprias crenças e valores, bem como sobre o impacto que a literatura pode ter em suas vidas e na sociedade. Esse processo de posicionamento ativo e responsivo é fundamental para a formação de leitores e cidadãos críticos e engajados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada em torno da leitura do conto neofantástico *O Homem da Cabeça de Papelão*, de João do Rio, utilizando as categorias analítico-discursivas de Bakhtin, trouxe à luz várias conclusões importantes para o campo da educação Linguística Aplicada. Inicialmente, ao incorporar as teorias de Bakhtin no contexto da leitura literária em sala de aula, observou-se um enriquecimento significativo na compreensão e interação dos alunos com o texto. Essa abordagem permitiu uma análise das condições de produção dos discursos e das vozes presentes na narrativa, destacando a relevância de um olhar crítico sobre os elementos ideológicos e axiológicos do texto.

Reconhecemos a relevância desse tipo de trabalho, especialmente porque as atividades de leitura nas salas de aula tendem a omitir a importância dos discursos para a compreensão ativa e responsiva. Nesse contexto, conduzimos nosso projeto por meio de oficinas de leitura, que incluíram textos adicionais além do conto mencionado, visando contribuir para a compreensão do enunciado por meio da proposta de leitura com ressignificação valorada.

Para alcançar nosso objetivo de investigar as possibilidades de realização de uma proposta de trabalho de leitura explorando o posicionamento ético-valorativo do autor-pessoa, autor-criador, narrador, personagens, leitor e discursos nas relações dialógicas, realizamos momentos de roda de conversa, leitura – escrita e visual, interpretação oral e escrita com questões discursivas, pesquisas de textos jornalísticos como atividade complementar à leitura, produção escrita de conto, cada um com seus objetivos específicos. Observamos que as atividades com questões discursivas em roda de conversa proporcionaram novas perspectivas e questionamentos.

A aplicação da proposta por Carvalho (2023-2024) permitiu que os alunos não apenas assimilassem o conteúdo literário, mas também refletissem criticamente sobre suas próprias posições éticas e axiológicas em relação às temáticas do conto. Essa abordagem promoveu uma leitura mais crítica demonstrando ser um recurso eficaz para engajar os alunos no processo de leitura.

A execução de um estudo piloto conforme sugerido por Leffa (2006) foi importante para testar e ajustar as hipóteses iniciais da pesquisa. Isso não só ajudou a refinar os instrumentos de pesquisa, mas também a adaptar as perguntas de estudo e hipóteses baseadas nas observações iniciais, garantindo uma abordagem mais fundamentada nos princípios teóricos do Círculo de Bakhtin.

O foco no gênero conto neofantástico permitiu que os alunos explorassem a fusão entre realidade e fantasia de forma crítica, o que, por sua vez, estimulou reflexões sociais pertinentes, visto que a implementação de uma oficina de leitura com cerne neste conto promoveu um envolvimento ativo dos estudantes, que foram incentivados a refletir sobre os aspectos valorativos e ideológicos incorporados na narrativa. Este processo não apenas aumentou o interesse dos alunos pela leitura, mas também fomentou o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas. As discussões em grupo, parte integrante da oficina, mostraram-se essenciais para que os alunos explorassem diferentes interpretações e construíssem um entendimento compartilhado e mais aprofundado do texto, ressaltando a importância do diálogo entre pares no ambiente educacional.

Além disso, a oficina ajudou os alunos a perceberem as relações dialógicas entre os diferentes agentes ético-discursivos no conto, melhorando sua capacidade de interpretação e relação com outros textos e contextos. Esse resultado sublinha a eficácia de abordagens que se concentram nas interações discursivas como uma maneira de enriquecer a experiência literária e interpretativa dos estudantes. No entanto, a transposição didática das teorias de Bakhtin para o ensino apresentou desafios, especialmente na adaptação dessas teorias complexas para o entendimento de alunos do 7º ano. Isso destacou a necessidade de criar recursos didáticos mais acessíveis de acordo com as capacidades cognitivas e vivenciais dos alunos mais jovens, garantindo que as discussões dialógicas fossem engajadoras.

Acreditamos que a pesquisa contribuiu significativamente para o desenvolvimento de práticas pedagógicas para a leitura literária, pois os participantes identificaram que os enunciados do conto neofantástico, *O homem da cabeça de papelão*, estabeleceu relações dialógicas entre vozes e discursos, conectando-se a questões sociais, históricas, políticas, culturais e individuais.

A análise realizada seguiu uma abordagem dialógica, e muitas questões surgiram espontaneamente durante a proposta de leitura com ressignificação valorizada. Reconhecemos que o trabalho foi produtivo e significativo para ampliar a compreensão ativa dos leitores. No entanto, entendemos que os estudantes necessitam de um aprofundamento maior na compreensão e na produção escrita de textos neofantásticos.

Compreendemos que a pesquisa atingiu seu objetivo. Evidenciamos, no entanto, que é apenas um passo inicial. Esperamos que o trabalho com as relações dialógicas na perspectiva da ressignificação valorada contribua para uma prática de leitura mais reflexiva e formativa tanto no meio acadêmico quanto no pedagógico promovendo uma prática de leitura que valorize

a compreensão ativa e responsiva além de estimular uma consciência crítico-formativa nos leitores.

## REFERÊNCIAS

ALAZRAKI, Jaime. ¿Qué es lo neofantástico? In: ROAS, David (Org.). **Teorías de lo fantástico**. Madrid: Arco/Libros, 2001. p. 265-282.

ALAZRAKI, Jaime. Cuento: introducción. In: \_\_\_\_ **Hacia Cortázar**: aproximaciones a su obra. Barcelona: Anthropos, 1994. p. 57-74.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. Equipe de tradução do russo: Aurora Fornoni Bernadini et al. 5. ed. São Paulo:Hucitec/Annablume, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. [1929]. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução e notas: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo, SP: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, Mikhail [1920]. **Para uma filosofia do ato responsável**. 3. ed. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

BAZZO. Ezio Flavio. **A Lábria Encantadora de João do Rio**. Plagiatius Publicadora S.A. Brasília-DF. 2003.

BESSIÈRE, Irène. **O relato fantástico**: forma mista do caso e da adivinha. Fronteira Z, n. 9, dez. 2012.

CARVALHO, José Ricardo. A consciência individual e o signo ideológico: uma leitura dos estudos de Volóchinov. **Revista Eutomia**, v. 1, n. 27, p. 307-324, 2020.

CARVALHO, José Ricardo. Capacidades de linguagem específicas para o domínio da leitura sob a abordagem do ISD. In: CARVALHO, José Ricardo et al. **Agir de linguagem na escola e na universidade** [recurso eletrônico]. São Luís: EDUFMA, 2021.

CARVALHO, José Ricardo. O fantástico no gênero conto de terror. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, v. 35, jan-jun, p. 213-229, 2021 - DOI: <https://doi.org/10.47250/intrell.v35i1.1570>.

CARVALHO, José Ricardo. Educação, políticas públicas e desenvolvimento social: contextos interdisciplinares. **Interdisciplinar**, 1 ed. – Curitiba: Editorial Casa, 2023.

CARVALHO, José Ricardo. Uma proposta de compreensão ético-discursiva na leitura do texto literário. In: AMORIM, Ivonete Barreto de; CASTRO, Selma Daltro Barros de;

GONZÁLEZ, C. Máryuri Garcia (Org.). **Educação, políticas públicas e desenvolvimento social: contextos interdisciplinares**. 1. ed. Curitiba: Editorial Casa, 2023, p. 162-177.

CARVALHO, José Ricardo. **Linguagem em sociedade: diversificados olhares teóricometodológicos e práticos**. São Luiz, Edufma, 2024.

CESERANI, Remo. **O fantástico**. Tradução de Nilton Tripadalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

CORRÊA, Lilian Cristina. O fantástico e o estranho em O coração denunciador, de Edgar Allan Poe. **Revista Pandora**, v. 6, p. 65-78, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FUSCO, Rosário. “Presença de João do Rio”. In: **Vida Literária**. São Paulo: S.E. Panorama Ltda, 1940.

LEFFA, Vilson. J. **Pesquisa em linguística aplicada: temas e métodos**. Pelotas: Educat, 2006.

LÓPEZ, Rebeca, M. **Las manifestaciones del doble en la narrativa breve española contemporánea**. Barcelona: 2006, 663f. Tese (Doutorado em Literatura Espanhola) Universidad Autónoma de Barcelona, 2006. Disponível em: <<http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/4876/rml1de1.pdf;jsessionid=3C03657462733AF79CB7C1B39C5E243D.tdx1?sequence=1>>. Acesso: 26 jul. 2023.

MENEGHETTI, Marcus Vinícius Pereira. **Um olhar benjaminiano sobre João do Rio: o trabalho e o consumo na modernidade carioca**. 2013. 68 f. Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/88497/000913069.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jul 2023.

MORELLI, Danielli. **‘O Homem de cabeça de Papelão’ de João do Rio e algumas considerações sobre a constituição da identidade do homem moderno**. 12 f - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Centro de Comunicação e Letras. Disponível em: [https://www.academia.edu/37191395/O\\_Homem\\_de\\_cabe%C3%A7a\\_de\\_Papel%C3%A3o?auto=download&email\\_work\\_card=download-paper](https://www.academia.edu/37191395/O_Homem_de_cabe%C3%A7a_de_Papel%C3%A3o?auto=download&email_work_card=download-paper). Acesso em: 25 de out. 2023.

PAULINO, Fernanda Mansília. **A pobre gente: as crônicas de João do Rio no jornal e no livro**. 2014. 201 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/122238>. Acesso em: 23 jun. 2023.

REISZ, Susana. Las ficciones fantásticas y sus relaciones con otros tipos ficcionales. In: ROAS, D. (org.). **Teorías de lo fantástico**. Madrid: Arco/Libros, 2001. p.193-221.

RIBEIRO, Claudia Gonçalves. **João do Rio e as ruas do Rio**. 2013. 235 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal Fluminense – UFF. Niterói, RJ. 2013. Disponível em:

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/9745/Disserta%E7%E3o%20Completa3.pdf?sequence=1>. Acesso em: 08 ago. 2023.

RIO, João do. **O rosário da ilusão**. Rio de Janeiro. Companhia Editora Americana, 1920.

ROAS, David (org.). **Teorías de lo fantástico**. Madrid: Arco/Libros, 1934. (Lecturas).

ROAS, David. La amenaza de lo fantástico. ROAS, David (org.). **Teorías de lo Fantástico**. Madrid: Arco/Libros S. L., 2001. p. 7-44.

ROAS, D. **Tras los límites de lo real**: una definición de lo fantástico. Madrid: Páginas de Espuma, 2011. (Colección Voces, 161).

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. Tradução de Julián Fuks. São Paulo: Editora Unesp (2014).

RODRIGUES, Quiá. **Cabeça de papelão**. YouTube, 7 de fev. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eyQGdK7tJMc&t=678s>. Acesso em: 06 de set. 2023.

RODRIGUES, Selma Calasans. **O Fantástico**. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1998.

SANTOS. Edjane Oliveira. **Relações dialógicas e epifânicas em crônicas de Clarice Lispector**. 2023. 48 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede – Profletras) - Universidade Federal de Sergipe – UFS, Itabaiana, 2023.

SANTOS. Eline Marques dos. **A sátira e a caricatura no conto “o homem da cabeça de papelão” de João do Rio**. 2013. 12 f. III Colóquio Filosofia e Literatura. Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2013. Disponível em: [chromeextension://efaidnbmnfnlbbbajpgjlfndkdj/https://gefelit.net/anais/Anais\\_III\\_p185\\_Eline\\_Marques\\_dos\\_Santos.pdf](chromeextension://efaidnbmnfnlbbbajpgjlfndkdj/https://gefelit.net/anais/Anais_III_p185_Eline_Marques_dos_Santos.pdf). Acesso em: 01 nov. 2023.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Premia, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2016.

TORRES, Antonio. “Preâmbulo”. In: \_\_\_\_\_. **As razões da inconfidência**. Rio de Janeiro: Castilhos, 1925.

USLAR PIETRI, Arturo. **Letras y Hombres de Venezuela**. México: Fondo de Cultura Economica, 1948.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 400p.

## **ANEXOS**

## **CANÇÃO *MARCHA SOLDADO***

Marcha soldado

Cabeça de papel

Quem não marchar direito

Vai preso pro quartel

O quartel pegou fogo

São Francisco deu sinal

Acode, acode, acode

A bandeira nacional”?

## ESCRITA DO CONTO PARA ESTUDO E ANÁLISE

### *O homem da cabeça de papelão* - João do Rio



Imagem disponível em: <https://www.livrofacil.net/o-homem-da-cabeça-de-papelao-9788577152681/p>

No País que chamavam de Sol, apesar de chover, às vezes, semanas inteiras, vivia um homem de nome Antenor. Não era príncipe. Nem deputado. Nem rico. Nem jornalista. Absolutamente sem importância social.

O País do Sol, como em geral todos os países lendários, era o mais comum, o menos surpreendente em ideias e práticas. Os habitantes afluíam todos para a capital, composta de praças, ruas, jardins e avenidas, e tomavam todos os lugares e todas as possibilidades da vida dos que, por desventura, eram da capital. De modo que estes eram mendigos e parasitas, únicos meios de vida sem concorrência, isso mesmo com muitas restrições quanto ao parasitismo.

Os prédios da capital, no centro elevavam aos ares alguns andares e a fortuna dos proprietários, nos subúrbios não passavam de um andar sem que por isso não enriquecessem os proprietários também. Havia milhares de automóveis à disparada pelas artérias matando gente para matar o tempo, cabarets fatigados, jornais, *tramways*, partidos nacionalistas, ausência de conservadores, a Bolsa, o Governo, a Moda, e um aborrecimento integral.

Enfim tudo quanto a cidade de fantasia pode almejar para ser igual a uma grande cidade com pretensões da América. E o povo que a habitava julgava-se, além de inteligente, possuidor de imenso bom senso. Bom senso! Se não fosse a capital do País do Sol, a cidade seria a capital do Bom Senso!

Precisamente por isso, Antenor, apesar de não ter importância alguma, era exceção mal vista. Esse rapaz, filho de boa família (tão boa que até tinha sentimentos), agira sempre em desacordo com a norma dos seus concidadãos.

Desde menino, a sua respeitável progenitora descobriu-lhe um defeito horrível: Antenor só dizia a verdade. Não a sua verdade, a verdade útil, mas a verdade verdadeira. Alarmada, a digna senhora pensou em tomar providências. Foi-lhe impossível.

Antenor era diverso no modo de comer, na maneira de vestir, no jeito de andar, na expressão com que se dirigia aos outros. Enquanto usara calções, os amigos da família consideravam-no um *enfant terrible*, porque no País do Sol todos falavam francês com convicção, mesmo falando mal. Rapaz, entretanto, Antenor tornou-se alarmante. Entre outras coisas, Antenor pensava livremente por conta própria. Assim, a família via chegar Antenor como a própria revolução. Os mestres indignavam-se porque ele aprendia ao contrário do que ensinavam; os amigos odiavam-no; os transeuntes, vendo-o passar, sorriam.

Uma só coisa descobriu a mãe de Antenor para não ser forçada a mandá-lo embora: Antenor nada do que fazia, fazia por mal. Ao contrário. Era escandalosamente, incompreensivelmente bom. Aliás, só para ela, para os olhos maternos. Porque quando Antenor resolveu arranjar trabalho para os mendigos e corria a bengala os parasitas na rua, ficou provado que Antenor era apenas doido furioso. Não só para as vítimas da sua bondade como para a esclarecida inteligência dos delegados de polícia a quem teve de explicar a sua caridade.

Com o fim de convencer Antenor de que devia seguir os tramitas legais de um jovem solar, isto é: ser bacharel e depois empregado público nacionalista, deixando à atividade da canalha estrangeira o resto, os interesses congregados da família em nome dos princípios organizaram vários meetings como aqueles que se fazem na inexistente democracia americana para provar que a chave abre portas e a faca serve para cortar o que é nosso para nós e o que é dos outros também para nós. Antenor, diante da evidência, negou-se.

— Ouça! bradava o tio. Bacharel é o princípio de tudo. Não estude. Pouco importa! Mas seja bacharel! Bacharel você tem tudo nas mãos. Ao lado de um político-chefe, sabendo lisonjear, é a ascensão: deputado, ministro.

— Mas não quero ser nada disso.

— Então quer ser vagabundo?

— Quero trabalhar.

— Vem dar na mesma coisa. Vagabundo é um sujeito a quem faltam três coisas: dinheiro, prestígio e posição. Desde que você não as tem, mesmo trabalhando — é vagabundo.

— Eu não acho.

— É pior. É um tipo sem bom senso. É bolchevique. Depois, trabalhar para os outros é uma ilusão. Você está inteiramente doido.

Antenor foi trabalhar, entretanto. E teve uma grande dificuldade para trabalhar. Pode-se dizer que a originalidade da sua vida era trabalhar para trabalhar. Acedendo ao pedido da respeitável senhora que era mãe de Antenor, Antenor passeou a sua má cabeça por várias casas de comércio, várias empresas industriais. Ao cabo de um ano, dois meses, estava na rua.

Por que mandavam embora Antenor? Ele não tinha exigências, era honesto como a água, trabalhador, sincero, verdadeiro, cheio de ideias. Até alegre — qualidade raríssima no país onde o sol, a cerveja e a inveja faziam batalhões de biliosos tristes. Mas companheiros e patrões prevenidos, se a princípio declinavam hostilidades, dentro em pouco não o aturavam. Quando um companheiro não atura o outro, intriga-o. Quando um patrão não atura o empregado, despede-o. É a norma do País do Sol.

Com Antenor depois de despedido, companheiros e patrões ainda por cima tomavam-lhe birra. Por que? É tão difícil saber a verdadeira razão por que um homem não suporta outro homem!

Um dos seus ex-companheiros explicou certa vez:

— É doido. Tem a mania de fazer mais que os outros. Estraga a norma do serviço e acaba não sendo tolerado. Mau companheiro. E depois com ares...

O patrão do último estabelecimento de que saíra o rapaz respondeu à mãe de Antenor:

— A perigosa mania de seu filho é por em prática ideias que julga próprias.

— Prejudicou lhe, Sr. Praxedes?

— Não. Mas podia prejudicar. Sempre altera o bom senso. Depois, mesmo que seu filho fosse águia, quem manda na minha casa sou eu.

No País do Sol o comércio é uma maçonaria. Antenor, com fama de perigoso, insuportável, desobediente, não pôde em breve obter emprego algum. Os patrões que mais tinham lucrado com as suas ideias eram os que mais falavam. Os companheiros que mais o haviam aproveitado tinham-lhe raiva. E se Antenor sentia a triste experiência do erro econômico no trabalho sem a norma, a praxe, no convívio social compreendia o desastre da verdade. Não o toleravam. Era-lhe impossível ter amigos, por muito tempo, porque esses só o eram enquanto não o tinham explorado.

Antenor ria. Antenor tinha saúde. Todas aquelas desditas eram para ele brincadeira. Estava convencido de estar com a razão, de vencer. Mas, a razão sua, sem interesse chocava-se à razão dos outros ou com interesses ou presa à sugestão dos alheios. Ele via os erros, as hipocrisias, as vaidades, e dizia o que via. Ele ia fazer o bem, mas mostrava o que ia fazer. Como tolerar tal miserável? Antenor tentou tudo, juvenilmente, na cidade. A digníssima sua progenitora desculpava-o ainda.

— É doido, mas bom.

Os parentes, porém, não o cumprimentavam mais. Antenor exercera o comércio, a indústria, o professorado, o proletariado. Ensinara geografia num colégio, de onde foi expulso pelo diretor; estivera numa fábrica de tecidos, forçado a retirar-se pelos operários e pelos patrões; oscilara entre revisor de jornal e condutor de bonde. Em todas as profissões vira os círculos estreitos das classes, a defesa hostil dos outros homens, o ódio com que o repeliam, porque ele pensava, sentia, dizia outra coisa diversa.

— Mas, Deus, eu sou honesto, bom, inteligente, incapaz de fazer mal...

— É da tua má cabeça, meu filho.

— Qual?

— A tua cabeça não regula.

— Quem sabe?

Antenor começava a pensar na sua má cabeça, quando o seu coração apaixonou-se. Era uma rapariga chamada Maria Antônia, filha da nova lavadeira de sua mãe. Antenor achava perfeitamente justo casar com a Maria Antônia. Todos viram nisso mais uma prova do desarranjo cerebral de Antenor. Apenas, com pasmo geral, a resposta de Maria Antônia foi condicional.

— Só caso se o senhor tomar juízo.

— Mas que chama você juízo?

— Ser como os mais.

— Então você gosta de mim?

— E por isso é que só caso depois.

Como tomar juízo? Como regular a cabeça? O amor leva aos maiores desatinos. Antenor pensava em arranjar a má cabeça, estava convencido.

Nessas disposições, Antenor caminhava por uma rua no centro da cidade, quando os seus olhos descobriram a tabuleta de uma “relojaria e outros maquinismos delicados de precisão”. Achou graça e entrou. Um cavalheiro grave veio servi-lo.

— Traz algum relógio?

— Trago a minha cabeça.

— Ah! Desarranjada?

— Dizem-no, pelo menos.

— Em todo o caso, há tempo?

— Desde que nasci.

— Talvez imprevisão na montagem das peças. Não lhe posso dizer nada sem observação de trinta dias e a desmontagem geral. As cabeças como os relógios para regular bem...

Antenor atalhou:

— E o senhor fica com a minha cabeça?

— Se a deixar.

— Pois aqui a tem. Conserte-a. O diabo é que eu não posso andar sem cabeça...

— Claro. Mas, enquanto a arranjo, empresto-lhe uma de papelão.

— Regula?

— É de papelão! explicou o honesto negociante. Antenor recebeu o número de sua cabeça, enfiou a de papelão, e saiu para a rua.

Dois meses depois, Antenor tinha uma porção de amigos, jogava o pôquer com o Ministro da Agricultura, ganhava uma pequena fortuna vendendo feijão bichado para os exércitos aliados. A respeitável mãe de Antenor via-o mentir, fazer mal, trapacear e ostentar tudo o que não era. Os parentes, porém, estimavam-no, e os companheiros tinham garbo em recordar o tempo em que Antenor era maluco.

Antenor não pensava. Antenor agia como os outros. Queria ganhar. Explorava, adulava, falsificava. Maria Antônia tremia de contentamento vendo Antenor com juízo. Mas Antenor, logicamente, desprezou-a propondo um concubinato que o não desmoralizasse a ele. Outras Marias ricas, de posição, eram de opinião da primeira Maria. Ele só tinha de escolher.

No centro operário, a sua fama crescia, querido dos patrões burgueses e dos operários irmãos dos espartaquistas da Alemanha. Foi eleito deputado por todos, e, especialmente, pelo presidente da República — a quem atacou logo, pois para a futura eleição o presidente seria outro. A sua ascensão só podia ser comparada à dos balões. Antenor esquecia o passado, amava a sua terra. Era o modelo da felicidade. Regulava admiravelmente.

Passaram-se assim anos. Todos os chefes políticos do País do Sol estavam na dificuldade de concordar no nome do novo senador, que fosse o expoente da norma, do bom senso. O nome de Antenor era cotado. Então Antenor passeava de automóvel pelas ruas centrais, para tomar pulso à opinião, quando os seus olhos deram na tabuleta do relojoeiro e lhe veio a memória.

— Bolas! E eu que esqueci! A minha cabeça está ali há tempo... Que acharia o relojoeiro? É capaz de tê-la vendido para o interior. Não posso ficar toda vida com uma cabeça de papelão!

Saltou. Entrou na casa do negociante. Era o mesmo que o servira.

— Há tempos deixei aqui uma cabeça.

— Não precisa dizer mais. Espero-o ansioso e admirado da sua ausência, desde que ia desmontar a sua cabeça.

— Ah! fez Antenor.

— Tem-se dado bem com a de papelão? — Assim...

— As cabeças de papelão não são más de todo. Fabricações por séries. Vendem-se muito.

— Mas a minha cabeça?

— Vou buscá-la.

Foi ao interior e trouxe um embrulho com respeitoso cuidado.

— Consertou-a?

— Não.

— Então, desarranjo grande?

O homem recuou.

— Senhor, na minha longa vida profissional jamais encontrei um aparelho igual, como perfeição, como acabamento, como precisão. Nenhuma cabeça regulará no mundo melhor do que a sua. É a placa sensível do tempo, das ideias, é o equilíbrio de todas as vibrações. O senhor não tem uma cabeça qualquer. Tem uma cabeça de exposição, uma cabeça de gênio, hors-concours.

Antenor ia entregar a cabeça de papelão. Mas conteve-se.

— Faça o obséquio de embrulhá-la.

— Não a coloca?

— Não.

— Vossa Excelência faz muito bem. Quem possui uma cabeça assim não a usa todos os dias. Fatalmente dá na vista.

Mas Antenor era prudente, respeitador da harmonia social.

— Diga-me cá. Mesmo parada em casa, sem corda, numa redoma, talvez prejudique.

— Qual! Vossa Excelência terá a primeira cabeça.

Antenor ficou seco.

— Pode ser que o senhor, profissionalmente, tenha razão. Mas, para mim, a verdade é a dos outros, que sempre a julgaram desarranjada e não regulando bem. Cabeças e relógios querem-se conforme o clima e a moral de cada terra. Fique V. com ela. Eu continuo com a de papelão.

E, em vez de viver no País do Sol um rapaz chamado Antenor, que não conseguia ser nada tendo a cabeça mais admirável — um dos elementos mais ilustres do País do Sol foi Antenor, que conseguiu tudo com uma cabeça de papelão.

## PRODUÇÕES ESCRITAS DOS ALUNOS

### PRODUÇÕES INICIAIS

Figura 4- Produção inicial - Estudante 1

"O homem da cabeça de Papelão"

Em um dia ensolarado, eu ia em uma loja da minha cidade. Quando eu me deparei com um homem com uma cabeça de papelão, então eu fui conversar com ele. Eu perguntei seu nome e ele mim falou que era Fabricio.

Eu perguntei para ele porque ele estava com aquela cabeça de papelão e ele mim disse que estava usando aquilo porque disseram a ele que quem usasse cabeça de papelão ficava rico.

E como ele era pobre, não tinha nada para vender estava usando a cabeça de papelão para ser o cara mais rico daquele lugar.

Eu disse a ele que aquilo não era verdade que era melhor ele deixar de usar aquilo e voltar a mostrar sua cabeça normal, mas ele disse que ia continuar usando porque tudo o que ele queria era ser rico e vai que aquilo fosse verdade, então ele seria o homem mais feliz e realizado do mundo.

Figura 5- Produção inicial - Estudante 2

### O homem da cabeça de papelão

Na cidade Ping Pong morava um homem com a cabeça de papelão, ele se chamava Romeu. Ele era diferente de todas as outras pessoas e isso é incomodava, a ponto dele querer trocar de cabeça.

Mas um certo dia, ele descobriu que sua diferente cabeça tinha uma utilidade mágica e incrível, ele podia ficar invisível. Ele descobriu isso quando estava correndo de uma onça na floresta, quando ele subiu em uma árvore pra se proteger. Cruzou os braços e imaginou como se tivesse sumido dali e de repente... puz! ele ficou invisível.

A partir desse dia ele nunca mais se sentiu triste com sua cabeça de papelão, mas sim feliz e privilegiado por ser diferente.

## PRODUÇÕES FINAIS

Figura 6- Produção final de conto neofantástico - Estudante 1- parte 1

### O adetinho poderoso

Tina morava em um país em que a maioria da população eram mulheres, era conhecido aquele lugar como o país das mulheres.

As mulheres eram felizes por não terem filhos e elas para casarem tinham que ir para outro país em busca de homens porque ali não tinha. Os homens que ali moravam, quando as esposas moriam, logo eles moriam.

Porém as mulheres daquele país apesar disso eram felizes e aceitavam o fato de não terem filhos do sexo masculino e ficarem vividas.

Tina era uma jovem delicada que sonhava em estudar, ter um trabalho digno para poder realizar seus sonhos. Porém a regra daquele lugar era a partir dos 15 anos a menina já tinha que ir para outro país em busca de um homem para casar e retornar ao seu país de origem para constituir a sua família e assim fazer o país prosperar.

Após completar os 15 anos, Tina foi dirigida ali em busca de encontrar marido. Assim ela foi para o país da terra e lá encontrou seu sonho, um homem elegante, porém trapaceiro, pois se esperava de que tinha conseguido

Figura 7- Produção final - Estudante 1 - parte 2

### Por meio de apostas

Tina se casou com João e logo engrasidou. Quando a criança nasceu foi uma surpresa para todos, pois a criança era do sexo masculino. Um caso raro naquele país, o que deixou o João feliz e Tina preocupada.

Os pais deram o nome a criança de Marcos. Marcos era um menino esperto e desde cedo já tendia para a vida fácil do pai João. Aprendeu rápido as trapacas nas apostas e assim foi crescendo e ajudando o pai a ganhar mais dinheiro de forma honesta.

Aquela situação não fazia Tina feliz, pois ela era uma mulher e acreditava que para se tirar que senhora tinha que trabalhar honestamente e assim ela fazia, trabalhava muito e pouco tinha enquanto marido e o filho nada se esforçava e enriquecia ligeiramente.

Esta situação passou a incomodar as mulheres daquele lugar, pois perderam a paz, tomou a vida as trapacas daqueles homens João e Marcos.

Como eram honestas, as mulheres se reuniram e decidiram acabar com as trapacas causadas pelas apostas daqueles homens e convocaram Tina a levar eles naquela reunião para terem uma conversa definitiva.

Tina levou eles e lá eles se viram a coadros com tantas mulheres insultando eles João e Marcos ficaram pentatidos e mesmo assim queriam continuar vivendo de apostas que eram mais lucrativo. Foi quando uma menina chamada Margarida pediu um abraço naqueles homens e assim celebrou um adeus por nos braços de João e Marcos e aqueles homens passaram a

Figura 8- Produção final Estudante 1 - parte 3

viver como as mulheres daquele país  
queriam.

João e Marcos poram vendo toda a riqueza  
deles aos poucos diminuindo e não  
conseguindo mais viver de apostas tudo  
que apostaria perdiam.

Certo dia, ao acordarem, João e Marcos  
estavam sem o dinheiro que tinha desaparecido.  
Foi então que a mente deles fizeram eles  
entenderem tudo que se passava. Assim,  
ao tentar fazer uma aposta eles  
conseguiram ganhar toda a riqueza do  
aquele país deixando as mulheres pobres  
e infelizes.

Ao ver a tristeza de Tina e das mu-  
lheres daquele lugar, que tinham perdido  
tudo, menos a alegria delas, João e Mar-  
cos poram culpados daquele país.

Tina optou por ficar sem o marido e  
sem o filho, mas alegre por morarem  
com as outras mulheres daquele país  
que viviam trabalhando e sendo felizes  
honestamente.

Figura 9- Produção final de conto neofantástico - Estudante 2 - parte 1

## O Óculos Poderoso

Bento vive em um país muito bonito, esse lugar era cheio de riquezas naturais, belas florestas e praias muito bonitas. Um país rico, mas as pessoas que governavam aquele lugar chamado de país do frio eram muito frias, corruptas, desonestas e mentirosas.

Mesmo chamado de país do frio lá que era frio mesmo era a maneira como as pessoas tratavam os outros, pouco se comunicavam entre si. Porém Bento sempre foi um cara verdadeiro, detestava mentiras e isso era mal para ele porque naquele país, como as pessoas eram frias e mentirosas, não suportam que era alegre, verdadeiro e comunicativo.

Bento sempre era perseguido e criticado por todos, inclusive por sua família, que sempre diziam a ele pra viver com os outros achava que era melhor para ele e isso era ruim para ele porque ele não conseguia ter nada na vida, nem amigos.

Um dia ao andar pela rua, Bento encontrou um homem drogado, morador de rua que estava ali fazia anos naquela situação e resolveu conversar com aquele homem. O drogado disse a Bento que foi parar ali naquele lugar porque era uma pessoa que só queria trabalhar honestamente.

Figura 10- Produção final - Estudante 2 - parte 2

7  
E como só falava a verdade ninguém  
lhe deu oportunidade de trabalho, foi então  
que ele começou a se drogar e viver nas  
ruas porque só assim ninguém o perseguia.  
Aquilo deixou Bento pensativo e an-  
dando mais um pouco, Bento encontrou  
um óculos quebrado em uma calçada que  
parecia novo. A usar o óculos, Bento sentiu  
um frio dentro de si, como se tivesse con-  
gelado e daquele dia em diante, Bento  
passou a viver como as pessoas daquele  
lugar.  
Bento vivia revendo coisas, vendendo  
mercadorias falsificadas, até que um dia foi  
contratado para trabalhar na casa de mee-  
da daquele país e lá passou a (usar)  
criar dinheiro falso e assim ficou rico  
ligeiramente. Bento tinha uma vida de  
luxo, tinha carros, mansões, enfim, vivia  
uma vida que não tinha.  
Por onde andava as pessoas viviam  
elogiando Bento, querendo ser seu amigo  
e todos tinham satisfação em falar  
e andar com ele.  
Bento vivia dia e noite com o óculos,  
não tirava pra tomar banho. Certo dia,  
passando pelo mesmo local que havia encontrado  
o óculos antes, ao olhar pra chão o óculos  
dele caiu no chão e ele teve uma visão,  
lembrou da vida que tinha quando a verda-  
de, sendo uma pessoa alegre e a vida  
que ele tem agora, sendo uma pessoa  
rico mentiroso, corrupto, aproveitador,  
píra e com muitos amigos.

Figura 11- Produção final - Estudante 2 - parte 3

1  
Foi então que Bento fechou os olhos do chão  
e decidiu continuar sendo fraco, e o po-  
deroso que se tornou e continuou segun-  
do seu caminho para onde sempre ia  
visitando e fazendo tudo de acordo com a ideia  
e opiniões das outras pessoas daquele país.

## REPORTAGENS PESQUISADAS

### REPORTAGEM 1

#### **Polícia prende acusados de ostentar vida de luxo após aplicação de golpes em idosos**

No total, são cinco mandados de prisão temporária e 11 de busca e apreensão divididos entre Rio de Janeiro e Bahia.

A Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF), em articulação com as polícias do Rio de Janeiro e Bahia, realiza, nesta terça-feira (4), uma operação contra um grupo acusado de ostentar vida de luxo custeada por meio de uma série de golpes financeiros cujos alvos eram principalmente idosos.

No total, são cinco mandados de prisão temporária e 11 de busca e apreensão divididos entre [Rio de Janeiro](#) e Bahia. Até o momento, quatro pessoas já foram presas.

De acordo com as investigações, o grupo obtinha dados pessoais e financeiros das vítimas e fazia ligações de centrais telefônicas clandestinas instaladas em empresas de fachada.

Eles se passavam por funcionários da área de segurança dos bancos em que as vítimas tinham conta.

“Por efetuarem ligações de números 0800, bem como por estarem em posse de informações financeiras precisas das vítimas, os autores passavam grande credibilidade e induziam e mantinham as vítimas em erro”, relatou a PCDF.

Os acusados solicitavam documentos pessoais e fotografia de selfie, por exemplo, como se uma nova conta estivesse sendo aberta.

“Após serem abertas as novas contas, os autores solicitavam a realização das transferências dos valores e, como as contas estavam sob a titularidade das vítimas (estavam em seu nomes), elas acabavam por transferir todos os valores que possuíam na conta bancária que acreditavam estar com suspeita de fraude”, explicou a polícia.

“Após a transferência dos valores, os criminosos, que possuíam as senhas e a administração de fato das contas recém-abertas, efetuavam a transferências dos valores auferidos para as conta bancárias de empresas de fachada localizadas nos estados do Rio de Janeiro e da Bahia”, completou.

Uma das vítimas, por exemplo, um idoso de 72 anos transferiu R\$ 180 mil aos criminosos neste golpe. As autoridades descobriram que o dinheiro desviado neste esquema sustentava “uma luxuosa vida, realizando viagens nacionais e internacionais, participando de festas badaladas e de festas em comunidades do Rio de Janeiro, além de adquirirem diversos bens de luxo”.

Os investigados responderão pelos crimes de fraude eletrônica, organização criminosa e lavagem de dinheiro.

“Caso condenados, por cada crime de estelionato praticado contra idosos os autores estarão sujeitos a uma pena que pode alcançar os 10 anos de prisão. Pelos crimes de lavagem de dinheiro e associação criminosa eles estão sujeitos a uma pena que pode alcançar 13 anos de prisão. Estima-se que, em todo território nacional, o grupo criminoso tenha feito mais de 100 vítimas”, informou a polícia.

(Publicado por Léo Lopes, com informações de Gabriele Koga)

Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/policia-prende-acusados-de-ostentar-vida-de-luxo-apos-aplicacao-de-golpes-em-idosos/>

## REPORTAGEM 2

### **Corrupção: desvios no SUS somam mais de R\$ 4,5 bilhões**

Fonte : Conselho Federal de Medicina (CFM) –

Nos últimos 14 anos, R\$ 4.555.960.367,85 que deveriam servir ao Sistema Único de Saúde (SUS) escorreram pelo ralo da corrupção. Esse é o montante de dinheiro desviado da Saúde, entre 2002 e 2015, segundo constatações encaminhadas ao Tribunal de Contas da União (TCU) pela Controladoria-Geral da União (CGU). A Saúde responde sozinha por quase um terço (29%) dos recursos federais que se perderam no caminho. Ao todo, a União perdeu R\$ 15,9 bilhões em desvios.

Os números refletem fraudes ou outras irregularidades identificadas pelo Ministério da Saúde ou pela CGU em 5.366 casos que motivaram a instauração de uma Tomada de Contas Especial (TCE), instrumento de que dispõe a administração pública para ressarcir-se de eventuais prejuízos causados por irregularidade em convênios, fraudes no pagamento de pessoal e danos ao patrimônio.

Embora o valor apontado pela CGU corresponda a uma pequena fração do orçamento do Ministério da Saúde ao longo dos últimos anos, o 1º secretário do CFM e conselheiro federal por Minas Gerais, Hermann Tiesenhausen, ressalta que a estrutura de controle do dinheiro do SUS é mínima em comparação com o volume de recursos auditado.

“Normas coercitivas, acesso à educação, modernização da gestão e melhoria dos instrumentos de controle e avaliação, em todos os níveis, são elementos imprescindíveis a um novo paradigma sobre a corrupção. O fato é que não há receita pronta contra este mal, cujo combate necessita reação motivada pela indignação que provoca”, lamentou Tiesenhausen.

#### **Disponível em:**

[https://www.amg.org.br/amg\\_noticias/corruptao-desvios-no-sus-somam-mais-de-r-45-bilhoes/#:~:text=Nos%20%C3%BAltimos%2014%20anos%2C%20R,Geral%20da%20Uni%C3%A3o%20\(CGU\)](https://www.amg.org.br/amg_noticias/corruptao-desvios-no-sus-somam-mais-de-r-45-bilhoes/#:~:text=Nos%20%C3%BAltimos%2014%20anos%2C%20R,Geral%20da%20Uni%C3%A3o%20(CGU))



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
Programa de Pós-graduação em Letras Profissional em  
RedeUnidade Itabaiana



## TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS

**Título do projeto:** Relações dialógicas no conto neofantástico *O homem da cabeça de papelão*, de João do Rio.

**Pesquisador responsável:** Ana Célia Santana Morais

**Orientador:** José Ricardo Carvalho da Silva

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

**Telefones para contato:** (74)999685220

A pesquisadora do projeto acima declara estar ciente das normas, resoluções e leis brasileiras as quais normatizam a utilização de documentos para coleta de dados identificados e na impossibilidade de obtenção do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), devido a óbitos de informantes assume o compromisso de:

- I. Preservar a privacidade dos sujeitos, cujos dados serão coletados;
- II. Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do projeto em questão;
- III. Assegurar que as informações obtidas serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar os sujeitos da pesquisa.

Itabaiana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
Ana Célia Santana Morais	
José Ricardo Carvalho da Silva	



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
Programa de Pós-graduação em Letras Profissional em  
RedeUnidade Itabaiana



### TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

**Título do projeto:** Relações dialógicas no conto neofantástico *O homem da cabeça de papelão*, de João do Rio.

**Pesquisador responsável:** Ana Célia Santana Morais

**Orientador:** José Ricardo Carvalho da Silva

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

**Local da coleta de dados:**

A pesquisadora do projeto Ana Célia Santana Morais se compromete a preservar a privacidade dos sujeitos da pesquisa, cujos dados serão coletados através de questionários, utilizando gravações ou filmagens. A pesquisadora também concorda com a utilização dos dados única e exclusivamente para a execução do presente projeto. A divulgação das informações só será realizada de forma anônima e sendo os dados coletados, bem como os Termos de Consentimento Livre Esclarecido e o termo de compromisso de Coleta mantidos sob a guarda do Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede, da Unidade de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, por um período de (cinco anos), sob a responsabilidade do professor José Ricardo Carvalho da Silva. Após este período os dados serão destruídos.

Itabaiana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
Ana Célia Santana Morais	
José Ricardo Carvalho da Silva	



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO



Programa de Pós-graduação em Letras Profissional em  
RedeUnidade Itabaiana

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, aluno(a) do 7º ano do ensino fundamental, da Escola Municipal João Lopes, localizada no município de Monte Santo Bahia, autorizo a professora Ana Célia Santana Morais a utilizar minha imagem e minhas produções referentes às atividades relacionadas ao projeto “Relações dialógicas no conto fantástico O homem da cabeça de papelão de João do Rio”, desenvolvido pela mesma, em uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, junto à Universidade Federal de Sergipe.

Estou ciente de que as produções serão despessoalizadas e de que minha identidade será mantida em sigilo.

Monte Santo - BA, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura por extenso

Como tenho menos de 18 anos, meu responsável legal também assina o documento.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO



Programa de Pós-graduação em Letras Profissional em  
RedeUnidade Itabaiana

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Como tenho menos de 18 anos, meu responsável legal também assina o documento.

Eu, \_\_\_\_\_, residente na cidade de Monte Santo, no Estado de Bahia, assino a cessão de direitos da produção do aluno acima identificado, desde que seja preservado o sigilo como manda o Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, resolução 196/96 versão 2012.

Monte Santo - BA, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura por extenso